

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

PEDRO SOUZA MOREIRA DA SILVA

**PLANTAS EM CONFLITO. O USO DE RECURSOS VEGETAIS PELO
EXERCITO IMPERIAL NA GUERRA DO PARAGUAI**

Rio de Janeiro
2020

PEDRO SOUZA MOREIRA DA SILVA

**PLANTAS EM CONFLITO. O USO DE RECURSOS VEGETAIS PELO
EXERCITO IMPERIAL NA GUERRA DO PARAGUAI**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Lorelai Brilhante Kury

Rio de Janeiro
2020

PEDRO SOUZA MOREIRA DA SILVA

PLANTAS EM CONFLITO. O USO DE RECURSOS VEGETAIS PELO EXÉRCITO IMPERIAL NA GUERRA DO PARAGUAI

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Lorelai Brilhante Kury

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)
Orientadora

Prof. Dr José Augusto Pádua

(Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Prof. Dr André Felipe Cândido da Silva

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Suplentes:

Profa. Dra Magali Romero Sá

(Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz)

Prof. Dr Sandro Dutra e Silva

(Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais do Cerrado da Universidade Estadual de Goiás)

Rio de Janeiro
2020

Ficha catalográfica

S586p Silva, Pedro Souza Moreira da.

Plantas em conflito : o uso de recursos vegetais pelo exército imperial na Guerra do Paraguai / Pedro Souza Moreira da Silva ; orientado por Lorelai Brilhante Kury. – Rio de Janeiro : s.n., 2020.

105 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) –
Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2020.

Bibliografia: 102-105f.

1. Etnobotânica. 2. Fitoterapia. 3. Dieta. 4. História do Século XIX.
5. Brasil. 6. Argentina. 7. Paraguai.

CDD 581

À minha avó

AGRADECIMENTOS

Sendo professor da educação básica há mais de dez anos, é quase impossível não reconhecer a importância do processo de alfabetização realizado pelas incansáveis profissionais de primeiras letras. Quando uma pessoa aprende a ler, uma porta se abre e não se fecha jamais. Lendo, o ser humano é capaz de acessar uma quantidade inalcançável de informações produzidas ao longo dos séculos de existência da nossa espécie. Como sou formado em Ciências Biológicas, passei por um novo processo de alfabetização na Casa de Oswaldo Cruz. A partir disso, agora consigo, mesmo que ainda timidamente, ler o mundo através dos olhos da História. Agradeço à todos os professores do PPGHCS que, pacientemente, me ensinaram a entender e admirar ainda mais essa feiticeira (usando as palavras de George Duby) chamada História. Em especial, um agradecimento à professora Kaori Kodama que, com grande sensibilidade, percebeu as minhas lacunas e indicou a leitura do indispensável Marc Bloch. À Kaori, meu muito obrigado.

Agradeço a minha orientadora, Lorelai Kury, por tudo que fez por mim e pela dissertação ao longo desses dois anos. Lorelai, além de me orientar, foi a principal agente nesse novo processo de alfabetização que passei, e ainda passo, na COC. Agradeço a grande paciência, os conselhos e cuidado que teve comigo. Se um dia conseguir alcançar uma pequena parte da sua competência e sobria visão de mundo, já estarei bastante satisfeito.

Agradeço aos pesquisadores José Augusto Pádua e André Felipe Candido, pela participação e pelos conselhos tão valiosos na qualificação. A partir daquele momento, além de tentar reorganizar o trabalho, conheci uma literatura incrível sobre História Ambiental de guerras. Baseando-me em Eduardo Galeano (quando descreve a utopia), esses dois pesquisadores, assim como a Lorelai, funcionam como o horizonte para mim. Mesmo que eu nunca chegue até lá, me servem de inspiração e exemplo para continuar caminhando.

À todos os colegas de turma e funcionários do PPGHCS, que fizeram minha rotina de trabalho e estudo se tornar um pouco mais leve nesses dois anos.

Àos meus amigos, todos eles, que estiveram sempre ao meu lado. Para representá-los, agradeço pessoalmente à Valesca e ao Pedro Antonio. Valesca, além de me presentear com dois livros muito importantes, sempre esteve a disposição para ouvir minhas lamúrias e dar conselhos acerca dos trâmites teóricos que envolvem o nosso campo. Pedro Antonio que, além da grande parceria, desde áureos tempos me estimula verbalmente, e por diversas vezes, a ingressar no mestrado.

À minha querida e amada esposa, Gabriele. Uma incrível professora que me inspira e

estimula todos os dias a lutar por uma educação real e libertadora; que teve grande paciência em não somente ouvir as minhas dúvidas em relação à diferentes aspectos do mestrado mas também opinar na dissertação. Obrigado, Gabi, por todo o seu tempo, amor e dedicação.

Ao meu irmão Rogerio e às minhas irmãs Fernanda e Flávia, que me ensinaram sempre tantas coisas da vida.

À minha mãe, que mesmo com sua grande luta diária, me estimulou a gostar de música e poesia e, acima de tudo, reconhecer que nenhum ser humano é substituível.

Por fim, deixo meu recado mais especial para agradecer à minha avó materna, que me criou e cuidou tantos anos de mim. Me ensinou a escolher as frutas na feira, no mercado, a identificar quando cada uma estava madura, os seus nomes e como são feitos os plantios. Por todas as histórias que me contou sobre sua terra natal, Canavieiras, quando lidava com coco, cacau, bois, mar e tantas outras coisas. Pelas histórias de Duque de Caxias, sua segunda terra. Pelas idas ao Jardim Botânico (e aqui aproveite também para agradecer minha tia Léa). Por ter me estimulado, desde pequeno, a conversar com as plantas.

É, vovó, o que eu não sabia era que as plantas tem tantas histórias pra contar.

RESUMO

A dissertação desenvolvida busca analisar as relações entre as plantas, recursos vegetais e as tropas do exército brasileiro durante a Guerra do Paraguai. Partindo de uma perspectiva não antropocêntrica, o trabalho aborda a centralidade das plantas e recursos vegetais no cotidiano dos militares. Os dados utilizados são referentes aos três primeiros anos do conflito (1865-1867) e a alguns locais específicos: as províncias brasileiras percorridas pela coluna expedicionária para o Mato Grosso (São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso), Corrientes na Argentina e a regiões fronteiriças entre Paraguai e Brasil e entre Argentina e Paraguai.

O trabalho analisa duas condições distintas enfrentadas pelo exército brasileiro: momentos envolvendo itinerância, onde as tropas estiveram constantemente em marcha, e situações vividas em estruturas mais estáveis, sem marcha contínua, como os hospitais militares em Corrientes.

As plantas e os produtos vegetais possuem uma relação extremamente íntima e simbiótica com o ser humano. Diversas atividades vitais da nossa espécie, como alimentação e combate a doenças, dependem diretamente das plantas. Na Guerra do Paraguai não foi diferente.

Alimentação e cuidados com a saúde foram os principais papéis desempenhados pelas plantas analisados nos capítulos da dissertação. Porém, mesmo que de forma relativamente secundária, alguns outros papéis também foram analisados. Por exemplo, as plantas participaram diretamente das ações bélicas como armamento, dificultando a ultrapassagem de terrenos e facilitando a marcha em outras vezes.

As plantas atuaram sobre a estrutura física dos militares quando passavam por fome e doença. Nos hospitais, o acesso a recursos extraídos diretamente do ambiente não foi uma realidade corriqueira. Porém, em situações itinerantes, a relação entre as tropas e as plantas do ambiente foi intensa, permitindo aos soldados e oficiais contornar, mesmo que de forma parcial, a ausência de víveres fornecidos pelas vias institucionais.

Palavras chave: Guerra do Paraguai, história ambiental, plantas, recursos vegetais, Taunay

ABSTRACT

The dissertation developed seeks to analyze the relationships between plants, plant resources and the troops of the Brazilian army during the Paraguayan War. Starting from a non-anthropocentric perspective, the work addresses the centrality of plants and plant resources in the daily lives of the military. The data used refer to the first three years of the conflict (1865-1867) and to some specific places: the Brazilian provinces traveled by the expeditionary column to Mato Grosso (São Paulo, Minas Gerais, Goiás and Mato Grosso), Corrientes in Argentina and the border regions between Paraguay and Brazil and between Argentina and Paraguay.

The work analyzes two different conditions faced by the Brazilian army: moments involving roaming, where the troops were constantly on the march, and situations experienced in more stable structures, without continuous march, such as the military hospitals in Corrientes.

Plants and plant products have an extremely intimate and symbiotic relationship with humans. Several vital activities of our species, such as feeding and fighting diseases, depend directly on plants. The Paraguayan War was no different.

Food and health care were the main roles played by plants analyzed in the dissertation chapters. However, even if in a relatively secondary way, some other roles were also analyzed. For example, plants participated directly in war actions as armaments, making it difficult to overtake terrains and facilitating the march at other times.

The plants acted on the physical structure of the military when they went through hunger and disease. In hospitals, access to resources extracted directly from the environment was not an everyday reality. However, in itinerant situations, the relationship between troops and plants in the environment was intense, allowing soldiers and officers to circumvent, even if only partially, the absence of supplies provided by institutional channels.

Keywords: Paraguayan War, environmental history, plants, plant resources, Taunay

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Mapa do trajeto percorrido pela coluna. Desenho do Visconde de Taunay retirado de Doratioto, F. *Maldita Guerra: a nova História da Guerra do Paraguai*. página 38
- Duas magens de Igrejas servindo como Hospitais de Sangue em Corrientes, 1866. Elas fazem parte do acervo online da Brasileira Fotográfica/Biblioteca Nacional. páginas 73 e 74.
- Mapa da Cidade de Corrientes, 1867. Retirado do diário de André Rebouças. página 72
- Nuvem de palavras construída a partir de documentos referentes aos fármacos de origem vegetal utilizados nos hospitais em Corrientes. página 95
- Aquarela representando os uniformes dos Corpos de Voluntários da Pátria. Publicado no livro *Uniformes do Exército Brasileiro*, 1922. Página 98

LISTA DE SIGLAS

- Arquivo Histórico do Exército (AHEx)

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1- Revisão bibliográfica sobre a Guerra do Paraguai	13
1.1 - Por que fazer uma revisão bibliográfica	13
1.2 - Tempos e ideologias	13
1.3 - Produção bibliográfica brasileira	14
1.3.1 - Os ex combatentes: Taunay e Cerqueira	14
1.3.2 - O Brasil república e a obra de Augusto Tasso Fragoso	16
1.3.3 - O revisionismo das décadas de 60 e 70	18
1.3.4 - Década de 90: Ricardo Salles, Vitor Izeckson e Wilma Peres Costa	19
1.3.5 - Francisco Doratioto e <i>Maldita Guerra: uma nova história da Guerra do Paraguai</i>	21
Capítulo 2 – Taunay, o ambiente natural e a guerra no Mato Grosso	23
2.1 - A Província de Mato Grosso em 1864	23
2.2 - Os paraguaios invadem o sul da província.	25
2.3 - O Império reage - A coluna expedicionária do Mato Grosso.	27
2.4 - O tenente de artilharia Bacharel Alfredo D'Escragnolle Taunay e sua produção sobre o conflito.	29
2.5 - Obras analisadas	33
2.5.1 - Relatório da comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a província de Mato Grosso: 1865-1866	33
2.5.2 - Scenas de Viagem	34
2.5.3 - A Retirada da Laguna	36
2.6 - Relações entre as tropas e os recursos vegetais	37
2.6.1 – Alimentação	37
2.6.1.1 - De Santos ao Coxim	37
2.6.1.2 - Entre os Rios Taquary e Aquidauna	40
2.6.1.3 - Entrando e saindo do Paraguai: A Retirada da Laguna	42
2.6.2 – Contemplação	47

2.6.3 - Fins bélicos	48
2.6.4 - Fármacos e outras relações	56
2.7 - O abastecimento das tropas e a situação agrária do Mato Grosso.	58
2.8 - Fome e distância: uma relação inversa	59
Capítulo 3 – Saúde e alimentação em uma guerra estacionária	61
3.1 - Substituição do comando e a estratégia militar pós- Curupaiti	61
3.2 - Patentes em um jogo estratificado	63
3.2.1 - O Corpo de Saúde do Exército	64
3.3 - Movimento dinâmico entre estruturas fixas	66
3.3.1 - Complexo hospitalar de Corrientes	66
3.3.1.2 - Hospital Militar Brasileiro em Corrientes	69
3.4 - Alimentação e medicação nos Hospitais em Corrientes	72
3.4.1 - Pacientes impacientes	74
3.4.2 – Alimentação	76
3.4.2.1 – Açúcar	80
3.4.2.2 – Araruta	81
3.4.2.3 - Chá, pão e outros alimentos	82
3.4.2.4 - Agência e mediação no acesso aos recursos vegetais	84
3.4.2.5 - Alimentação no Hospital do Saladeiro em 1867	85
3.4.2.6 - Recursos e doentes	87
3.4.3 – Fármacos	89
3.4.3.1 Fornecedores	89
3.4.3.2 Quina, goma arábica e outras: a base vegetal dos medicamentos utilizados nos hospitais em Corrientes.	90
3.4.3.3 Cacau e Simaruba	91
3.4.3.4 Febres, dores e analgésicos	92
Conclusão	95
Fontes manuscritas	102
Bibliografia	102

Introdução

Aspectos gerais do conflito

A Guerra do Paraguai, também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra Grande, por distintos pontos de vista pode ser considerada o maior conflito armado pós colonial ocorrido na América Latina. Maior em perda de vidas humanas, maior em tempo de duração e maior em consumo de recursos naturais, o conflito modificou profundamente aspectos das sociedades e ambientes que formavam os países beligerantes. Como consequência da própria formação dos Estados na bacia do Rio da Prata, a Tríplice Aliança, formada pelo Império do Brasil, Argentina e Uruguai, guerreou contra o Paraguai de 1864 a 1870.¹

Das 366 guerras de grandes dimensões que ocorreram entre 1740 e 1974 somente 37 %, e a Guerra do Paraguai está incluída neste grupo, duraram mais de quatro anos.² Situando o conflito em um espaço temporal de mais de duzentos anos, é possível perceber que a Guerra do Paraguai faz parte de uma minoria em relação ao seu tempo de duração. A grande duração do conflito foi algo completamente inesperado para os três países que formavam o bloco contrário ao Paraguai, denominado Tríplice Aliança. Em um pronunciamento bastante famoso, o General Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina e comandante das forças aliadas, deixa claro o seu otimismo em relação a duração da Guerra. Diante de uma grande multidão, o general prometeu que as forças estariam "em 24 horas nos quartéis, em quinze dias em Corrientes, em três meses em Assunção".³ No início das convocações para o recém formado Corpo de Voluntários da Pátria, parte do exército brasileiro criada especificamente para ações na Guerra, a adesão foi massiva a ponto da província baiana cessar momentaneamente as convocações devido ao grande número de recrutas que se apresentaram. Tal fato demonstra que, no Brasil, a crença em uma guerra pouco duradoura também era uma realidade. Apesar do otimismo dos comandantes e da população dos países que formavam a Tríplice Aliança, o início das hostilidades se deu em 28 de novembro de 1864 e o fim da Guerra ocorreu somente com a morte do presidente paraguaio Solano Lopez, em 1 de março de 1870.

As batalhas e deslocamentos de tropas ocorreram em ambientes diversos e, em grande parte das vezes, desconhecidos pelas tropas imperiais. Confrontos navais, deslocamento por

¹ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra. Uma Nova História da Guerra do Paraguai*. Companhia das Letras. São Paulo, 2002

² *Ibidem*

³ *Ibidem* p.138

vapores, ultrapassagens a nado, retirada de grandes contingentes por terra, encontro de batalhões de infantaria e cavalaria em campo aberto e a descrição de muitas outras situações que demonstram tal diversidade podem ser observadas na literatura produzida sobre o assunto. Documentos e relatos de participantes da guerra contém descrições sobre a biodiversidade natural presente no Paraguai e nos estados brasileiros invadidos e percorridos pela coluna expedicionária que rumou para o Mato Grosso . Alguns participantes publicaram materiais que descrevem a utilização de recursos naturais institucionalizados e alternativos durante os cinco anos de conflito, demonstrando a união entre diversidade local e a necessidade do consumo de víveres e outros recursos para a continuidade das operações.

Em relação à locomoção das tropas e transporte de suprimentos, a Guerra do Paraguai pode ser considerada um conflito antigo,⁴ no qual os deslocamentos por grandes distâncias eram feitos basicamente a pé ou utilizando tração animal. A malha ferroviária existente no Brasil não chegava até o front ou nem, pelo menos, até a fronteira paraguaia. A coluna que atuou na Província do Mato Grosso, por exemplo, se deslocou de Santos (São Paulo) até a Vila de Miranda (no atual Mato Grosso do Sul) sem utilizar barcos a vapor ou linhas férreas. Devido à grande extensão territorial do país e pelo fato de a Corte e as grandes cidades estarem no litoral atlântico, o suprimento das tropas brasileiras foi muito dificultado.

Consequências: quase todos saíram perdendo

O Paraguai, país derrotado, sofreu uma enorme queda demográfica causada também pela fome e pelas doenças que assolaram a população durante os cinco anos de conflito. Além disso, houve significativa destruição das suas estruturas urbanas e alteração dos ambientes naturais. É importante ressaltar que grande parte desse catastrófico desfecho para o país guarani está diretamente relacionado ao fato de que a maioria das ações militares ocorreram no seu território. Ao analisar a realidade dos três países vencedores após a guerra, engana-se aquele que acredita que as repúblicas Argentina e Uruguia e o Império do Brasil conviveram somente com possíveis benefícios relacionados ao êxito militar final. Para exemplificar as consequências relativas ao pós guerra para os países aliados, pode -se assinalar que o Império, mesmo vencedor, saiu do conflito com uma grande dívida acumulada, resultado dos empréstimos e realocação de recursos internos feitos ao longo dos anos de conflito. Grande parte deste

⁴ FIEGE, Mark. "Gettysburg and the Organic Nature of the American Civil War" In: *Natural ally, natural enemy. Toward an Environmental History of War*. Corvallis: Oregon State University Press, 2004

montante está relacionado com o investimento na compra de alimentos para as tropas. O Uruguai teve seu presidente, Venâncio Flores, assassinado em seu próprio território no penúltimo ano da Guerra, fato que demonstra as tensões políticas internas que estavam presentes na sociedade uruguaia, mesmo quando a tomada da capital paraguaia se aproximava. A Argentina, mesmo com o poder central fortalecido após os anos de Guerra, teve como consequências o recrudescimento da oposição federalista interna e das rebeliões contra o governo nacional.⁵

As relações entre recursos vegetais e as tropas

O objeto principal desta dissertação envolve as relações entre plantas, recursos vegetais e militares brasileiros no teatro de guerra. Admite-se no trabalho que recursos vegetais são produtos de origem vegetal utilizados pelos seres humanos. Os recursos e plantas analisados estão ligados à diferentes atividades humanas como alimentação e cuidados com a saúde principalmente, e também construção civil e utilização bélica. Além das relações explicitamente utilitárias, também foram analisadas outras interações entre militares e plantas presentes no ambiente natural do teatro de guerra. Tais interações estão relacionadas à contemplação do ambiente, dificuldades na ultrapassagem de matas fechadas, entre outras. O trabalho analisou especificamente os dados referentes aos anos entre 1865 e 1868 e locais relacionados à fronteira entre a Argentina e o Paraguai, às províncias brasileiras percorridas pela coluna expedicionária e a região fronteira do atual estado do Mato Grosso do Sul e o Paraguai. Os locais estão ligados especificamente a dois tipos diferentes de situação de guerra. Uma das situações é a marcha desenvolvida pela coluna expedicionária que percorreu o caminho de Santos até o Mato Grosso, envolvendo o deslocamento quase constante das tropas. A outra foi o cotidiano vivido pelas tropas nos hospitais militares, situação que envolvia estruturas e dinâmicas de abastecimento um pouco mais estáveis.

Existem diversos trabalhos na área de história que têm as plantas como objeto de pesquisa. Elas já foram analisadas sob o ponto de vista etnobotânico medicinal, vinculadas ao estudo das práticas de cura e a produção de conhecimento europeu (metropolitano e colonial) e indígena sobre as propriedades medicinais de cada vegetal.⁶ As plantas também foram

⁵ *Ibidem*

⁶ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A Natureza em Boiões. (medicinas e boticários no Brasil setecentista)*. São Paulo: Unicamp, 1999.

observadas e descritas dentro de processos históricos vinculados ao homem mas inseridas em uma perspectiva ambiental, nas quais acompanhavam de forma intencional ou não as empreitadas de colonização europeia, modificando o ambiente e facilitando ou dificultando a sua ocupação.⁷ Além destas perspectivas, as plantas também aparecem em trabalhos que buscam descrever o desenvolvimento do olhar da sociedade sobre o ambiente natural e a criação de políticas públicas relacionadas ao manejo do meio ambiente.⁸

O trabalho analisou as plantas e o seus usos sob o ponto de vista histórico, utilizando as metodologias desta área do conhecimento mas sem descartar, mesmo que indiretamente, os conhecimentos e contribuições oriundos das ciências naturais. Não pretendeu-se aqui unir metodologias díspares tentando amalgamar áreas de estudos que apresentam diferenças claras e salutares mas sim “ explorar a maneira como formas de conhecimento distintas, com objetos de estudo diferentes, possuem alguns pressupostos similares que permitem uma espécie de tradução metodológica, através da qual se estabelece uma janela de comunicação.” (DUARTE,2009:930) Desta forma, admite-se:

que essa abertura pode ser valiosa para a historiografia contemporânea e estabelecer a maneira pela qual a biologia traz, ao historiador que explore as porosidades e interfaces entre as duas disciplinas, elementos para um exercício efetivamente transdisciplinar, na busca de maior compreensão do mundo em sua complexidade. (DUARTE,2009:930)

Apesar de o objetivo do trabalho ser a análise da relação entre os seres humanos e os recursos vegetais, o projeto seguirá uma abordagem não exclusivamente antropocêntrica. Buscou-se aqui uma visão que não coloque o homem como figura soberana perante a natureza onde os recursos naturais e o ambiente existam puramente para suprir as necessidades humanas.⁹ Desde seu surgimento, a espécie humana atual necessita lidar com o ambiente e desenvolve estratégias para sobreviver no mundo natural. Por isso, ao analisar as plantas (neste caso principalmente aquelas presentes no ambiente natural do teatro de guerra), pretendeu-se percebê-las como agentes provedores das possibilidades das ações bélicas, isto é: a presença ou ausência de determinadas plantas e seus produtos permitiu um conjunto de ações durante o

⁷ CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico.a expansão biológica da Europa, 900-1900*. Tradução: José Augusto Ribeiro, Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

⁸ PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição : pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

⁹ DOMANSKA, Ewa. Para Além do Antropocentrismo nos Estudos Históricos. *Expedições: Teoria da História e Historiografia*, v. 4, n. 1, p. 9-26, jan.-jul. 2013.

conflito enquanto impossibilitou outros. Por isso, a análise do uso das plantas nos acampamentos, hospitais e outros locais do teatro de guerra será realizada admitindo que os vegetais e seus respectivos produtos não são puramente objetos de caráter passivo. Deste modo, as plantas são tratadas como agentes não humanos que participaram da construção do cotidiano dos militares durante a guerra.

Alguns autores também trabalham com seus temas de pesquisa partindo desta possibilidade de análise sobre os objetos. Por exemplo, na concepção da Teoria do Ator- Rede trabalhado por Bruno Latour, os objetos têm agência e isto significa “estar associado de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas”. (LATOURE,2012:158) Apesar de a dissertação desenvolvida ter o autor como referencial teórico, não utilizou integralmente suas propostas e nem seguiu exclusivamente suas perspectivas de análise.

Seguindo uma linha de análise não antropocêntrica, é importante analisar as plantas que participaram do conflito a partir do ponto de vista biológico, não pelo que elas representam de forma isolada mas sim como espécies companheiras do ser humano.¹⁰ É preciso perceber que “a natureza humana é uma relação entre espécies”. (TSING,2015:184) Por isso, é possível analisar não somente como os seres humanos domesticam as plantas mas também a forma como as plantas domesticam os seres humanos.¹¹ A interação com vegetais específicos ou a ausência destas interações influenciaram nas decisões e ações militares durante a Guerra do Paraguai, evidenciando a agência das plantas no conflito.

O caminho teórico e metodológico do trabalho está intimamente relacionado à História Ambiental praticada a partir do final do século XX, fato que é mais evidente no segundo capítulo da dissertação. Os aspectos sociais humanos e os próprios do mundo natural não são tratados de forma dualista e independente. A interação entre eles é uma das principais chaves de análise da dissertação, sendo tal aspecto uma das pretensões dos trabalhos desta área do conhecimento. Seguindo os preceitos e desafios contemporâneos da História Ambiental, as plantas e todo o ambiente natural não serão um simples plano de fundo, se distanciando da idéia que os humanos “flutuam” em relação à natureza. Adaptando parte de uma bela analogia apresentada pelo historiador José Augusto Pádua em seu artigo “As Bases Teóricas da História Ambiental” (na parte em que o autor descreve os aspectos ambientais de trabalhos da área) as plantas, ou seja, estes agentes não humanos específicos presentes no conflito, podem ser vistos

¹⁰ HARAWAY. Donna. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

¹¹ *Ibidem*

como um cenário de uma peça de teatro, onde os atores interagem com ele mas o cenário não é estático e possui agência no desenrolar do espetáculo.

É importante ressaltar que o trabalho analisou o uso dos recursos vegetais fornecidos pelo exército, envolvendo também os lugares e ocasiões em que eles não chegaram, e como esse fato também influenciava nas ações cotidianas dos militares.

Hipóteses

A ligação entre os seres humanos e as plantas (e seus produtos) é tão próxima, simbiótica e essencial, sendo algo intrínseco à própria existência da nossa espécie, que muitas vezes não é racionalmente percebida. A utilização de plantas está intimamente relacionada a uma grande quantidade de aspectos vitais do ser humano como alimentação, proteção contra intempéries ambientais, medicamentos, etc.

Seja no Brasil colônia, na Europa Medieval ou no Iraque contemporâneo, em qualquer tempo ou lugar, as decisões e andamento de uma guerra ultrapassam os limites do raciocínio exclusivamente humano. As condições ambientais, tanto em relação aos recursos diretamente utilizados quanto às especificidades abióticas de um lugar, são agentes não humanos que precisam ser considerados. As geadas, acidentes geográficos, frutificação de plantas entre outros, não fazem parte do leque de opções descartáveis ou não de um estrategema militar. Muitas vezes tais fatores são incontornáveis e por isso necessitam fazer parte dos planejamentos, estratégias e práticas relativas às ações militares.

Os tupis que viviam no território que se tornaria o Brasil anteriormente à invasão portuguesa em 1500 eram povos guerreiros. Antes de entrar em um conflito, a retaguarda das ações tupi se provia de suprimentos alimentares e por isso tinham que lidar com os vegetais e os fatores ambientais relacionados ao plantio e colheita.¹² Na segunda guerra mundial, as condições de frio extremo foram um fator inequívoco decisivo nas ações ocorridas no norte europeu. Sendo assim, a Guerra do Paraguai e suas especificidades não fogem deste padrão. Um exemplo claro deste tipo de situação foi o planejamento da Manobra de Piquissiri. Caxias e seus comandados necessitaram traçar uma estratégia para a tomada da Fortaleza de Angostura considerando a presença da Lagoa de Ypoã, a dificuldade de transposição do rio e o terreno do Chaco. A análise destes fatores e o ponderamento das opções foi essencial para o sucesso da

¹² DEAN, Warren. *A ferro e fogo. A história e a devastação da mata atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

ação. A escolha pela ultrapassagem e marcha pelo Chaco envolveu lidar com um ambiente inóspito e o estabelecimento de estratégias que permitissem superar as dificuldades que o terreno e o clima da região apresentavam.

Pelos motivos supracitados, foi possível inferir que muitas plantas eram utilizadas pelos militares e que seu consumo estava ligado tanto à manutenção das ações cotidianas das tropas quanto à viabilidade dos confrontos e estratégias de guerra.

Analisando a bibliografia produzida sobre o tema, percebe-se que as tropas enfrentaram escassez de recursos bélicos, alimentares e medicinais em diversos momentos durante os anos de conflito. Por isso, mesmo o território onde ocorreu a guerra sendo desconhecido pelas tropas brasileiras, também foi possível inferir que, além da utilização dos víveres e medicamentos oriundos dos fornecedores, os militares utilizaram plantas presentes no ambiente natural do teatro de guerra.

Fontes e metodologia

Por se tratar de uma pesquisa no qual o tema é uma guerra, a princípio tem-se a impressão que o trabalho se enquadra no campo da História Militar. Apesar desta possível ligação, não se trata de uma proposta dentro deste campo, já que trabalhos relacionados à esta área preocupam-se principalmente com as forças armadas. O trabalho segue, em muitos aspectos, a História Ambiental em uma abordagem e definição já bastante conhecidas. Trata-se da proposta por Donald Worster em *Para fazer história ambiental* (apêndice do livro *The ends of the Earth - perspectives on modern environmental history*), que consiste em identificar o objetivo da área como: “aprofundar o nosso entendimento de como os humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. (WORSTER,1988:200)

No caso deste trabalho especificamente, pretende-se também seguir, mesmo que não exclusivamente, a linha de pesquisadores como Richard Tucker e Mark Fiege, que trabalham com temas relacionados a grandes conflitos mas com um enfoque específico: o ambiente e sua relação com os seres humanos antes, durante e depois da guerra. Para Tucker e Edmund Russel, por exemplo, é necessário compreender e analisar como a guerra é uma força significativa na mudança do ambiente, assim como o ambiente é uma força que molda a guerra.¹³

¹³ TUCKER, Richard P. and RUSSEL, Edmund. (eds) “Introdução”, In: TUCKER, Richard P. and RUSSEL, Edmund, eds *Natural Enemy, Natural Ally: Toward an Environmental History of War* (Corvallis: Oregon State University Press, 2004).

Além das ideias comuns entre os autores citados e o trabalho, vale ressaltar alguns pontos-chave, principalmente ligados às reflexões de Richard Tucker acerca das diferentes influências que os fatores ambientais tiveram nas estratégias militares e na decisão de combates. Tal análise geralmente é feita por historiadores militares. Porém, raramente se vê o ambiente, e no caso desta dissertação as plantas, como um agente.

É necessário perguntarmos qual parte da natureza foi essencial para a guerra, os custos ecológicos de um conflito e outras questões que abrangem a relação entre guerra e ambiente que vão além das concepções estabelecidas pela História Militar e pela História Ambiental tradicional. Como Fiege cita em um de seus trabalhos sobre História Ambiental da Guerra Civil norte americana:

Examinar a grande luta interna do país através das lentes do ambiente, portanto, proporciona uma compreensão mais profunda das muitas maneiras que o passado e o presente, pessoas e planeta, estão unidos. Essa abordagem aponta o caminho para uma história militar diferente e um senso revisado de como praticamente todos os domínios da experiência humana estão profundamente enraizados na natureza. (FIEGE, 2004:106)

Os documentos descritos e analisados ao longo da dissertação apresentam dados demonstrando que o cotidiano dos militares envolvia atividades diretamente relacionadas às plantas. Um exemplo bem claro, era a utilização de medicamentos nos hospitais. O Arquivo Histórico do Exército (AHEx) possui uma sessão somente com os documentos do corpo de saúde. Além de documentos avulsos, existe uma série de oito caixas com documentos ricos em dados, entre outros assuntos, relativos ao uso de plantas. Entre ofícios, cartas e outros tipos de documentos é possível encontrar relatos sobre a alimentação diferenciada entre oficiais e não oficiais nos hospitais além de listas de medicamentos presentes nos estoques e boticas. De acordo com Divalte Figueira, em seu livro *Soldados e Negociantes na Guerra do Paraguai*, as etapas (refeição completa de cada soldado) eram distribuídas pelo fornecedor no meio do acampamento onde ele poderia fornecer as etapas de um dia, dois ou mais por cada soldado no mesmo dia. É possível encontrar uma cópia de contrato no AHEx que descreve os detalhes do fornecimento incluindo os produtos vegetais destinados às tropas. A bibliografia produzida por autores brasileiros sobre o conflito é extensa e envolve diferentes aspectos referentes às ações e os grupos sociais e indivíduos específicos ligados à guerra.

Os dados coletados nas fontes foram utilizados para determinar quais eram as plantas e suas respectivas interações com as tropas e conseqüentemente como isso estava relacionado ao

cotidiano dos militares brasileiros. A partir dos dados retirados das fontes ,algumas planilhas e recursos gráficos foram produzidos,permitindo uma análise mais detalhada das informações principalmente relacionadas aos tipos de recursos utilizados, a circulação destes e os locais onde as interações se deram.

Todos os dados presentes na pesquisa são referentes ao período entre a partida das tropas brasileiras em direção ao Mato Grosso (1º de abril de 1865) e o momento de reorganização das tropas pelo Marquês de Caxias (1866/1867). As fontes utilizadas foram os documentos relativos ao Corpo de Saúde do Exército presentes no Arquivo Histórico do Exército (ofícios, correspondências, relatórios, atas e ordens do dia) e alguns livros e artigos produzidos pelo Visconde de Taunay. Taunay foi o principal cronista da Guerra e o que mais relatou o uso de recursos vegetais e descreveu as paisagens do teatro de operações . Durante a época do conflito analisada, o autor foi auxiliar da comissão de engenheiros da coluna expedicionária para o Mato Grosso. Após a Guerra, além de continuar sendo militar, engenheiro e escritor, Taunay ingressou na carreira política (sendo deputado, presidente de província e senador) e também tornou-se professor e músico.

A análise proposta parte de uma perspectiva que desloca o olhar sobre os agentes humanos e foca na importância da utilização das plantas e a relação com o ambiente natural nas condições específicas e extremas da guerra. As plantas e os recursos vegetais foram tratados como agentes centrais nas ações tanto bélicas quanto cotidianas dos militares. Por isso, este tipo de análise da Guerra do Paraguai permitiu uma abordagem diferente da tradicional, onde a centralidade do debate é relacionada às ações dos grupos e indivíduos específicos.

A Guerra do Paraguai sob a luz da História Ambiental

A recente produção historiográfica sobre guerras vêm demonstrando a centralidade de fatores ambientais em diferentes tipos de conflitos. Seja em momentos anteriores à deflagração das hostilidades ou durante as ações, interagir com o ambiente de forma adequada é analisado como um fator crucial para o êxito ou derrota militar. Na Primeira Guerra Mundial, por exemplo, o sucesso das ações alemãs pode ser creditado à eficiência das suas políticas florestais anteriores à guerra, permitindo que os exércitos germânicos possuíssem um acesso amplo aos recursos vegetais como madeira de construção e lenha¹⁴ . O modelo alemão possivelmente foi

¹⁴ TUCKER, Richard. “The World War and Globalization of Timber Cutting”. In: TUCKER, Richard P. and RUSSEL, Edmund, eds *Natural Enemy, Natural Ally: Toward an Environmental History of War*. Corvallis: Oregon State University Press, 2004.

seguido no pós-guerra por outros países que, conseqüentemente, conseguiram ter um estoque de madeira considerável antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. A necessidade de utilizar os recursos ambientais levou não somente a uma nova concepção estatal sobre o ambiente dos próprios países mas também à exploração de ambientes que fazem parte de nações/territórios que não estavam em guerra. A Primeira Guerra Mundial, por exemplo, levou os EUA a explorarem de forma muito mais sistematizada o mogno das Filipinas, atividade que, em momentos anteriores ao conflito era pouco expressiva.¹⁵ Os aspectos ambientais relacionados à guerra descritos acima evidenciam que, em um conflito militar, não somente a presença ou ausência de determinado recurso pode fazer a diferença mas sim as formas de interação com a natureza. Por isso, em um projeto que busca estudar um conflito sob os preceitos da História Ambiental, as relações homem/ambiente devem ser analisadas de forma mais sistematizada, já que são nelas que habita a centralidade de um debate produtivo neste campo. O ambiente não é simplesmente um cenário onde as estratégias militares são traçadas e efetuadas. Ele tem agência sobre o desenrolar da guerra, assim como os aspectos políticos e sociais dos países envolvidos em conflitos.

No caso da Guerra do Paraguai, fatores ambientais estão relacionados a diferentes situações e momentos do conflito. A deflagração da guerra, por exemplo, é tradicionalmente ligada à manutenção da livre navegação de alguns rios da Bacia do Prata. Ter acesso ao próprio território por via fluvial não era somente um desejo mas sim uma necessidade da política imperial. Poder passar livremente por Assunção e chegar até o Mato Grosso era essencial para manter uma conexão viável entre esta província e a Corte. Já no caso do Paraguai, acordos sobre fronteiras em relação ao Brasil estabelecidos a partir do Tratado de Santo Idelfonso e do princípio de *Uti possidetis*, não agradavam o governo de Solano Lopez. Isto nos leva a ver a questão sob uma concepção mais ampla da relação entre diferentes sociedades e o mesmo local. Neste caso, o espaço territorial pode ser analisado não como meramente um aspecto natural e neutro, e sim como produto de culturas específicas relacionadas a sociedades específicas e suas econômica e política próprias.¹⁶ O uso do ambiente, que se relaciona diretamente a todos esses aspectos, também estava em jogo na Guerra do Paraguai. Este é um dos exemplos de que não somente o desenrolar do conflito viu de perto a interação entre o homem e o ambiente. A própria origem da guerra pode ser analisada sob a ótica da História

¹⁵ *Ibidem*

¹⁶ FIEGE, Mark. *op. cit.*

Ambiental.

Em um levantamento feito por Richard Tucker e Edmund Russel, que buscou sondar e classificar os trabalhos de História Ambiental sobre guerras publicadas ao redor do mundo, concluiu-se que grande parte da literatura produzida concentra -se em temas relacionados a conflitos ocorridos no hemisfério norte e ao longo do século XX.¹⁷ Por isso, situando o trabalho desenvolvido nos próximos capítulos em um debate mais amplo sobre História Ambiental e guerras, constata -se uma acentuada singularidade não somente em relação ao objeto de pesquisa mas também aos recortes geográfico e temporal.

Capítulos

O conteúdo do primeiro capítulo envolve uma revisão bibliográfica sobre a Guerra do Paraguai. Partindo das primeiras publicações, como os relatos produzidos no século XIX e início do século XX, passando por obras consideradas clássicas como a História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai, do General Augusto Tasso Fragoso, e chegando a literatura atual produzida pelo historiador Francisco Doratioto, esta revisão pretende apresentar como a historiografia analisou o conflito desde o seu término até os dias atuais. Além de apresentar resumidamente as diferentes visões dos historiadores e suas épocas, o capítulo demonstra como o tema da dissertação e os dados utilizados foram analisados ou não pelos estudiosos do conflito. Esta demonstração permite situar o trabalho em relação à bibliografia já produzida sobre o tema.

O segundo capítulo analisa algumas obras produzidas pelo Visconde de Taunay. São os livros *Scenas de Viagem* (1868) e *A Retirada da Laguna* (1871) e um artigo publicado em 1874 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro intitulado Relatório Geral da Comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a Província de Matto Grosso. O objetivo deste capítulo é debater como os militares interagiram com os recursos vegetais em situações envolvendo o deslocamento das tropas.

A análise do material selecionado permitiu principalmente obter dados sobre a viagem da força expedicionária que partiu do Rio de Janeiro para o Mato Grosso em 1865 e as ações militares no Mato Grosso e na fronteira entre a província e o Paraguai entre 1865 e 1867. Além do livro sobre o episódio mais conhecido desta parte da guerra, a Retirada da Laguna, Taunay

¹⁷TUCKER, Richard P. and RUSSEL, Edmund, *op. cit.*

produziu uma grande quantidade de relatos e documentos sobre a viagem, as tropas e o cotidiano dos militares desta missão. Visitando locais desconhecidos, o na época Tenente Alfredo D'Escragnolle Taunay descreve o ambiente natural do interior do país e relata as relações entre as tropas, os recursos vegetais e o ambiente natural. Além da vasta obra sobre a expedição do Mato Grosso, Taunay também produziu um detalhado relato (uma de suas funções nesta parte da guerra era justamente relatar o cotidiano das ações militares) sobre as ações comandadas pelo Conde D'Eu até o final do conflito e que posteriormente foi lançado como livro (Diário do Exército). Como esta obra está ligada aos fatos ocorridos ao longo de 1869 e os três meses iniciais de 1870, ela não será extensivamente analisada.

O objetivo do terceiro capítulo foi analisar as relações entre as tropas e os militares em ambientes estacionários. Por isso, à análise se deteve aos documentos do corpo de saúde arquivados pelo AHEx. Tais documentos envolvem ofícios, cartas, atas e requerimentos extremamente ricos em dados sobre o cotidiano das tropas relacionados ao uso de produtos vegetais. Desde listas com os produtos presentes em boticas até a descrição da alimentação das tropas nos hospitais, estes documentos permitem deduzir como as tropas se relacionavam com os produtos vegetais e como a presença ou ausência destes influenciava o cotidiano das tropas principalmente nas hospitais militares de Corrientes.

1. Revisão bibliográfica sobre a Guerra do Paraguai

1.1 Por que fazer uma revisão bibliográfica

Fazer uma revisão bibliográfica sobre um evento histórico, que já foi descrito e interpretado tantas vezes, é uma tarefa bastante complexa e que envolve escolhas que precisam estar claramente declaradas. Para a revisão que aqui se propõe, as escolhas e, conseqüentemente, as não escolhas das obras sobre a Guerra estão ligadas, de alguma forma, a como estas resumiram a produção sobre o tema em seu tempo.¹⁸ Além disso, buscou-se descrever aspectos das obras que estão relacionados ao objeto de estudo proposto. Desta forma, será possível perceber como o trabalho desenvolvido ao longo dos próximos capítulos dialoga com a literatura já produzida sobre o conflito e em quais aspectos o objeto de estudo possui originalidade.

1.2 Tempos e ideologias

A literatura sobre a Guerra do Paraguai pode ser dividida e agrupada partindo de diferentes perspectivas. Uma delas é analisar cada conjunto de obras a partir da época em que foi escrita, envolvendo as circunstâncias políticas presente no contexto histórico de cada uma e do engajamento de cada autor. Uma interessante proposta seguindo tal linha foi feita em artigo produzido por Francisco Doratioto, chamado *História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai*. Neste artigo, Doratioto divide a literatura sobre o conflito em três grandes blocos: I - o pós-guerra, II - a nova República brasileira e o surgimento do revisionismo e III - o revisionismo moderno e a Nova Historiografia. Nele o autor inicialmente chama a atenção para um fato importante para a sua proposta: a relação entre as leituras e releituras do significado do conflito e a intenção de determinados governos e grupos intelectuais. Apesar de ser uma divisão bastante clara e coerente, não seguiremos a mesma organização proposta pelo autor.¹⁹ O objetivo da revisão a seguir não é demonstrar a ideologia de cada grupo de autores ou como um grupo ou governo produziu um discurso acerca do tema. Apesar de, a partir da descrição de cada obra, buscar compreender como os historiadores de cada época interpretaram

¹⁸ Este “de alguma forma” se refere ao fato de que nem sempre as obras escolhidas refletem completamente todos os aspectos historiográficos de cada época. Porém, em pelo menos algum aspecto (de alguma forma) irá refletir.

¹⁹ A citação do artigo e sua metodologia tem como objetivo exemplificar uma forma de organizar as obras feita por um autor que é referência no tema.

o conflito, as obras não foram escolhidas para identificar os ideais políticos específicos de cada autor. Entender isso é importante, já que a imparcialidade apesar de alegada por alguns como o objetivo de uma busca constante, é algo muito improvável de ser considerada em sua totalidade.

1.3 Produção bibliográfica brasileira

A bibliografia produzida por autores brasileiros sobre o conflito é extensa e envolve diferentes aspectos referentes às ações, os grupos sociais e indivíduos específicos ligados à guerra. Esta revisão propõe seguir uma linha cronológica abrangendo desde 1868 (ano da primeira publicação de *A Retirada da Laguna*) até 2002 (ano de publicação da 1ª edição de *Maldita Guerra*), dividindo a produção bibliográfica em cinco conjuntos/tópicos diferentes. O primeiro conjunto de obras descrito foi produzido por participantes diretos da guerra e publicadas ainda no século XIX. O segundo tópico não se trata de um conjunto de autores pois descreve basicamente a obra do General Augusto Tasso Fragoso. Mesmo sendo somente um autor, é possível chamar de conjunto já que são 5 volumes totalizando 2455 páginas. A obra de Fragoso é extremamente extensa e pode ser caracterizada como uma densa produção de História Militar. O terceiro grupo envolve as obras produzidas nas décadas de 1960 e 1970 e que apresentam uma característica em comum: a defesa da tese do imperialismo britânico como o principal fator desencadeador do conflito. O quarto grupo abrange três autores distintos que desarticulam a tese acerca do imperialismo britânico e, além disso, buscam através de densa análise documental, desfazer algumas outras propostas sobre formação do exército presente na literatura do grupo da década de 1970. O quinto tópico também não é referente a um conjunto de autores mas sim a um autor e sua principal obra sobre a Guerra do Paraguai: Francisco Doratioto e *Maldita Guerra: a nova história da Guerra do Paraguai*.

1.3.1 Os ex combatentes: Taunay e Cerqueira

Durante os anos de guerra e nos imediatamente posteriores ao seu término, diversas obras foram publicadas. Os textos envolvem majoritariamente a descrição das batalhas e ações militares. Ricos em informações e seguindo basicamente a ideia vigente na época, segundo a qual a origem e desenvolvimento da guerra estavam ligados à atuação tirânica do ditador Solano Lopez e a necessidade de manter a ordem e segurança dos países banhados pela bacia platina, os textos descrevem o ambiente de guerra, as batalhas, a dura rotina dos combatentes e atos

heroicos ligados aos militares.

Dos livros deste primeiro conjunto de obras, vale destacar *A Retirada da Laguna* (publicado pela primeira vez em francês em 1868), do Visconde de Taunay, e *Reminiscências da Campanha do Paraguay*, do General Dionísio Cerqueira. Ambos os livros descrevem muitos aspectos da guerra incluindo algumas plantas e estratégias de guerra ligadas ao ambiente natural. Taunay participou de dois momentos distintos e o livro citado descreve basicamente a ação militar no Mato Grosso e na fronteira entre a província e o Paraguai. Cerqueira participou de todos os anos da guerra e descreve as ações na região sul do Brasil, na Argentina e no Paraguai, local onde serviu inicialmente como alferes, alcançando o posto de tenente em 1870. Taunay e Cerqueira citam algumas características do ambiente ligadas aos vegetais cruciais para o desenrolar da Guerra. O consumo de laranjas no Mato Grosso e a queima da macega como estratégia militar descritos por Taunay são dois exemplos claros de como os militares paraguaios e brasileiros utilizaram recursos vegetais extraídos diretamente do ambiente do teatro de guerra. Além das relações benéficas, Taunay também descreve limitações ambientais comuns aos locais percorridos pela coluna que marchou até Boa Vista e que influenciaram diretamente nas ações militares. A distância do litoral e o bloqueio da navegação do Rio Paraguai tornavam o abastecimento de sal, necessário para alimentação do gado, algo muito irregular, dificultando a pecuária e conseqüentemente o abastecimento das tropas. No livro *Scenas de Viagem*, publicado ainda em tempos de guerra, Taunay descreve como o gado tentava se alimentar de vegetais selecionados e lamber o solo de alguns locais específicos em busca de sal.²⁰ Um outro aspecto ambiental descrito por Taunay era a relação direta com um terreno pantanoso, provavelmente um fator desconhecido por muitos militares que formavam a coluna expedicionária para o Mato Grosso. Lidar com a dinâmica sazonal das águas de grandes rios dificultava a locomoção das tropas e o estabelecimento de acampamentos. Taunay deu extrema importância ao ambiente natural em *A Retirada da Laguna*, demonstrando que o exército paraguaio era um dos fatores que traziam dificuldades para as tropas brasileiras. Somando ao enfrentamento direto com as tropas, havia a dificuldade de ultrapassagem de pântanos, a convivência com animais que ofereciam riscos a integridade dos militares entre outros. Em um documento publicado em 1874 na Revista do IHGB intitulado *Relatório da Comissão de Engenheiros na Campanha do Mato Grosso*, Taunay descreve com considerável riqueza de detalhes a vegetação do ambiente por onde as tropas passaram, citando entre diversas

²⁰ TAUNAY, Visconde de. *Scenas de Viagem. Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda*. Typographia Nacional. Rio de Janeiro, 1868

informações, as famílias botânicas observadas e os nomes científicos das espécies.²¹

Cerqueira também descreve situações em que recursos vegetais foram utilizados diretamente pelas tropas, como a utilização de folhas de bananeira selvagem, além de um extenso debate sobre acampar sem barraca (bivaque) nas condições específicas do Paraguai.²²

Apesar de encontrarmos nas obras de Taunay e Cerqueira uma quantidade significativa de descrições acerca das interações entre tropas e recursos vegetais , estas não são tidas como agentes centrais das narrativas e não recebem uma análise explícita, detalhada e sistematizada relacionando as plantas e a viabilidade das ações militares.

1.3.2 O Brasil república e a obra de Augusto Tasso Fragoso

Nas primeiras décadas posteriores à proclamação da República, outras obras sobre o conflito foram produzidas. Já no início do século XX alguns intelectuais brasileiros contestavam a proposta de paraguaios revisionistas que buscavam recuperar a imagem de Solano López, o retratando como herói. Outros autores, insuflados pelos ideais positivistas, questionavam a origem e desenvolvimento da guerra e buscavam responsabilizar o governo imperial pelos danos causados ao Paraguai. Durante as duas primeiras décadas do século passado é possível identificar autores que continuavam com a ideia de que a origem da guerra foi a agressão feita pelo Paraguai, culpando López pelo conflito e autores que apresentavam um contra argumento. Destes pode-se destacar Raimundo Teixeira de Mendes e o seu livro “ A Guerra do Paraguai”. Na obra, Teixeira de Mendes critica severamente a política externa imperial e responsabiliza Dom Pedro II por, entre outras coisas, não aceitar arbitramentos que poderiam ter evitado guerras empreendidas pelo Estado imperial. ²³

Posteriormente à década de 1920, nas obras produzidas na primeira metade do século XX, a proposta que responsabilizava unicamente o governo imperial foi contestada e as teses produzidas buscaram não definir Dom Pedro II e a elite política imperial como os principais

²¹ TAUNAY, Visconde de. Relatório da Comissão de Engenheiros junto às forças em expedição para a província de Mato Grosso:1865-1866. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*.Tomo 37, volume 49, parte 2 Rio de Janeiro,1874.

²² CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguay*, 1865-1870. . Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

²³ DORATIOTO, F. História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* Consultado em 16 de outubro de 2019.Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/49012> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.49012 p.09

agentes causadores e mantenedores do conflito. O posicionamento presente nesta época em relação à guerra pode ser visto na obra *Lopez do Paraguai*, de Luiz da Câmara Cascudo, lançada em 1927, na qual o autor defende as instituições políticas imperiais afirmando que elas permitiram a estabilidade no Brasil, realidade distinta dos outros países da região do Prata. Entre 1934 e 1935, o General Augusto Tasso Fragoso lança a obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, em cinco volumes. Na visão de Francisco Doratioto, este conjunto de volumes publicados por Fragoso em relação à Guerra do Paraguai “é a obra maior da historiografia clássica, quer por consolidar informações e análises anteriores, quer pela aplicação do método histórico, com a utilização de fontes primárias escritas; confrontando-as e interpretando-as”. (DORATIOTO,2009:10) Completando, Doratioto esclarece que “Tasso Fragoso buscava, sim, contextualizar as origens do conflito; entender a lógica que moveu López a desencadear a guerra e avaliar as críticas feitas a decisões tomadas pelos comandantes dos exércitos em luta”.²⁴ Com uma grande riqueza de informações, Fragoso descreve de forma bastante detalhada as ações e cotidiano militares. Antes de adentrar nos fatos da guerra, em sua “Explicação prévia” do primeiro volume, o autor explica a necessidade de se conhecer a história dos quatro países beligerantes antes de entrar efetivamente nos “acontecimentos sangrentos de 1865 e 1870 e formular sobre eles juízo sereno e decisivo”. (FRAGOSO,2010:17) Sobre tais precedentes da guerra, Fragoso admite que não se atemoriza “diante da complexidade do problema, pois não alimento a pretensão de historiador exaustivo, porém simplesmente a de modesto compilador.”²⁵ Na mesma explicação prévia quando expõe suas intenções ao descrever os fatos da guerra propriamente dita, o autor afirma que “pus o máximo empenho em explanar esses acontecimentos nas suas grandes linhas, de modo que certas questões estratégicas e táticas ganhassem o merecido relevo”²⁶. E completa “como o meu trabalho destina-se praticamente aos camaradas, eles dirão se logrei alcançar meu objetivo”.²⁷ Nesta frase, Fragoso deixa claro que pretende fazer uma apanhado geral de toda a guerra e que seus principal público alvo são os “camaradas”,isto é, outros militares.

A quantidade de informações presente nos cinco volumes é muito extensa. Vale destacar que Fragoso cita a utilização de alguns vegetais pelos militares e aspectos naturais do ambiente, mas assim como Taunay e Cerqueira, não analisa o conjunto das interações de forma detalhada

²⁴ *Ibidem*.p.11

²⁵ FRAGOSO,2010 *op cit* p.17

²⁶ *Ibidem* p.18

²⁷ *Ibidem*

relacionando este aspecto com a viabilidade das ações. É interessante ressaltar neste ponto que o autor cita a utilização da palmeira carandá para a construção da estrada que viabilizou a Manobra de Piquissiri, uma das ações mais conhecidas engendrada pelos militares brasileiros, e que ele mesmo chama de “uma elegante manobra concebida e executada por Caxias” (FRAGOSO, 2010). O uso desta planta é relatada em obras clássicas como *Campanha do Paraguay* (1872), obra do tenente Rufino Enéas Galvão (Visconde de Maracaju) que participou ativamente da construção da estrada (e que também descreve a utilização do buriti), no já citado livro de Fragoso (1934) e em publicações recentes como *Maldita Guerra*, do historiador Francisco Doratioto (2002). Não é difícil perceber como esta planta foi crucial para a viabilidade desta ação e como tal fato indica que a relação entre os militares e outros fatores bióticos do ambiente podem ter igual relevância. Um outro fator importante descrito por Fragoso foi a disposição dos acampamentos brasileiros em terras paraguaias. O autor analisa minuciosamente os aspectos dos ecossistemas presentes nas regiões onde os militares brasileiros estabeleceram suas instalações militares. Além da descrição de corpos d’água como esteiros e lagoas com as respectivas coordenadas geográficas, Fragoso também descreve a vegetação presente em cada parte dos acampamentos.

1.3.3 O revisionismo das décadas de 60 e 70

O debate sobre a Guerra do Paraguai foi retomado nas décadas de 1960 e 1970 por autores das diferentes nações participantes do conflito. No Brasil, houve a publicação de *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*, do jornalista Júlio José Chiavenatto em 1979. O autor utiliza argumentação próxima à desenvolvida pelo historiador argentino Leon Pómer, no livro *La Guerra del Paraguay, gran negocio!*. Os autores desenvolvem a tese relacionada ao possível interesse da Inglaterra no conflito. O império britânico teria financiado e estimulado a guerra tendo em vista a exploração das riquezas e do mercado consumidor paraguaio a fim de embarreirar um hipotético crescimento econômico autônomo do Paraguai. Tal tese foi refutada por autores que publicaram trabalhos posteriores demonstrando que não seria interessante para os ingleses financiarem a guerra, já que o Paraguai não estava se desenvolvendo economicamente como os defensores de tal proposta afirmam e, no início do conflito, as relações diplomáticas entre a Inglaterra e o Império estavam cortadas devido à Questão Christie. Analisando o título do livro e de cada capítulo escrito por Chiavenatto é possível ter uma noção bastante clara acerca da intenção do autor e de suas principais ideias sobre o conflito. A palavra

genocídio já chama atenção no título, demonstrando que a análise de Chiavenatto dá grande destaque nas consequências demográficas pós guerra para a população paraguaia, enfatizando o massacre engendrado pelas tropas imperiais contra os paraguaios. Alguns subtítulos dos capítulos simbolizam bem as intenções do autor. Entre eles é interessante citar o capítulo II, *O mais progressista país da América do Sul*, no qual o autor descreve o Paraguai; o subitem 27 do capítulo VI, *O leão britânico quer o mundo aos seus pés*, no qual o autor descreve a tese sobre o imperialismo britânico e o capítulo X, *Os exércitos em luta: um povo em armas contra escravos e mercenários*, evidenciando a ideia do autor sobre a formação dos exércitos beligerantes.

Vale destacar que Chiavenato descreve a utilização de duas plantas autóctones destinadas à produção de jornais que circulavam pelas fileiras do exército paraguaio. A importância dos periódicos nas frentes de batalha paraguaias é um tema bastante claro e trabalhado ao longo das últimas décadas.²⁸ Mesmo citando as plantas para produção de papel e tinta, e outros fatores ambientais como a utilização do rio para uma possível guerra biológica, na qual os militares brasileiros propositalmente tentavam contaminar as águas com cólera, o autor não estabelece uma relação mais aprofundada entre a interação das plantas e tropas e a viabilidade das ações.

1.3.4 Ricardo Salles, Vitor Izecksohn e Wilma Peres Costa

Nas últimas décadas, vultosos trabalhos foram produzidos sobre o conflito. Analisando somente a última década do século XX, vale destacar as produções do historiador Ricardo Salles, como *“Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército”* (1990), o livro *“A espada de Dâmoçles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império”* (1996) de Wilma Peres Costa e o *Cerne da Discórdia: a Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército Brasileiro (1997)* de Vitor Izecksohn. Distinguindo-se em alguns pontos, as obras citadas têm em comum a apresentação de alguns argumentos de refutação (expostos no parágrafo acima) da tese que defende o imperialismo britânico como o principal fator de desencadeamento e manutenção da guerra.

Em *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*, Salles não

²⁸ Para um debate sobre o papel da imprensa na Guerra do Paraguai e outros assuntos relacionados ver: SILVEIRA, Mauro Cesar. *A batalha de papel: a charge como arma na Guerra contra o Paraguai*. Florianópolis. Editora da UFSC. 2015 e TORAL, André. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)* São Paulo. Humanitas/FFLCH/USP. 2001

analisa de forma substancial as batalhas e acontecimentos relativos ao teatro de guerra. Na introdução, o autor descreve que: “o trabalho que se segue concentra sua atenção principalmente sobre o Brasil e a guerra e sobre as repercussões sociais e políticas do conflito no período de crise do Império e da economia escravista. Particularmente, se concentra sobre a formação do exército durante a guerra em sua relação com as camadas médias, setores populares livres e escravos”. (SALLES,1990) Além disso Salles.também na introdução, refuta a tese da centralidade do imperialismo inglês nas causas que levaram à guerra. O autor esclarece seu ponto de vista acerca do assunto desta forma: “ver a guerra do Paraguai como uma necessidade do imperialismo inglês para garantir o livre comércio é, por um lado, superestimação grosseira do nacionalismo paraguaio e da cobiça inglesa e, por outro, uma subestimação dos interesses próprios da Argentina e do Brasil”. (SALLES, 1990) Uma outra característica da referida obra de Salles é a análise aprofundada sobre a origem dos contingentes militares brasileiros, o que é bastante importante para o capítulo 03 do presente trabalho que se propõe a entender a relação das tropas e dos recursos vegetais nos hospitais militares. Utilizando dados sobre o processo de recrutamento e os cruzando com depoimentos de militares participantes do conflito, civis do Ministério da Guerra, de outras obras produzidas sobre o conflito, da legislação da época e da estrutura da sociedade imperial da época, Salles demonstra que as tropas recrutadas para a Guerra do Paraguai eram formadas sim por ex escravizados. Entretanto, para o autor, é incorreto afirmar que os Corpos de Voluntários da Pátria eram formados majoritariamente por ex escravizados e que a campanha de voluntariado era somente uma forma de mascarar o recrutamento forçado. Salles não nega que libertos participaram da Guerra e que houve recrutamento forçado (prática comum em outros países na mesma época). Porém, o autor busca compreender a formação do exército a partir da própria formação social do Brasil imperial, analisando as relações de poder econômico e político da época e como estas influenciavam no recrutamento e na formação do exército que combateu na Guerra.

Em *O Cerne da Discórdia*, Vitor Izecksohn também analisa a formação do exército brasileiro na época mas com outro enfoque e propósito. O autor concentra sua análise em um ” período curto, porém pleno de experiências: entre outubro de 1866 e janeiro de 1869, quando se deu a reorganização do Exército imperial.” (IZECKSOHN,1997:24) Analisando a aceleração das demandas profissionalizantes no Exército brasileiro relacionadas à Guerra do Paraguai, o autor busca identificar alguns reflexos sociais e políticos em instituições que ganharam importância após o término do conflito.²⁹ Izecksohn debate ao longo do livro o que foi a Guerra

²⁹ *Ibidem* p.20

do Paraguai, a defesa militar ligada ao processo de formação do Estado Brasileiro, as condições materiais do exército, as reflexões de diferentes grupos de oficiais e as concepções sobre patriotismo e nacionalismo durante a ampliação do recrutamento.

O livro de Wilma Peres Costa, *A espada de Dâmocles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império*, assim como a obra de Salles, não se prende especificamente nas ações militares no campo de batalha. A autora analisa o papel das forças armadas na crise da monarquia, demonstrando como a guerra evidenciou a fragilidade do estado imperial.

1.3.5 Francisco Doratioto e *Maldita Guerra: uma nova história da Guerra do Paraguai*

Francisco Doratioto em *Maldita Guerra: a nova história da Guerra do Paraguai* (2002) consegue fazer uma análise bastante detalhada de diferentes aspectos do conflito. Além de analisar as relações diplomáticas entre os lados beligerantes antes, durante e após o conflito, o autor descreve os aspectos específicos da formação dos países que desencadearam o conflito. Para Doratioto, a guerra faz parte de um complexo conjunto de fatores ligados à própria formação dos Estados na região do Prata e não ao imperialismo britânico ou a outras forças externas. Diferentemente de Salles, Costa e Izecksohn, Doratioto descreve e analisa as ações militares e aspectos das forças armadas das quatro nações participantes.

Analisando todos os anos da guerra, os conflitos no Uruguai anteriores à 1864 e as consequências do pós guerra para os países beligerantes, Doratioto faz uma análise sistemática de vários aspectos da Guerra. Em *Maldita Guerra* é possível encontrar informações sobre as questões logísticas dos exércitos, a descrição das batalhas a partir de diferentes fontes documentais, as estratégias impetradas por diferentes comandantes, a influência política nas decisões dos comandantes, dados numéricos sobre as populações além de fotografias e pinturas sobre a Guerra. Apesar desta grande variedade de informações e de Doratioto citar a questão do desconhecimento do terreno como um fator limitante para as tropas aliadas e da presença da palmeira carandá na Manobra de Piquissiri, ele não faz dedica uma parte específica do livro para tratar dos recursos vegetais e do ambiente e nem destaca a agência as plantas em sua narrativa.

As obras citadas ao longo desta revisão descrevem, analisam e problematizam diferentes aspectos do conflito. Além de livros amplamente divulgados, existe um incontável número de dissertações e teses sobre este tema. Um ponto ressaltado em algumas destas obras, e que é pertinente para o trabalho elaborado nos próximos capítulos, é a presença de citações referentes

às relações estabelecidas entre as tropas e os aspectos do ambiente natural em diversas delas, de informações sobre o abastecimento das tropas e do cotidiano dos militares nos acampamentos, além de aspectos sobre a formação do exército que ajudaram a entender as relações entre as tropas e os recursos vegetais. Apesar disso, a análise aprofundada e a tentativa em estabelecer nexos causais entre as ações militares e as relações com os recursos vegetais de forma sistematizada não está presente na literatura sobre a guerra descrita nesta revisão bibliográfica. Os vegetais e suas relações específicas com os militares aparecem de algumas formas nas obras mas não é o assunto central de nenhum autor relacionado à Guerra do Paraguai.

*E as vezes me deixa assim
Ao revelar que eu vim
Da fronteira
Onde o Brasil foi Paraguai*

(Sonhos Guaranis - Almir Sater e Paulo Simões)

2. Taunay, o ambiente natural e a guerra no Mato Grosso.

2.1 A província de Mato Grosso em 1864

A província de Mato Grosso (atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) foi formada a partir da capitania de Mato Grosso (criada em 1748). Este território, por sua vez, fazia parte da antiga capitania de São Paulo³⁰. Na época de sua fundação, a capitania de Mato Grosso chamava a atenção da coroa portuguesa por conta da descoberta de ouro em Cuiabá e da posição estratégica fronteiriça. Em 1864, a atividade mineira já não era abundante no Mato Grosso mas seu território ainda guardava características que já existiam quando a região tornou-se uma capitania na época colonial. Ele ainda era um território de difícil acesso e distante do litoral e dos centros de poder.³¹ Tais especificidades influenciarão de forma substancial as ações militares brasileiras durante o conflito, já que o desconhecimento do território pelos militares que marcharam do sudeste e a dificuldade de provimento de víveres e armamentos tornarão a ação uma tarefa ainda mais pesada e temerosa. Vale ressaltar também que a grande densidade populacional se encontrava na região norte da província, próximo à capital Cuiabá (desde 1835), enquanto as ações militares tanto paraguaias quanto brasileiras ocorreram nos distritos de Miranda, Corumbá e Nioac, localidades do sul da província. Ainda na década de 50 do século XIX, além do Mato Grosso ser uma região de difícil acesso em relação aos centros de poder, a comunicação entre as diferentes regiões da província não era eficaz. Não por acaso, na primeira página do primeiro capítulo de *A Retirada da Laguna*, Taunay cita a distância do litoral como fator limitante nas operações, quando comparadas às ocorridas na fronteira da região do sul do Império. De acordo com Taunay: “ao norte, do lado do Mato Grosso, as operações eram infinitamente mais difíceis, não só por que ocorriam a milhares de quilômetros do litoral atlântico, onde se concentram todos os recursos do Brasil”. O autor ainda completa indicando

³⁰ VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 3ª ed. Tomo IV. São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, s/d. p. 99-100

³¹ GARCIA, Domingos Savio da Cunha. *Mato Grosso (1850-1889): uma província na fronteira do império*. 146f. Dissertação (História Econômica). Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2001

limitações do próprio território mato grossense: “como ainda por causa das inundações do rio Paraguai” (TAUNAY, 2006:47)

O debate sobre o que significa “ser longe”(assim como a ideia de “sertão” como adjetivo) para o Mato Grosso na metade do século XIX é bastante interessante. Porém, como ele não faz parte do objetivo central do trabalho, não será coerente se estender demasiadamente neste ponto. Em meados do século XIX, o Mato Grosso ainda era reconhecido em mapas europeus como uma área incógnita. Sua própria localização no interior da América do Sul favorecia a ideia de que a província era um local isolado. Uma viagem de um mês em um navio a vapor separava a Corte do Mato Grosso. Este tempo se estendia para três ou quatro, se a viagem fosse engendrada por uma rota terrestre. Este longo tempo de viagem, ressaltava a visão do Mato Grosso como um local distante.³²

A época mineradora da segunda metade do século XVIII e primeira do XIX foi responsável pelo crescimento da colonização das diferentes regiões do sul do Mato Grosso. Após o ciclo minerador, a economia do Mato Grosso apresentou participação periférica na economia do Império. Mineradores provenientes de Uberaba e outras regiões de Minas Gerais ocuparam a região no século XVIII, mas as fronteiras relacionadas à mineração se distanciaram muito rápido.

Na primeira metade do século XIX suas atividades agrícolas estavam ligadas principalmente à agricultura de subsistência e criação de gado. Tais atividades no sul do Mato Grosso se relacionavam mais à ocupação efetiva do território, com pouca participação na economia da província³³.

No geral, nesta época a província de Mato Grosso e principalmente sua região sul, onde ocorreram grande parte das ações militares, era uma área isolada geograficamente, não estava inserida no grande panorama econômico do império, desenvolvia uma agricultura de subsistência que possivelmente não supria as necessidades da sua população e uma pecuária pouco desenvolvida. Tal fato gerava uma situação instável onde os súditos do Império viviam em situação de miséria³⁴. A abertura da navegação do Rio Paraguai na década de 50 modificou um pouco a dinâmica econômica da província. A viabilização desta rota provavelmente aumentou o contingente populacional da província, o que demandava maior quantidade de

³² GALETTI, Lyliá da Silva Guedes, *Sertão, Fronteira, Brasil. Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização*. Cuiabá: EdUFMT.Entrelinhas., 2012 p.99

³³ GARCIA, 2001 *Op.cit.* p 13

alimentos e outros gêneros para subsistência. Apesar da possibilidade de chegada de novas mercadorias e escoamento da produção do Mato Grosso, a realidade foi distinta deste vislumbre. Os preços dos gêneros alimentícios sofreram significativa elevação na década de 60, obrigando o governo imperial a auxiliar o governo provincial na compra de alimentos a fim de oferecê-los a população à preço de custo.³⁵

A escassez de alimentos não era uma especificidade do Mato Grosso. Outras regiões do Império também sofriam com tal penúria. Uma das teses que explica esta situação foi o grande desvio de mão de obra e recursos para atividade cafeeira.³⁶ A situação agrária do Império relativa à subsistência alimentar era alarmante. Na fala do trono de 1859 o próprio Imperador lamentou-se desta situação, que deixava seus súditos em condições bastante adversas.³⁷

Para agravar ainda mais a situação dos moradores, que lidavam com a distância dos centros econômicos e de poder, com um déficit em sua produção agrícola de subsistência e com a pouca comunicação com a capital da província, o sul do Mato Grosso é invadido por tropas paraguaias no final de 1864.

2.2 Os paraguaios invadem o sul da província.

Após o aprisionamento do navio Marquês de Olinda que, entre sua carga e tripulação, transportava dinheiro e o novo presidente de província do Mato Grosso, o governo paraguaio mobiliza as tropas do seu exército para invadir o território brasileiro.³⁸

A invasão foi feita por via terrestre e fluvial envolvendo principalmente as áreas litigiosas da fronteira entre Brasil e Paraguai.

Chegando ao sul da província, os paraguaios encontram os territórios defendidos por um aparato militar pequeno e pouco eficiente. Tal ineficiência já era alarmante nos anos anteriores à guerra. Apesar do quadro de tensão geopolítica na região do Prata no início da década de 1860 ser evidente, o governo imperial não realocou recursos para proteger de forma efetiva o Mato Grosso. Diferentes pessoas e instituições alertaram o governo e chamaram a

³⁵ *Ibidem* p. 33

³⁶ SOARES, Sebastião Ferreira. *Notas Estatísticas sobre a Produção Agrícola e Carestia dos Gêneros Alimentícios no Império do Brasil*. p. 12.

³⁷ PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de Destruição. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora. 2002.p 247 -248

³⁸ DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita Guerra. Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo, Companhia das Letras. pp 66 e 67

atenção para a vulnerabilidade dos territórios brasileiros. Na edição de 6 de abril de 1864, o jornal *Correio Mercantil* afirmava que, em Assunção, os paraguaios estavam se armando e recomendava a instalação no Rio Paraguai de “quatro canhoneiras” para defender o Mato Grosso e possivelmente participar de ofensivas em território paraguaio.³⁹ Além de setores da sociedade civil, alguns políticos também atentaram para o fato do grave desguarnecimento militar do Império e da urgência em reverter tal quadro. A partir de 1862, uma considerável quantidade de equipamentos militares foi enviada para a província do Mato Grosso sem o aumento significativo da quantidade de militares da região. Isto gerou uma situação contraditória onde elevou-se a quantidade de armamento sem o consequente aumento do efetivo para utilizá-lo.⁴⁰ Em 1863, o próprio Ministro da Guerra afirmou a necessidade de manter uma força do exército na província. Possivelmente o efetivo necessário para encarar as adversidades enfrentadas no final de 1864 também não foi elevado neste ano.

A invasão paraguaia se deu no final do mês de dezembro de 1864 e seguiu por duas frentes básicas: uma fluvial e outra terrestre. As tropas vindas de barco chegaram no forte Coimbra em 26 de dezembro. O forte naquela época era a principal estrutura da modesta defesa militar da província.⁴¹ Construído no período colonial, o forte era cercado de muralhas, possuía dezessete canhões e se posicionava estrategicamente em uma elevação, que só permitia o ataque por um lado da construção. Além das peças de artilharia, 115 homens comandados pelo Capitão Benedito de Farias formavam sua guarnição. Somando a estes homens as mulheres e indígenas que viviam lá, o forte abrigava 150 pessoas. Após algumas batalhas ocorridas nos dias seguintes ao 26 de dezembro, as tropas brasileiras abandonaram o forte. O material bélico deixado para trás foi tomada pelos paraguaios que utilizaram os canhões em sua maior fortaleza: a Fortaleza de Humaitá. Posteriormente os canhões aprisionados formavam uma bateria única em Humaitá chamada de bateria Coimbra.⁴²

A invasão paraguaia por terra partiu de Concepción e tomou cidades do sul da província mato grossense. Apesar de derrotar uma pequena cavalaria brasileira antes de entrar na colônia militar de Miranda e atacar dezoito soldados brasileiros antes de tomar a colônia militar de Dourados, os paraguaios encontraram as vilas e povoados vazios pois os moradores evacuaram localidades antes da chegada das tropas. A viabilidade deste processo pode ser creditada ao

³⁹ *Ibidem* p.98

⁴⁰ *Ibidem* p.98

⁴¹ Com significativas modificações, o forte atualmente ainda opera em Corumbá, no Mato Grosso do Sul.

⁴² DORATIOTO, 2002.*op cit.* pp. 100 e 101

baixo contingente populacional do sul da província.⁴³

Um dado interessante e pertinente que vale destacar é que, em uma das localidades evacuadas, indígenas conseguiram fugir e formar juntamente com não indígenas uma pequena colônia próxima à vila de Miranda. Lá eles sobreviveram a partir da coleta de frutos, caça e plantio de cereais.⁴⁴

As tropas paraguaias não invadiram Cuiabá, como era esperado pela população em geral e pelos militares brasileiros da capital da província. Os invasores se estabeleceram em áreas litigiosas próximas a fronteira entre os dois países, realizaram saques nas vilas (levando bens para a capital de seu país), se apoderaram de considerável material bélico que seria utilizado pelo exército paraguaio em ações fora do Mato Grosso além de enviar forçosamente brasileiros e estrangeiros capturados para Assunção.⁴⁵

2.3 O Império reage - A coluna expedicionária do Mato Grosso.

Após a invasão do Mato Grosso o governo imperial tomou algumas medidas para conter as tropas invasoras, retirá-las do território brasileiro e invadir o Paraguai até a tomada de Assunção.

O Império contava com uma força militar terrestre substancialmente menor se comparada à paraguaia. Tanto de forma relativa quanto absoluta, a diferença era muito grande. Em 1860 o Paraguai possuía 400.000 habitantes e o efetivo do exército era de 77.000. Já o Brasil possuía 9.100.000 habitantes e o efetivo era de 18.320 militares.⁴⁶

O Brasil contava com uma considerável força marítima, mas as ações se desenrolaram em territórios distantes do oceano atlântico. A Armada Imperial participou de diversas ações na guerra, muitas delas cruciais para o desenrolar do conflito. mas as belonaves brasileiras apresentavam grande calado (adequadas para o deslocamento marítimo), o que dificultava o deslocamento fluvial.

Além do Exército, o Brasil contava com outra força militar terrestre: a Guarda Nacional.

⁴³ *Ibidem* p 106

⁴⁴ A força que fez o reconhecimento do território entre os Rios Taquary e Aquidauana encontrou essa colônia de refugiados em 1866. Taunay descreve este episódio em *Scenas de Viagem*.

⁴⁵ DORATIOTO,2002 op cit p. 107

⁴⁶ *Ibidem* p.91

Apesar deste possível acréscimo numérico imediato às tropas, a Guarda Nacional era uma força de pouca expressão bélica na segunda metade do século XIX, sendo desde sua criação uma força auxiliar ao exército de linha. Até a Guerra do Paraguai, a Guarda Nacional mesmo tendo um papel efetivo nas revoltas regenciais, atuou como uma força policial na Corte e nas Províncias, perdendo até mesmo esta função ao longo do segundo reinado. Entre as diferentes razões que fizeram com que esta força se tornasse uma tropa militar ineficiente existe, além do seu excessivo uso policial, o fato de o Governo não ter lhe fornecido condições materiais, sendo o investimento pessoal dos oficiais da Guarda a parcela mais significativa de contribuição financeira para sua manutenção.⁴⁷ Considerando as questões supracitadas, é possível concluir que, no início da Guerra, tal força estava despreparada para entrar em conflito imediatamente com perspectiva decisiva. Principalmente após a reforma da Guarda Nacional de 1850, os oficiais desta força terrestre faziam parte de uma parcela elitizada da população e não se prontificaram de imediato para entrar no conflito. Além disso, a partir de setembro de 1865, os militares da Guarda Nacional podiam legalmente enviar substitutos para a guerra.⁴⁸

Para suprir as fileiras do exército, o governo imperial criou os corpos de Voluntários da Pátria, onde civis poderiam se alistar recebendo em 1865 benefícios que chamavam a atenção dos voluntários. No primeiro ano do conflito a adesão a estes corpos foi volumosa levando algumas províncias a cessar a convocação de voluntários. Tal realidade não duraria muito tempo.

Em janeiro de 1865 um plano foi apresentado pelo Marquês de Caxias respondendo a solicitação do Ministro da Guerra, Beaurepaire Rohan. O plano previa um exército de 50.000 homens participando de ofensivas em diferentes locais. Entre as três colunas previstas, uma marcharia para o Mato Grosso, mais especificamente para Miranda, e contaria com a participação de 10.000 soldados. Tal coluna protegeria o gado presente em Miranda e deslocaria algum efetivo paraguaio de Humaitá para o norte, facilitando o ataque à Fortaleza de Humaitá. Desde o início esta era sabidamente o maior empecilho para a vitória dos aliados.

As forças que compuseram a coluna destinada ao Mato Grosso se uniram em Uberaba. Os soldados eram oriundos de diferentes regiões do Império (São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Amazonas) e seguiram de São Paulo até o Mato Grosso por terra. Mesmo hoje em dia, com estradas e sinalizações, o deslocamento de Uberaba até Cuiabá a pé ou a cavalo é uma tarefa de um esforço hercúleo. Para aquela época, onde não existiam estradas suficientes

⁴⁷ CASTRO, Jeanne Berrance de. *A guarda nacional* In: História Geral da Civilização Brasileira. Tomo II O Brasil Monárquico Vol. 2 Declínio e queda do Império. 6ª edição, Editora Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2004

⁴⁸ DORATIOTO, 2002, *op cit* p.113

e parte do caminho era desconhecida pelas tropas, o esforço desta tarefa é multiplicado exponencialmente.

Saindo de Uberaba, a coluna que previa ter 10.000 soldados contava com apenas 1575. Ao longo do trajeto a coluna foi perdendo seu contingente por doenças, fome, frio e em combate. Também ganhou efetivo vindo das províncias do Amazonas e Paraná. Ao entrar em Mato Grosso, é possível estimar que a coluna possuía um pouco mais de 2000 militares. A cada local onde a coluna estava, recebia um nome distinto. É possível prever a intenção da coluna e seu deslocamento a partir da análise de cada nome. Primeiramente se chamava Corpo Expedicionário em Operações no Sul do Mato Grosso. Após 1106 quilômetros de Uberaba até Coxim, passa a se chamar Forças em Operação no Sul da Província de Mato Grosso. Tão longe do seu ponto de partida estava o seu objetivo inicial, quando as tropas atacam o forte de Bella Vista em território paraguaio. Ali a coluna passa a se chamar Forças em Operações no Norte do Paraguai.

Independente do nome que a coluna tenha ou onde ela estivesse a partir da saída de São Paulo, a marcha foi extremamente penosa levando os militares a situações extremas. Ao chegar no Mato Grosso, um quarto do contingente que saíra de São Paulo em 1865 tinha falecido, principalmente devido às condições adversas de fome e doença. Estabelecer um deslocamento desta envergadura contando com o penoso suprimento de víveres e armamentos (o Rio Paraguai, principal via de transporte para o Mato Grosso, estava bloqueado) é um cenário previsível de ineficiência militar e desastre. Além de se desviar do objetivo principal, a coluna mudou de comando algumas vezes pela morte de seus comandantes e por fatores que não estavam relacionados diretamente às escaramuças entre as tropas beligerantes. Os soldados em geral morreram de cólera, diarreia e fome.

As tristes e dolorosas situações pelas quais a coluna do Mato Grosso passou foram relatadas em diversas obras produzidas por um tenente oriundo da Corte e que fazia parte da comissão de engenheiros desta força expedicionária. Era o Bacharel Tenente Alfredo d'Escragnolle Taunay, futuro Visconde de Taunay.

2.4 O tenente de artilharia Bacharel Alfredo D'Escragnolle Taunay e sua produção sobre o conflito.

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay nasceu no Rio de Janeiro em outubro de 1843. Filho de Félix Émile Taunay (2º Barão de Taunay) e de Gabriela d'Escragnolle, desde

seu nascimento, Alfredo fez parte da aristocracia e da elite intelectual da Corte. Seu pai era preceptor do Imperador D Pedro II e por alguns anos dirigiu a Academia Imperial de Belas Artes. Sua mãe era oriunda de uma família francesa aristocrática. Criado em um ambiente extremamente erudito, Taunay se formou bacharel em belas letras pelo Colégio Pedro II e posteriormente ingressou na Academia Militar, interrompendo seus estudos para seguir juntamente com outros alunos da Academia para as ações no Mato Grosso em 1865.

No livro intitulado *Memórias*, Taunay conta um pouco de sua vida anterior à guerra e demonstra como foram seus anos desde o nascimento até depositar os originais do livro na Arca do Sigilo do IHGB (1893). O autor deixa claro ao depositar o documento que este só deveria ser publicado quando completados 100 anos de seu nascimento ou 50 anos após o depósito. Lendo a obra detalhadamente, é possível perceber a opinião pessoal de Taunay sobre algumas questões principalmente relacionadas à guerra e seus participantes, e que diferem parcialmente das opiniões apresentadas em suas obras do século XIX.

Segundo suas memórias autobiográficas, Taunay afirma que desde muito novo apreciava a leitura e estudava. Certamente, ainda muito jovem tenha aprendido francês por convivência com seus familiares, além de estudar alemão para o ingresso no Colégio de Pedro II. Em uma estada na Jurujuba, onde a família costumava veranejar em uma casa pertencente ao Governo, Taunay cita que “já estava eu às voltas com os estudos, começando do latim na *História sagrada* de Lhomond”.(TAUNAY, 2004:36) O ano era 1852 e Taunay contava com apenas 9 anos de idade. Além de estudar latim, o pequeno Taunay gostava de ler outras coisas disponíveis no acervo particular de seus familiares. Quando passava um tempo na casa de seu tio avô, Teodoro de Beaurepaire, admirava e lia os diversos livros presentes na estante. Tal fato foi exposto pelo autor em seu livro de memórias: “Como sempre fui amigo dos livros, ainda me recordo da atração, mesclada de respeito, que me inspirava comprida estante bem apercebida de obras de agricultura e principalmente de romances encadernados com certo luxo. Antes de os ler quase todos, o que depois aconteceu, passava muito tempo a lhes estudar os títulos”.⁴⁹ Em muitos pontos de suas memórias, Taunay cita os livros que lia, principalmente os romances em francês.

É interessante destacar uma passagem que demonstra não somente a afeição pela leitura como a posição do pequeno Taunay na sociedade da época. Além de fazer parte da aristocracia e elite intelectual, o autor ainda bastante jovem tinha um estreito convívio com a família imperial. Um fato que ilustra tal convívio ligando ao seu gosto pela leitura durante a infância é descrito pelo

⁴⁹ *Ibidem* p.30

autor:

E a boa, a Santa Imperatriz, quanto era meiga conosco! Em 1853, quando estivemos habitando por alguns meses o Andaraí (nem sei se nas páginas passadas me referi a isso) e íamos - eu e minha irmã Adelaide - brincar com as princesas D. Isabel e D Leopoldina, então com toda a família imperial no velho casarão do Figueiredo (depois Hotel Aurora), quanto nos mimava aquela ilustre Senhora! Foi ela quem me deu a coleção do *Conseiller des enfants*, que incessantemente li e reli, até bem grande, e um belo volume das *Fábulas de Florian*, ainda hoje um dos livros queridos das minhas estantes.⁵⁰

Taunay possivelmente era um assíduo leitor de literatura de viagem. Obras como os relatos de Saint-Hilaire e Martius faziam parte de seu repertório. Provavelmente, a partir do contato com estas obras, Taunay adquiriu um amplo conhecimento sobre História Natural. Além da literatura sobre a guerra, Taunay produziu artigos científicos, romances, contos e músicas para piano. Um fato interessante é que o autor além de publicar relatos reais da guerra, utilizou sua experiência no Mato Grosso em outros gêneros literários. Em *Inocência*, seu romance mais conhecido, o enredo e os principais personagens são inspirados na sua passagem pela província.

Entre as publicações do autor, existem seis livros e dois grandes artigos que abordam diretamente informações oriundas do teatro de operações no Mato Grosso. O primeiro livro se chama *Scenas de Viagem*. Publicado em 1868, época que o autor já tinha voltado do Mato Grosso e estava na Corte, o livro detalha a expedição de reconhecimento feito por dois oficiais engenheiros e um grupo de soldados de Coxim até o Rio Aquidauana (região dos Morros). Repleto de informações técnicas, como os nomes científicos das espécies, descrições de paisagens e nomenclatura geológica referente aos tipos de solo, o livro detalha informações pertinentes ao possível deslocamento das tropas que estavam acampadas no Coxim. Em relação aos referenciais teóricos de Taunay, além de utilizar estudiosos relacionados à história natural, como Saint-Hilaire e von Martius, ele também cita autores relacionados à saúde pública como Edwin Chadwick. No final do texto existem tabelas com detalhes numéricos referentes aos recursos disponíveis no ambiente, distâncias percorridas entre determinados pontos, dados relativos às populações indígenas e outras diferentes ocupações humanas ao longo do caminho e um rico vocabulário relativo às línguas indígenas encontradas no trajeto. Aparentemente este vocabulário foi construído a partir da experiência vivida pelas tropas e um dicionário que estava em mãos dos militares brasileiros até Nioaque, na retirada da Laguna. Além destas notas, existe uma parte denominada “Apendice”. Lá é possível ler informações registradas pelos dois

⁵⁰ *Ibidem* pp. 87 e 88

engenheiros (Antonio Lago e Alfredo Taunay) acerca da missão de reconhecimento empreendida. As informações e o estilo de escrita do texto principal de *Scenas de Viagem* se assemelham ao *Relatório da Comissão de Engenheiros junto às forças em expedição para a província do Mato Grosso*, documento anexado ao Relatório do Ministério da Guerra em 1868 e publicado na Revista do IHGB em 1874. A narrativa desenvolvida por Taunay, principalmente em *Scenas de Viagem*, se aproxima dos relatos de viagem produzidos por naturalistas no Brasil no século XIX. Taunay não se limita a simplesmente informar dados sobre o ambiente. Ele tenta reproduzir em seu texto o que viu, ouviu e sentiu.⁵¹

O livro mais famoso de Taunay, *A Retirada da Laguna*, relata um dos episódios mais conhecidos do conflito onde durante 35 dias as tropas sofreram com falta de recursos, fome, doenças e ataques dos inimigos, realizando talvez a retirada mais famosa da história do exército brasileiro. Com uma descrição que enfatiza as privações sofridas, o autor utiliza muitos termos populares para se referir aos vegetais e o ambiente natural do Mato Grosso, com uma terminologia mais próxima à população local e às tropas brasileiras. Apesar da linguagem utilizada, *A Retirada da Laguna* não é um estudo antropológico sobre as populações autóctones do Mato Grosso, como parte de algumas obras de Taunay se propõem. O texto muitas vezes contém citações aos vegetais demonstrando momentos de penúria, dor, doença, esperança e “constância” das tropas.

Apesar de alguns autores, como o General Augusto Tasso Fragoso e Francisco Doratioto, admitirem que as ações no Mato Grosso não foram decisivas para a conclusão do conflito, existe um grande número de referências aos episódios ocorridos naquela província presentes na cultura popular e espalhados por monumentos nas cidades brasileiras.

Dias de Guerra e de Sertão é um livro publicado postumamente em 1923. Trata-se de uma compilação produzida pelo filho do autor, Afonso Taunay, a partir de notas em sua posse e recortes de publicações de jornais e revistas escritas pelo próprio autor. Parte deste disperso material publicado por Taunay faz parte do seu livro de Memórias que só foi divulgado ao público em 1943. Logo no início de *Dias de Guerra e de Sertão*, o autor descreve brevemente sua produção literária sobre o conflito deixando claro que grande parte das informações sobre a guerra no Mato Grosso constam em *A retirada da Laguna* e no Relatório da Comissão de Engenheiros. É possível constatar a pertinência destas obras em uma passagem da página 7 deste livro: "Naqueles dous documentos e nos diversos contos das Histórias Brasileiras e

⁵¹ KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. Hist. cienc. saude [online]. 2001, vol.8, suppl., pp.863-880. p.879

Narrativas Militares se encontram todas as informações possíveis, já sistematizadas, já escritas ao correr dos caprichos, a respeito daquela expedição de Mato Grosso, que tanto e tanto sofreu inutilmente". (TAUNAY, 1927: 7) Por este motivo, ao pesquisar a produção do autor sobre a guerra no Mato Grosso, é necessário analisar estas obras detalhadamente.

2.5 Obras analisadas

2.5.1 - Relatório da comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a província de Mato Grosso: 1865-1866

O *Relatório da comissão de engenheiros junto às forças em expedição para a província de Mato Grosso: 1865-1866* foi publicado em 1874 na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.⁵² Utilizando uma linguagem formal e técnica, Taunay descreve o deslocamento da coluna expedicionária desde sua saída do Rio de Janeiro, em março de 1865, até a chegada nas “ruínas da villa de Miranda”, em outubro de 1866. Subdivido em relatos diários, uma grande quantidade de dados é apresentada totalizando vinte meses de coleta. Em quase todos os dias, o autor descreve as direções geográficas contempladas no deslocamento e as distâncias percorridas entre as posições. Taunay também apresenta os recursos naturais utilizados e a paisagem dos diferentes ambientes por onde as tropas acamparam e marcharam. Conhecendo brevemente os tipos de informações descritas e a intenção do relatório, mesmo antes da leitura detalhada é possível prever que uma grande quantidade de citações sobre plantas e recursos vegetais esteja presente neste documento.

Antes de analisarmos diretamente os vegetais descritos no documento é necessário abordar algumas questões extremamente pertinentes para a interpretação dos dados. Assim como em outras produções da época sobre a Guerra do Paraguai, o enaltecimento das instituições imperiais e principalmente das tropas brasileiras é uma máxima. Por isso, o porquê da falta de alguns recursos não é diretamente creditado à má gestão ou qualquer improbidade do exército ou do Ministério da Guerra. O Relatório era um documento oficial que foi inicialmente anexado ao relatório do ministério em 1867. Diante das possibilidades de apresentação e análise dos dados, Taunay afirma que:

⁵² O relatório foi publicado originalmente em 1867, anexo ao Relatório do Ministério da Guerra daquele ano. Possivelmente outros militares, além de Taunay, participaram da coleta e análise dos dados apresentados no documento original.

Não compete à natureza d'este trabalho a apreciação dos factos que deram resultado semelhante e tão desnecessária provação; entretanto, ao mencionarmos as phases por que passou a expedição, grato nos é relatar o comportamento altamente recommendável do pessoal que a compunha; galhardo nas marchas, prompto para todos os trabalhos, supportando enfim as maiores privações a que pôde ser sujeito o homem em guerra, sobretudo nas condições difficeis que proporcionam distâncias immensas e sertões inhospitos. (TAUNAY, 1874)

Mesmo assim, as informações que constam do documento foram direcionadas aos superiores e por isso é de se esperar que possíveis intenções políticas permeiem o texto. A demora excessiva em determinados pontos, por exemplo, não é destacada. Algumas informações envolvendo as relações entre o comando da coluna e o comandante da comissão de engenheiros demonstram possíveis desarmonias entre as partes. Isso claramente pode ter influenciado os produtores do relatório a enfatizar a falta ou presença de algum recurso e a não dar ênfase a determinadas situações.

2.5.2 Scenas de Viagem

O livro *Scenas de Viagem* tem como subtítulo *Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no distrito de Miranda. Memória Descritiva pelo 1º Tenente D'Artilharia Alfredo D'Escragnoille Taunay*. A partir da leitura da citação acima, é possível estabelecer a intenção do autor e prever o conteúdo que se tem a frente ao se deparar com a obra. Trata-se de um livro de memórias, então não é estranho que contenha a impressão pessoal do autor mesclada com dados numéricos e taxonômicos relativamente impessoais. Apesar do título, os dados presentes no texto não foram produzidos e coletados de forma aleatória. Tais informações estavam atreladas a uma missão de reconhecimento e por isso possuem intenção ligada ao objetivo da investida no terreno. O objetivo da coleta e escolha de quais dados seriam pertinentes é bastante claro. Taunay explica na “Prefação” do livro, como organizou os dados e os utilizou na narrativa. O autor não buscou apresentar um documento oficial, como fez em outras publicações, mas também não deixou de utilizar da “tecnologia científica” em seu texto.

Incumbido de uma exploração importante n'uma zona de mais de cinquenta legoas, colhi os dados que ora apresento, procurando tomar notas minuciosas de tudo quando pudesse interessar e coordenando-as desde logo, de modo que formassem com pouco custo um trabalho simples e despido de pretensões, porém de alguma vantagem para novos e mais habilitados e exploradores,

fornecendo-lhes apenas uma base para futuros desenvolvimentos.”
(TAUNAY 1868:1)

Como já exposto anteriormente, o texto se aproxima de um relato de viagem científica produzido no século XIX. Parte do texto é comum ao Relatório da Comissão de Engenheiros. É possível identificar diferentes informações e trechos utilizados simultaneamente nas duas obras. O autor cita *Scenas de Viagem* no Relatório e vice-versa. Apesar da aproximação entre os dois textos, *Scenas de Viagem* explora muito mais o aspecto de viajante e apreciador da natureza que o autor pretendeu demonstrar.

É muito importante ressaltar que as informações descritas por Taunay fazem parte de uma situação específica da guerra. Eram aproximadamente dez homens marchando em um local parcialmente inabitado sem contar com suprimento institucional de víveres. Por este motivo, a citação de plantas nativas e recursos vegetais oriundos diretamente do ambiente devem ser analisados com atenção. Os recursos vegetais utilizados não foram substituídos por aqueles fornecidos pelo exército. Muitas vezes, ao longo do trajeto percorrido, os recursos alimentares autóctones eram a quase única fonte nutritiva. Lidar desta maneira com a situação, isto é, explorando os recursos apresentados pelo ambiente, era uma questão de sobrevivência.

Nas descrições sobre os vegetais percebe-se o apego aos termos científicos da época e o conhecimento do autor sobre taxonomia, organografia e outras subdivisões da botânica. Além disso, Taunay utiliza diretamente trabalhos de naturalistas do século XIX como Martius, Agassiz e Saint Hilaire.

Os vegetais possuem papel de destaque na narrativa. Como era uma missão de análise e reconhecimento do território e suas possibilidades, Taunay descreve a paisagem utilizando seus aspectos naturais relacionados aos fatores abióticos e principalmente à diversidade vegetal. O autor utiliza as plantas para caracterizar os ambientes e diferenciá-los. Através do nome das famílias botânicas e citação de espécies escolhidas, Taunay descreve as paisagens e os recursos vegetais que foram utilizados durante a missão, coletando informações para as tropas que passariam pela região futuramente.

As plantas apresentadas ao longo da narrativa podem ser agrupadas a partir da relação entre elas e as tropas. Na maioria das vezes a descrição de uma planta e a citação do seu nome vulgar vem acompanhada do nome científico e família, seja diretamente no texto ou em nota de rodapé.

Além de comer frutos e caules, os militares utilizaram madeira para fogueira, se abrigaram sob copas, abriram caminho utilizando machados, utilizaram árvores como pontes

sobre rios, se guiaram a partir de espécies identificadas previamente e observaram belos e diversos vegetais diferentes daqueles que estavam acostumados, interagindo de forma direta e indireta com eles. Mesmo com a grande diversidade de relações entre militares e plantas descritas por Taunay em *Scenas de Viagem*, é possível supor que uma quantidade razoável de situações e usos não foram descritas. Tal fato aumenta consideravelmente as espécies utilizadas nas ações de guerra no Mato Grosso e os tipos de interação estabelecidas. Nas outras obras de Taunay, é possível identificar alguns outros vegetais e seus respectivos usos.

2.5.3 A Retirada da Laguna

A Retirada da Laguna, uma das obras mais conhecidas de Taunay, foi publicada em 1871. Sua primeira edição foi escrita em francês e só recebeu tradução em 1874.

O conteúdo do livro é bastante descritivo e, além de relatar as adversidades vividas pelas tropas que compunham a coluna expedicionária, o autor segue uma lógica comum aos relatos de oficiais da época: enaltecer os fatos heroicos enfatizando a demonstração do dever e disciplina militares e o compromisso em honrar sua pátria. Tanto em *A Retirada da Laguna* quanto em fontes primárias relacionadas ao episódio, é possível constatar esta tendência. Na dedicatória destinada ao Imperador, Taunay reafirma esta postura após as devidas citações de bondade do próprio monarca. O autor descreve assim sua ousadia em:

Achar-me autorizado a colocar sob o augusto patrocínio imperial a desataviada narrativa da Retirada da Laguna, obra da constância e disciplina, em que os oficiais de Vossa Majestade, devendo defender, por entre obstáculos os mais diversos, as bandeiras e os canhões a eles confiados, jamais cessaram, quanto lhes foi possível(...).” (TAUNAY,2006:43)

A partir da leitura da ordem do dia nº 1 da Retirada da Laguna, arquivada no AHex, é possível exemplificar a lógica anteriormente citada, demonstrando a clara consonância entre a posição exposta por Taunay e o discurso oficial da época. O Major José Thomas Gonçalves, após informar o falecimento do Coronel Carlos de Moraes Camisão, justifica sua opção em buscar que as tropas encontrem um local para o merecido descanso. “Para isso confio na coragem nunca desmentida do soldado brasileiro, para isso apelo por um esforço último e extremo que inculcando o terror nos inimigos do nosso país abra nos o caminho da salvação”.

Partindo desta visão, não é estranho observar que a narrativa do livro não descreva de

forma clara os diversos responsáveis e as complexas relações que levaram as tropas no Mato Grosso a encarar inúmeras adversidades. Em seu livro de *Memórias*, que ficou arquivado na arca do IHGB e recebeu instruções expressas pelo autor de só ser revelado quando completados 50 anos após seu falecimento ou 100 anos após seu nascimento, Taunay descreve uma realidade um tanto distinta, demonstrando de forma mais autônoma sua opinião sobre diferentes fatores relacionados aos episódios expostos em *A Retirada da Laguna*.

O livro expõe a visão de Taunay sobre os trinta e cinco dias que englobam a marcha estabelecida desde a saída da fazenda Laguna, em território paraguaio, e a chegada ao Rio Aquidauana. “É o assunto deste volume a série de provações por que passou a expedição brasileira em operações ao sul de Mato Grosso, no recuo efetuado desde a Laguna, a três e meia léguas do Rio Apa, fronteira do Paraguai, até o Rio Aquidauana, em território brasileiro, 39 léguas, ao todo, percorridas em 35 dias de dolorosa recordação.”⁵³

Taunay descreve diversas relações estabelecidas entre os militares, as plantas, os produtos vegetais e o meio ambiente presentes na marcha. As descrições apresentam algumas diferenças substanciais quando comparadas às suas outras produções sobre todo o envolvimento da coluna expedicionária na guerra. Em *Scenas de viagem* e no *Relatório da Comissão de Engenheiros* é possível reconhecer uma descrição mais contemplativa, onde as plantas presentes no ambiente são classificadas a partir dos seus nomes científicos e famílias botânicas. Apesar de Taunay também descrever o ambiente e citar alguns nomes científicos, a narrativa de *A Retirada da Laguna* enfatiza o uso dos vegetais e suas especificidades diretamente relacionadas às ações militares.

Em relação aos recursos vegetais, as descrições elaboradas por Taunay abordam principalmente três situações distintas: plantas utilizadas diretamente na alimentação, plantas com utilização bélica e, em menor quantidade, plantas observadas no ambiente sem uso direto.

2.6 Relações entre as tropas e os recursos vegetais

2.6.1 Alimentação

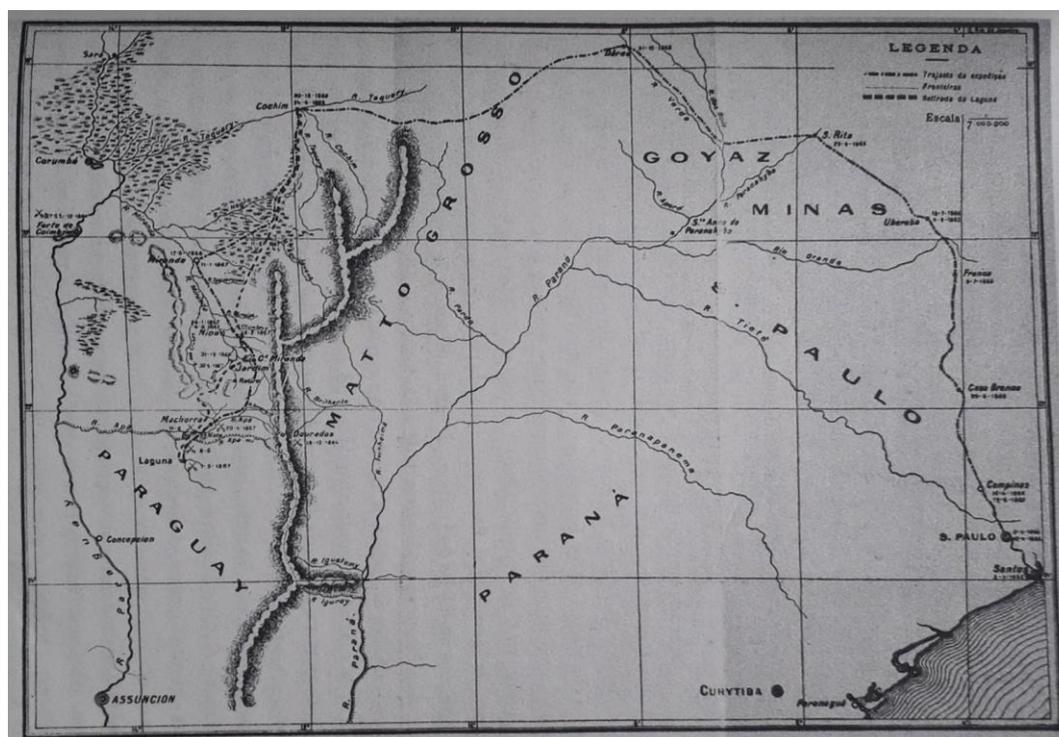
2.6.1.1 De Santos ao Coxim

Para entender as relações alimentares entre os militares da coluna que marchou para o Mato Grosso e os vegetais, é preciso admitir que elas ocorreram em momentos bastante

⁵³ *Ibidem* p.45

distintos, mesmo que em todos eles as tropas estivessem em marcha. A coluna passou por locais com realidades demográficas diferentes, o que claramente influenciou o abastecimento de víveres e consequentemente modificava as relações das tropas com o ambiente. Nas descrições de Taunay, é possível perceber algumas diferenças mesmo nos dados que não citam diretamente os recursos vegetais, como as condições agrícolas do local. Em momentos em que as tropas faziam o reconhecimento do terreno já no Mato Grosso, quando um destacamento foi incumbido de percorrer e analisar a região entre os rios Taquary e Aquidauana, o autor parece identificar as condições agrícolas do ambiente vislumbrando a possível utilização futura dos víveres produzidos no local. No caso dos dados relacionados aos momentos que as tropas passam pelas regiões mais povoadas, como as províncias de São Paulo e Minas Gerais, a análise da atividade agrícola ganha uma abordagem distinta: o autor estabelece relações entre os gêneros cultivados e a ideia de progresso econômico das províncias. O cultivo do café ou a simples possibilidade da sua produção é descrita por Taunay como um fator importante para o desenvolvimento dos povoamentos.

Entretanto, pelas informações que colhemos das excelentes colheitas que se fazem do café conclui-se que, se ainda não é manifesto o progresso, há contudo esperanças de se fazer desenvolver esse centro de população. As terras são fertilíssimas, e só por pouca actividade e falta de iniciativa fallecem de meios, até para a alimentação grosseira, os possuidores de vastas áreas de terreno ubertoso”. (TAUNAY,1874:117)



Mapa do trajeto percorrido pela coluna. Desenho do Visconde de Taunay retirado de Doratioto, F. *Maldita Guerra: a nova História da Guerra do Paraguai*.

As plantas encontradas pelo caminho percorrido foram utilizadas diretamente pelas tropas para a alimentação. Analisando a ocorrência das descrições, a alimentação relacionada aos frutos silvestres começa a ser mais descrita a partir da entrada da coluna na província de Goyaz. A primeira citação de demora no fornecimento dos víveres acontece quando a tropa já está em Goyaz. Taunay cita que no dia 24 de outubro de 1865 a “força não marchou à espera de que o fornecedor reunisse os carros de gêneros que se haviam atrasado”.⁵⁴ Sincronicamente à descrição de frutos silvestres como alimento percebe-se a falta de provimento de víveres pelas vias institucionais. As produções agrícolas ao longo do trajeto percorrido pelas tropas são descritas como modestas e muitas vezes somente capazes de suprir a própria população local. Até a entrada em Goyaz, a quantidade de citações relativas ao consumo de vegetais retirados diretamente do ambiente é pequena. O gosto adocicado dos frutos da *uvalha*, o gosto salgado da cana de açúcar relacionada ao solo de determinado lugar, a presença de cajuís “carregados de fructos tão apreciados” são citações que indicam o possível consumo destes vegetais antes da chegada em Goyaz.⁵⁵

No dia 28 de outubro, quando a tropa já estava naquela província, Taunay cita que os alimentos de origem vegetal oferecidos às tropas estavam ficando escassos. O autor credita esta situação “aos poucos recursos que oferecem os lugares d’este sertão ainda mais a falta de colheita devido à seca do anno” e que “obrigam à diminuir a ração diária”. Farinhas de mandioca e de milho, arroz e feijão são especificamente os alimentos citados.⁵⁶

Nos dias 6,7 e 13 de novembro a tropa foi impossibilitada de prosseguir a marcha pelo atraso ou falta do provimento de víveres.⁵⁷ No dia 19 a ração foi “curta”.⁵⁸ Neste mesmo mês, Taunay descreve o fruto da mangabeira tendo um gosto agradável, mas sendo mais adequado para a produção de doces. Há também a citação de marmeleiros do campo com frutos adocicados e “inúmeros pés de muricis carregados de fructosinhos adocicados”.⁵⁹ Além de frutos extraídos diretamente do ambiente natural, o autor cita que a tropa acampou em área particular onde o proprietário ofereceu “abundantes frutos” oriundos do seu pomar para os soldados. Já no Mato Grosso, Taunay cita em outra parte do relatório que existiu a falta e demora do suprimento de víveres quando a tropa marchava em Goyaz, onde os soldados eram

⁵⁴ *Ibidem* p. 173

⁵⁵ *Ibidem* p. 153 e 160

⁵⁶ *Ibidem* p. 177

⁵⁷ *Ibidem* pp. 216 e 221

⁵⁸ *Ibidem* pp. 228 e 229

⁵⁹ *Ibidem* p. 225

“obrigados ao passadio de fructos silvestres como mureci e pequi quase exclusivamente lhes serviram de simples alimentação”.⁶⁰

A partir de março de 1866, quando a tropa já se encontrava no Mato Grosso, o fornecimento de víveres passou a ocorrer com alguma regularidade. Entretanto, o autor cita que em Mato Grosso, existiram momentos em que “a carne faltava de todo, e os soldados quase qui exclusivamente se sustentavam da fructa do jatobá e de outras árvores silvestres”.⁶¹ Em outra situação, quando um efetivo composto por alguns homens fez o reconhecimento do território do rio Taquary até o Rio Aquidauana, Taunay cita que os militares passaram oito dias vagando “a se sustentar com os escassos fructos do mato que aquella região inundada lhes podia proporcionar”.⁶² As relações entre as tropas e os vegetais durante o reconhecimento feito após a chegada em Miranda serão descritas a seguir, mas antes é necessário demonstrar uma breve passagem do *Relatório da Comissão de Engenheiros*. Esta descrição interessante e que foge um pouco do padrão seguido pelo autor consiste na leve crítica que Taunay faz em relação ao depósito de víveres estabelecido em Goyaz. Antes de citar a inadequação do depósito, o autor admite “que de Goyaz nunca poderia vir o abastecimento completo, exigido n’um momento dado em vista os fracos recursos”.⁶³ Posteriormente completa que, em relação à Minas Gerais e São Paulo, a distância era o fator que impedia que estas províncias fornecessem víveres para a coluna. Ao citar o depósito de Bahus, Taunay diz que “não tinha proporções para dar os mantimentos precisos, e que o pouco gado que d’elle se dirigia para nós, em breve era consumido”.⁶⁴ Na nota relativa a citação sobre os fracos recursos da província de Goyaz, Taunay afirma que mesmo assim, “foi ella, comtudo, que salvou as forças expedicionárias dos horrores de uma fome prolongada que traria ou o aniquillamento da columna ou a sua dispersão obrigatória.”⁶⁵ O autor ainda agradece ao presidente da província, “o Exm Sr Dr Ferreira França, a cujos esforços, diligencia e energia se deveu aquele resultado, serviço publico do mais alto alcance, que infelizmente não foi nem elogiado, nem remunerado”.⁶⁶

2.6.1.2 Entre os Rios Taquary e Aquidauana

⁶⁰ *Ibidem* p. 258

⁶¹ *Ibidem* p. 263

⁶² *Ibidem* p. 258

⁶³ *Ibidem* p. 286

⁶⁴ *Ibidem* p. 286

⁶⁵ *Ibidem* p. 286

⁶⁶ *Ibidem* p. 286

As descrições relativas ao período em que um pequeno contingente fez o reconhecimento do terreno entre os rios Taquary e Aquidauana apresentam muitas situações nas quais plantas foram utilizadas na alimentação. Após coletados diretamente do ambiente, na maioria das vezes alguns frutos eram consumidos in natura. Cagaiteira, murici, pequi, diversas guabirobas, pitombeira, jatobá e algumas espécies de palmeiras são plantas nativas que fornecem frutos para as tropas. Analisando os diferentes trechos de *Scenas de Viagem*, é possível inferir que os frutos eram coletados e consumidos imediatamente e algumas vezes coletados e reunidos pelos soldados anteriormente ao consumo. Além disso, Taunay afirma que alguns desses frutos eram comercializados no acampamento do Coxim.⁶⁷ É importante ressaltar que o consumo de frutos não era feito a revelia. Era necessário conhecer previamente os vegetais antes de consumi-los, já que alguns poderiam causar malefícios. Neste ponto, Taunay descreve que o conhecimento sobre tais plantas também era oriundo das populações autóctones. Uma das plantas possivelmente prejudiciais era um tipo de araçá do grupo dos araçás-de-coroa. Conhecer o araçá específico dentro de uma diversidade significativa de plantas do mesmo grupo era uma informação que poderia salvar os soldados de possíveis problemas de saúde.

Muitos grupos de araçás, chamados vulgarmente de coroa, levantão-se, aqui e ali, no meio do capim. Disserão-nos que esses fructos produzem febres intermitentes; a razão não parece clara, entretanto nenhum sertanejo deixa de afiançar que o araçá do pântano dá sempre maleitas. (TAUNAY, 1868: 53)

Não somente os frutos produzidos pelas plantas nativas eram consumidos. Em momentos de grave falta de víveres, os caules de algumas palmeiras eram utilizados para consumo. Os soldados “chupavão miolos de macaubeiros; comião jatobás verdes, cujo sabor desagradável sobrepuja cheiro nauseabundo”.⁶⁸ Em um outro momento, as tropas se depararam com um “mato de palmeiras, que nos derão palmitos e côcos”.⁶⁹ De uma palmeira em especial, o buriti, muitas partes eram utilizadas. Além do consumo diretamente dos frutos, extraía-se desta palmeira “um succo sacharino, usado, depois da fermentação, como bebida e do qual se pôde tirar excellente assucar, como o fez um official das forças”. Outras partes também eram consumidas in natura em momentos específicos “Em épocas de fome, de muito servirão aos soldados que procuravão não só os cocos, em concurrencia com as araras, como em razão do miolo que chupavão com grande gosto”⁷⁰

Algumas plantas não necessariamente nativas também são citadas como milho, arroz,

⁶⁷ TAUNAY, Visconde de. *Scenas de Viagem. Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda*. Typographia Nacional. Rio de Janeiro, 1868 p.12

⁶⁸ *Ibidem* p 45

⁶⁹ *Ibidem* p.47

⁷⁰ *Ibidem* p.152

feijão e mandioca. Estes produtos vegetais (muitos eram consumidos após processamento) faziam parte da alimentação dos habitantes encontrados pelas tropas ao longo do caminho, incluindo as aldeias de refugiados de guerra. Taunay registrou a quantidade e a qualidade destes produtos nas aldeias a fim de levantar a possibilidade de uso pelas tropas que estavam acampadas no Coxim e marchariam até aqueles locais. Vale ressaltar que a rapadura também foi um produto consumido pela tropa em missão quando hospedados em uma destas aldeias.

Indiretamente as plantas também participaram da alimentação das tropas nesta situação específica. Em um momento da viagem, “mel de jatý” foi coletado e armazenado para adoçar bebidas (no final de *Scenas de viagem*, Taunay descreve os diferentes tipos de mel encontrados na região) e madeira retirada do ambiente foi utilizada para fogueiras que preparavam e aqueciam os alimentos. Além destes usos, a presença de determinadas plantas atraía pequenos animais de caças. Uma vez avistadas, tais plantas eram um indício da presença destes animais que poderiam fornecer carne fresca para as tropas. “Os fructos (cujos côcos tem 3 bagas monospermias) com uma bonita côr amarello-alaranjada e revestidos por uma casca filamentosa (que não tem maõ sabor, sobretudo assada), dão em cachos, que as vezes pendem junto ao chão, servindo de pasto aos porcos do mato, que os procurão com avidez. Por isso, quando atravessamos os aucurisaes do rio Negro, onde a abundancia d’esses cocos era extrema, grandes varas de queixadas (*dicotyles labiatus*) fugião diante de nós, sendo facil a um dos soldados derribar alguns d’elles”.⁷¹

2.6.1.3 Entrando e saindo do Paraguai: A Retirada da Laguna

As plantas relacionadas à alimentação no episódio conhecido como a Retirada da Laguna são diversas e envolvem tanto as fornecidas pelo exército quanto as presentes no teatro de operações. Vale ressaltar aqui que, mesmo sendo diretamente retiradas do ambiente, muitas vezes trata-se de vegetais cultivados e não necessariamente nativos da região. Porém, existe uma considerável riqueza de dados referentes ao consumo direto de plantas nativas.

Em relação aos dados sobre alimentação presentes na descrição do autor sobre este episódio, Taunay relata diversas situações nas quais as tropas consomem alimentos diretamente extraídos do ambiente. Em uma das passagens, ao indagar o motivo pelo qual as tropas estão adoecendo, o autor se pergunta:

A que causa devíamos atribuir a irrupção da cólera ou, melhor, a que causa

⁷¹ *Ibidem* p. 154

não atribuímos? Seria talvez a carne estragada que éramos obrigados a comer, ou a fome curtida quando as náuseas venciam o apetite, ou a infecção oriunda de todas as substâncias vegetais que devorávamos: brotos, frutas verdes e podres, ou também, enfim, a insalubridade do ar viciado pela água estagnada dos charcos e lodaçais que naquela região tanto abundam . (TAUNAY,2006:136)

Além de citar a presença de pés de pequis “carregada de frutos” Taunay cita a mangabeira, chamando atenção para o sabor de seus frutos e descreve sua família botânica em uma nota. Além destas duas, o autor também cita o consumo da fruta de veado.^{72 73} Estas três citações podem ser consideradas parcialmente indiretas já que elas não citam literalmente o seu consumo, mas a partir do destaque dado pelo autor à presença de frutos e o gosto deles, possivelmente os militares experimentaram e os não oficiais a consumiram como alimento. Dentro das citações diretas podemos observar diferentes vegetais e produtos oriundos de plantas. Os já citados arroz e farinha de mandioca aparecem em alguns pontos da obra. Além destes, alguns vegetais aparecem esporadicamente e outros são recorrentes ao longo de alguns pontos da narrativa. Legumes secos e batatas são citados em um ponto do livro. As batatas foram encontradas em um local abandonado pelos paraguaios e os legumes secos são descritos como consumidos em um momento regular (formal) de alimentação.⁷⁴

Como os legumes não eram institucionalmente fornecidos pelo exército e as batatas foram encontradas em provisões abandonadas pelos paraguaios, é possível afirmar que se trata de uma interação dos militares com o ambiente de guerra independente da previsão do comando das tropas.

A partir da leitura de *A Retirada da Laguna* e outras obras de Taunay sobre as ações no Mato Grosso (e até mesmo no sul do país e no Paraguai) a presença e utilização de uma variedade de palmeiras para inúmeros fins é uma realidade incontestável. Nas situações já citadas em que as tropas marcharam por São Paulo, Minas Gerais e Goyaz, tal fato é evidente. Essa belíssima família botânica denominado atualmente *Arecaceae* envolve espécies com muitas utilidades para o ser humano em geral e especificamente para a população brasileira. Coco babaçu, buriti, carnaúba, coco verde, dendê, piaçava e uma grande quantidade de palmitos (entre eles o palmito juçara) são somente alguns exemplos de espécies desta família utilizadas para alimentação e outros fins. Não é de se estranhar que no Brasil existam tantas palmeiras

⁷² *Ibidem* pp 52 e 54

⁷³ O pequi (*Caryocar brasiliensis*) é uma planta nativa do cerrado brasileiro muito utilizada atualmente em diversos pratos típicos da culinária do Centro Oeste. Em *Scenas de Viagem*, Taunay cita o nome científico da espécie.

⁷⁴ TAUNAY, 2006. *op cit.* pp 77 e 115

pois esta família, que possui em torno de 3.200 espécies, ocorre basicamente na região tropical e subtropical do globo terrestre.⁷⁵

Analisando as obras de Taunay, é possível perceber que o autor apresenta grande apreço pelas palmeiras. Tanto no Relatório da Comissão de Engenheiros quanto em *Scenas de Viagem*, o autor descreve organograficamente o buriti e outras palmeiras, citando seus possíveis nomes científicos e usos pelas tropas.

Em *A Retirada da Laguna*, o autor dá grande ênfase à utilização de palmeiras sem se prender à descrição botânica mais aprofundada. A importância dessas plantas é tamanha que, no título do capítulo 16, Taunay anuncia palmitos como um recurso.⁷⁶ Nesse caso provavelmente o interior do estipe (caule específico desta família) foi consumido assado em uma fogueira (“Foi o alimento prontamente cozido sobre as brasas na cinza e cada qual teve o seu quinhão, uns mais, outros menos”).⁷⁷ É interessante e bastante pertinente citar que os palmitos descritos no capítulo 16 estavam ocultos na mata e só foram encontrados graças ao auxílio e orientação do Guia Lopes, que instruiu naquele momento a abertura de uma picada.⁷⁸ Lopes conhecia muito bem a região e as possibilidades de exploração deste tipo de recurso vegetal presente no ambiente. Em uma de suas caracterizações, Taunay descreve Lopes como “prodigiosamente sóbrio, viajava dias inteiros sem beber, trazendo à garupa da cavalgadura pequeno saco de farinha de mandioca, amarrado ao pelego macio, que lhe forrava o selim. Jamais deixava o machado destinado a cortar palmitos”.⁷⁹ Esse não é a única vez no livro em que Taunay cita a grande habilidade e conhecimento de Lopes referentes ao ambiente. Dentro do capítulo 16, o palmito é citado como um recurso encontrado inesperadamente e que foi prontamente consumido. Além disso, Taunay sugere que a presença de tais recursos foi um dos fatores que levou ao comando das tropas a escolherem aquele local para acampar (“Esse serviço, rapidamente executado, deu aos trabalhadores o ensejo de descobrir na mata palmitos em profusão, inesperado recurso que levou o comandante a mandar que estacássemos, porque também ali estava o solo mais seco”).⁸⁰ Vale destacar que, ao final do capítulo 16 o autor,

⁷⁵ TOMLINSON, P. Barry. *The uniqueness of palms*. Botanical Journal of the Linnean Society, 2006, 151, 5–14.

⁷⁶ TAUNAY, 2006 *op cit*. p 134

⁷⁷ *Ibidem* 145

⁷⁸ José Francisco Lopes foi um morador de Mato Grosso que teve um papel fundamental nas ações militares brasileiras. Sendo o único membro de sua família a escapar do aprisionamento pelos paraguaios, Lopes não somente guiou as tropas por territórios desconhecidos como forneceu mantimentos retirados diretamente de sua propriedade. Entrou para a história como Guia Lopes da Laguna, designação que atualmente nomeia uma cidade fundada onde eram as terras de sua propriedade. Para uma descrição mais detalhada sobre José Francisco Lopes ver *A Retirada da Laguna* *op cit* pp 57, 58 e 59

⁷⁹ TAUNAY, 2006 *op cit* p.58

⁸⁰ *Ibidem* p. 144

possivelmente lembrando da cena onde os oficiais e praças conjuntamente comiam palmitos, descreve que os brasileiros mesmo em situações adversas possuem hábitos hospitaleiros à mesa. (“Nunca se desmentiram os hábitos hospitaleiros da mesa brasileira, nem ali nem em parte alguma; e até mesmo nas mais terríveis conjunturas”)⁸¹

Um outro recurso alimentar retirado do ambiente que, na visão de Taunay serviu para acalmar a fome, hidratar os corpos e tratar os doentes, foram as laranjas. Possivelmente as tropas podem ter encontrado pés de laranja espalhados pelo caminho por onde passavam, mas os frutos descritos por Taunay eram fornecidos diretamente pelo Guia Lopes. (“A seu ver, era essa fruta de inestimável valor para a saúde; cada vez que ao Jardim fora, para nos abastecer de gado, grandes sacos dela nos trouxera.”). As citações deste alimento/fruto, diferentemente dos outros recursos vegetais, aparecem algumas vezes de forma espaçada ao longo do livro. A quantidade de citações e sua posição na obra nos leva a constatar que tal recurso foi muito importante para a manutenção e recuperação fisiológica dos participantes da retirada. Na página 112, Taunay cita o “inestimável valor para a saúde” que o consumo dos frutos proporcionava. Já na página 153, descrevendo a situação de enfermidade que assolava o Coronel Camisão, o Tenente-Coronel Juvêncio e o próprio Guia Lopes (os três faleceram vítimas da cólera pouco tempo depois), o autor atenta para o fato de que as laranjas e limões recebidos pelos três “acalmaram-lhe um pouco a sede”. No título do capítulo 18 Taunay cita que, ao atravessar o Rio Miranda, alguns homens trouxeram “a boa notícia da existência de grande laranjal coberto de pomos maduros”. E ainda completa no final do título “Chegam abundantes as laranjas. Seu efeito benéfico sobre os esfaimados e coléricos”⁸². Tais citações referem-se ao pomar presente na fazenda do Guia Lopes, destino tão cobiçado pelos militares. (“O que descobriram foi a tranquila morada de nosso valoroso guia rodeada de belo laranjal, cumprimento tão agradável quanto completo, das promessas do velho e de todas as maravilhas que seu pomar nos referira”)⁸³. A chegada ao Jardim coincidiu com o falecimento de Lopes, que Taunay melancolicamente assim descreve: “No momento de ali chegar expirou o nobre velho, insensível à vista daquilo que tanto amara. Foi enterrado no meio do nosso acampamento, em terra que era sua”.⁸⁴

As laranjas receberam um tratamento específico pelos oficiais. Uma quantidade significativa de famintos e exaustos soldados se depararam com um grande pomar repleto de laranjas. Possivelmente foi difícil controlar a euforia. Tanto o Coronel Camisão quanto seu

⁸¹ *Ibidem* p.145

⁸² *Ibidem* p 154

⁸³ *Ibidem* p.155

⁸⁴ *Ibidem* p.153

imediatamente, o Tenente-Coronel Juvêncio, estavam já bastante debilitados neste momento. Mesmo assim, Taunay cita que: “Do próprio couro em que jazia quase agonizante ainda dava ordens o coronel, umas por vezes incoerentes e inexecutáveis, mas outras lúcidas, e práticas. Mandou que o Corpo de Caçadores a Pé, o único ainda não contaminado pelo espírito de desorganização, atravessasse, quanto antes o rio. Guardando a outra margem, devia impedir o saque do pomar até que ele, comandante, ali pudesse ir a fim de proceder à justa distribuição de quanto lá havia”.⁸⁵ Analisando a narrativa, é possível perceber que as tropas ficaram alguns dias de um lado do rio aguardando condições para atravessá-lo e chegar finalmente à fazenda e ao tão desejado pomar. Neste momento as laranjas foram a quase única fonte de alimento. Taunay assim descreve a situação:

Nada tínhamos que comer e a custo conseguimos, a peso de ouro, arranjar algumas laranjas que os nadadores mais ousados traziam com largos intervalos. Foi este, aliás, único conforto que se não mostraram insensíveis o Coronel Camisão e o Tenente-coronel Juvêncio, na sede da agonia, exasperada pela água. (TAUNAY, 2006:156)

Quando enfim a comunicação entre as duas margens do rio foi estabelecida, possibilitando a passagem de materiais, grande quantidade de laranjas foi fornecida aos militares. Taunay não somente credits às laranjas o mérito de saciar o apetite, como afirma categoricamente que tal alimento foi um dos responsáveis por curar soldados coléricos!

Desde o momento em que funcionou este vaivém, chegaram as laranjas, copiosamente. teve a sua abundância este primeiro efeito de distender estômagos desde muito vazios. Eram por vezes, devoradas com casca e tudo, no ardor da fome e da sede que nos consumia. Sua maturidade e doçura convidavam-nos, aliás, ao abuso, mas os princípios medicinais que residem na essência da casca agiram mais eficazmente ainda: diminuiu a epidemia, e quase cessou. haveria nisto mera coincidência? Já Lopes, contudo, nos predissera esta melhoria do estado geral. certo é que os coléricos foram vistos - a maior parte dos quais se curou - a passar longas horas a devorar montes de laranjas que mal deixavam alguns restos. (TAUNAY, 2006:160)

Em suas Memórias, Taunay cita que neste momento consumiu mais de vinte e oito laranjas. “Quanto a mim, comi de assentada nada menos de vinte e oito!” (TAUNAY, 2004:336)

⁸⁵ *Ibidem* p. 155

2.6.2 Contemplação

A paisagem natural encarada pela coluna expedicionária é amplamente descrita por Taunay, principalmente quando as tropas atravessaram o território brasileiro até chegar ao Mato Grosso. Os dados permitem estabelecer uma estreita relação entre o ambiente e o cotidiano militar nas províncias percorridas pela coluna a partir da Corte. Taunay utiliza seu vasto repertório botânico para descrever o ambiente. As plantas são tratadas acompanhadas de sentimentos ou em descrições puramente burocráticas. O “elegantíssimo taquarussu” que “inclina sobre a estrada o flexível colmo formando arcos de verdura” é acompanhado ao longo da narrativa por “infinitas especies de piperaceas “ ou até mesmo ”ellegantes *capillo veneris*” e “bellas e aveludadas *begonias*”. (TAUNAY, 1874:115:116) Áreas são descritas “cobertas da mais luxuriante vegetação” onde encontravam-se entre outros, “elevados coqueiros”, “elegantes *tycuris*”, “corpulentas *perobas*”, “bellas *gamelleiras*” e “figueiras de configurações curiosas e excentricas”.⁸⁶ Algumas vezes gramíneas estavam presentes comumente em “zona de vegetação primitiva e acanhada”.⁸⁷ Além de adjetivos ligados aos sentimentos e sensações humanas, as plantas também são descritas a partir de seu uso. Balsamos, perobas, jequitibás, ipês e outras observadas diretamente no ambiente natural frequentemente são descritas como “madeira de construção”. Também há adjetivos ligados às posições de um vegetal no ambiente, como “solitária palmeira”, fornecendo pistas de como era a paisagem vegetal em determinados locais.⁸⁸

Para parcialmente finalizar a análise das citações relativas à contemplação do ambiente já que, de acordo com o tipo de visão estabelecida sobre o texto a quantidade de interações presentes no texto pode variar, é interessante concluir que Taunay expõe seu fascínio pelos vegetais em diversos trechos. Espécimes que possivelmente o autor, até então, somente tinha vistos em livros. Ele cita o potencial de uso em jardinagem de algumas plantas observadas. “Flores delicadíssimas, de cores brilhantes que nos encantavam as vistas, e cuja obtenção e cultura augmentariam de muito as bellezas dos nossos jardins”.⁸⁹ Taunay indica que sementes de carobinha, “esse belíssimo vegetal” foram enviadas para a Rio de Janeiro, “onde vingaram só 3 pés. O maior acha-se no Passeio Público e já floresceu, mas não tem desenvolvimento

⁸⁶ *Ibidem* p. 141

⁸⁷ *Ibidem* p. 122

⁸⁸ *Ibidem* pp. 116 e 120

⁸⁹ *Ibidem* p. 165

correspondente a idade”.⁹⁰

2.6.3 Fins bélicos

Os recursos vegetais para fins bélicos são, neste trabalho, definidos como plantas, ou partes de plantas, utilizadas diretamente em combate ou para o deslocamento das tropas, tanto de maneira benéfica quanto dificultando as ações.

Nas descrições referentes ao trajeto percorrido desde São Paulo até o Mato Grosso, Taunay não se detém somente as plantas presentes nos ambientes florestais primários ou secundários. Parte da descrição está ligada às construções dos povoados. A qualidade da madeira utilizada nos edifícios e pontes, por exemplo, é descrita em vários pontos do Relatório da Comissão de Engenheiros, provavelmente porque estavam diretamente ligadas à marcha das tropas (Taunay cita, entre outros, o uso da aroeira na construção de determinadas casas). A condição das pontes já construídas era um fator importante na análise da viabilidade dos caminhos e deslocamentos. Neste caso, a qualidade da madeira e as espécies utilizadas na construção de uma ponte estão inseridas no conjunto de fatores que viabiliza ou não as ações militares.

No momento de ultrapassagens de corpos d'água onde não existiam pontes, a comissão de engenheiros julgou viável construir canoas para transporte de cargas e passageiros. Para identificar se era viável construir uma ponte ou não, as plantas também participaram da decisão dos engenheiros. As margens do rio em questão se tornavam alagadas até certo ponto, inviabilizando a construção de uma ponte. A “natureza dos terrenos vizinhos” demonstrava a inviabilidade por que era possível perceber o nível de inundação do rio pelos “vestígios deixados nos troncos das árvores próximas”.⁹¹ Para produzir as embarcações, utilizou-se madeira extraída diretamente do ambiente. No próprio local existiam tais recursos porque “duas zonas de vegetação vigorosíssima e luxuriante, que acompanham as curvas sinuosas do rio, fornecem com abundância todas as madeiras de que se possam necessitar e apresentam os mais bellos exemplares das tres grandes classes phytologicas”.⁹² Por estes motivos, a comissão decide pela construção das canoas. “Attendendo, pois, a todas essas circunstâncias, estamos procedendo a promptificação das canoas de 35 palmos de comprimento e 2 de boca, para barcas

⁹⁰ *Ibidem* p. 167

⁹¹ *Ibidem* p. 169

⁹² *Ibidem* p. 170

de transporte”.⁹³ Neste caso, o autor ainda cita a construção de mais embarcações e a espécie utilizada no trabalho. “Tornando-se porém, necessário apressar a passagem, fizeram-se mais duas canoas do páo chamado *barrigudo* (*chorizia ventricosa*) uma das quaes de 40 palmos de comprimento, com 4 ½ de boca e que já no dia 16 passou o corpo policial e seu trem e no dia 17 o corpo provisório”.⁹⁴

Nem sempre a construção de canoas contou com abundância de recursos para a produção. Em um outro momento, Taunay descreve que a comissão encarou algumas dificuldades para realizar um serviço parecido. Em um ofício remetido pelo comandante da comissão de engenheiros para o chefe da expedição, percebe-se a grande dificuldade que foi construir as barcas contando com poucas espécies arbóreas apropriadas para a empreitada e a penúria alimentar vivida pelos soldados. A passagem do Rio Negro foi um processo bastante difícil descrito por Taunay. “Entretanto em luta não só com a falta quase total de ferramentas e com dificuldades na alimentação própria e na dos soldados empregados n’esse serviço mas também com a completa carência dos precisos madeiros para a construção de barcas, n’uma mataria baixa e de terrenos paludoso, soffreu a comissão extremamente. Prosseguiu como pôde no seu empenho e desenvolveu toda atividade apesar de tão mãos auspícios”.⁹⁵ Mesmo com tais adversidades, aparentemente algumas barcas foram construídas e utilizadas na passagem pelo rio. “Tendo-se anteriormente perdido duas canoas, já se achava comtudo prompta uma barca construida sobre dois bateis”.⁹⁶ Em um trecho transcrito por Taunay, o comandante da comissão oficia ao superior das tropas que “por mais uma vez a levar ao conhecimento de V.S. as difficuldades com que continua a lutar esta comissão nos trabalhos que se acha incumbida para a transposição do Rio Negro”.⁹⁷ Além da falta de madeiras, os soldados tinham dificuldade em realizar a tarefa por conta da precária alimentação.

As plantas presentes no ambiente também dificultaram a marcha das tropas. O deslocamento por alguns territórios era impedido pela presença de determinados vegetais e dificultado pela ausência de outros. A presença de plantas palatáveis para os animais de montaria e gado de corte era um fator que permitia o estabelecimento e marcha das tropas em alguns locais. A ausência de tais plantas dificultava esses processos (“As irregularidades nas horas da partida provém todas as difficuldades dessa reunião sobretudo trabalhosa nos pontos

⁹³ *Ibidem* p. 170

⁹⁴ *Ibidem* p. 170

⁹⁵ *Ibidem* pp. 260 e 261

⁹⁶ *Ibidem* p. 261

⁹⁷ *Ibidem* p. 261

em que os pastos são máos e abertos como aconteceu nesse lugar”).⁹⁸ Além disso, se deslocar a pé ou sob montaria por determinados locais era dificultado pela presença de algumas plantas e formações vegetais específicas. Taunay cita no Relatório que em determinado momento, a estrada seguia “a maneira de simples trilho (...) com atalhos para fugir dos cipós e grandes ramos pendentes ou troncos derrubados”.⁹⁹ Em certos momentos o simples desvio das plantas não era suficiente para prosseguir a marcha. “Paos e taquaras que embaraçam o transito” são citados por Taunay e por isso era necessário “ir sempre a dianteiro à força um certo numero de homens armados de machados e fouces para removerem os obstáculos”.¹⁰⁰ Nem sempre a presença de plantas era um empecilho para a marcha das tropas por locais com condições específicas como a passagem por rios ou terrenos alagadiços. Neste caso, a presença de vegetais poderia facilitar a passagem de bagagens e carroças. “A 50 braças antes d’essa corrente, existe um terreno baixo que há de se tornar alagadiço com a continuação das chuvas podendo ser praticada, neste caso, uma extensa estiva pelo muito matto que cobre as margens do riberão”.

101

A vegetação do ambiente também serviu de indicador de fatores abióticos muito pertinentes para os procedimentos efetuados pela coluna em marcha para o Mato Grosso. Além dos já citados “vestígios deixados nos troncos” indicando o nível em que o rio chegava na época de cheia, é possível encontrar outras situações descritas no Relatório da Comissão de Engenheiros. A presença do capim gordura, por exemplo, era “prova da esterilidade do terreno”.¹⁰² Um recurso bastante importante, a água potável, também poderia ser indicado por uma determinada planta, o buriti. “A presença d’esses vegetaes é sempre indicadora d’água: em campinas seccas nunca se os encontra senão com as raízes humedecidas, por causa de longe podem se prognosticar olhos d’água ou pantanaes, d’onde dimanam corregos de lymph purissima”.¹⁰³

Diferentemente da marcha, onde as plantas por vezes a dificultavam, o local de repouso das tropas frequentemente estava ligado à presença de determinadas formações vegetais ou até mesmo uma árvore. Em um momento da marcha, Taunay cita que “serviu-nos de bom abrigo uma immensa e copada figueira que tinha um entrelaçamento curioso de ramos”.¹⁰⁴ Vale

⁹⁸ *Ibidem* p. 127

⁹⁹ *Ibidem* p. 155

¹⁰⁰ *Ibidem* p. 308

¹⁰¹ *Ibidem* p. 301

¹⁰² *Ibidem* p. 172

¹⁰³ *Ibidem* p. 140

¹⁰⁴ *Ibidem* p. 152

arriscar dizer que esta informação pode ser considerada bastante pertinente para as tropas, já que é o único registro do dia 15 de setembro. Os buritis também participaram de dois acampamentos onde “elevado arvoredo não muito copado abriga um terreno plano coberto de miuda grama e proporciona excelente acampamento, a que ficava fronteira extensa linha de buritis, ornados de suas móveis palmas, longos cachos de côcos e troncos regulares”.¹⁰⁵ Outro acampamento deu-se em um “bello ribeirão, orlado de buritys e viçosas moitas, e em que cujas margens formou-se o acampamento”.¹⁰⁶

As plantas também protegeram os soldados não necessariamente em locais de acampamento, mas durante a marcha. “Contra o sol abrasador d’este dia, serviu-nos de abrigo uma bella e frondosa mata na Tapera”.¹⁰⁷

As plantas não indicavam somente possíveis locais de caça. Elas também se relacionavam com as tropas indicando outras características do ambiente, que poderiam facilitar ou dificultar o prosseguimento da missão. Algumas vezes a própria presença de determinadas plantas era um empecilho para a marcha. Taquaras, “sapé cortante”, cragoatás e “mimosaceas espinhosas” dificultavam e impediam a livre passagem por determinados pontos do território. Em um trecho específico de *Scenas de Viagem*, Taunay descreve que era necessário que o condutor de canoas trocasse o instrumento (zinga) utilizado para movimentar a embarcação por “paos de forquilha para aproveitar os ramos das arvores submersas e afastar d’elles a barquinha, na ocasião precisa”. (TAUNAY, 1868:42:52)

As plantas indicavam características ambientais extremamente pertinentes para a marcha das tropas. Alguns vegetais, como o buriti e o aucury, indicavam que o terreno era úmido ou até mesmo “encharcado”. As plantas guiavam as tropas indicando por onde deveriam passar. Ultrapassar um local desconhecido a pé ou sob montaria, conduzindo gado e peças de artilharia era uma tarefa bastante difícil e a vegetação facilitava este processo. A presença de determinadas plantas específicas indicava, por exemplo, que o terreno era estável ou não.

Nos barreiros o chão é sempre firme e, apesar de inundado por muitos mezes, nunca se torna atoladiço. Tínhamos feito observação que, em todos aquelles campos, onde crescem *synantheras* -perpetuas do campo-, o terreno é sempre estável, de modo que, de longe, ao avistarmos as campinas, que só differençavão-se por terem ou não aquellas plantinhas, podíamos com confiança atravessá-los ou procuravamos cuidadosamente rodeal-os. Poder-

¹⁰⁵ *Ibidem* p. 165

¹⁰⁶ *Ibidem* p. 227

¹⁰⁷ *Ibidem* p.167

se-hia, com menos certeza contudo, dizer o mesmo, quanto a umas mimosaceas, indicadoras, quasi sempre de local enxuto. (TAUNAY, 1868:55)

Os militares da missão descrita enfrentaram um ambiente hostil e as plantas também os protegeram fisicamente em algumas ocasiões. As copas das árvores abrigavam os acampamentos estabelecidos ao longo da viagem. Ao estacionar em uma propriedade particular, por exemplo, a tropa passou “a noite debaixo de um laranjal, que servia de pomar à casa do cidadão Joaquim Alves de Souza”.¹⁰⁸

Em relação ao episódio da Retirada da Laguna, o maior número de citações durante os 38 dias deste encaixa-se no grupo de vegetais utilizados com fins bélicos. De forma incontornável, se faz necessário mais uma vez destacar a presença de palmeiras nas ações. Além de servirem diretamente como alimento, tais plantas participaram auxiliando tanto tropas imperiais quanto paraguaias. Taunay cita que em Nioac, a barraca do comandante ficava abrigada por palmeiras.¹⁰⁹ Possivelmente em um ambiente de cerrado onde a formação não é densa como em outras formações florestais tropicais, a sombra das palmeiras era um local mais ameno para estabelecer acampamento. Em outra citação, o autor descreve que as tropas avistaram cavaleiros paraguaios de sentinela estacionados sob grandes buritis.¹¹⁰ Talvez também buscassem sombra e até mesmo a chance de cavalos e soldados se alimentarem dos cocos/frutos oriundos desta planta.

Uma outra palmeira que também forneceu sombra para as tropas foi a macaúba. Além de fornecer abrigo frente às intempéries ambientais, a macaubeira participou de um interessante e tenso momento das ações. Após uma troca de bilhetes entre os comandos paraguaios e brasileiros, onde os brasileiros informaram aos paraguaios seu desejo de que as tropas deixassem o território brasileiro e os paraguaios responderam afirmando que a única maneira de tratar com as tropas brasileiras era de "espada desembainhada" , a coluna chega à Laguna em 1 de maio. Vale destacar aqui uma parte da última e afrontosa resposta dos paraguaios feita em versos.

"Avança, crânio pelado!
Mal-aventurado general que espontaneamente
Vem procurar o túmulo"

¹⁰⁸ *Ibidem* p.65

¹⁰⁹ TAUNAY,2006 *op cit* p. 60

¹¹⁰ *Ibidem* p. 81

Chegando à Laguna, encontraram o local abandonado pelos paraguaios e um soldado brasileiro leva até os oficiais um papel "que achara pregado, com um espinho, ao tronco de uma macaubeira, variante da primeira ameaça em verso. Dirigida ao comandante assim dizia: "Malfadado o general que aqui vem procurar o túmulo; o leão do Paraguai, altivo e sanguissedento, rugirá contra qualquer invasor".¹¹¹

Algumas plantas herbáceas também são citadas por Taunay em *A Retirada da Laguna*. Elas participam das ações de diversas maneiras.¹¹² O autor cita a presença de alguns bambus diferentes denominados taquaruçu, taquari e taboca.¹¹³ Tais plantas dificultavam a passagem das tropas através do terreno. Tendo que lidar com elas, a tropa necessitava cortá-las para passagem tanto de soldados quanto de animais de carga e carros. Em uma das passagens do livro, ao se deparar com um "cerrado de taquaris", a tropa necessitou abrir caminho utilizando foice e machadinhas, o que "muito tempo nos tomou, dada a dureza e elasticidade dessas espécie de bambu e também má qualidade do aço de nossa ferramenta".¹¹⁴ Em um outro momento, em situação de combate onde o incêndio mais uma vez causado pelos paraguaios foi utilizado como armamento e estratégia, a tropa se descolou por bambuzais. Desta vez, se deslocando em um local (capão) incendiado que ainda pegava fogo em alguns locais próximos, à região ainda ardia em e era composta pelo bambu taboca "cuja haste nos internódios é oca".¹¹⁵ Quando tal planta pega fogo, produz um som que pode conduzir aos desavisados a pensar que são tiros de artilharia. ("Nela produzia o fogo detonações semelhantes às dos canhões: começamos a crer que a artilharia paraguaia tornará a entrar em linha").¹¹⁶ Em uma jocosa e pertinente colocação, Lopes demonstra que os soldados desconheciam a região e por isso tinham dificuldade em reconhecer aqueles estampidos. "Pôs se o velho Lopes a zombar: "Bem se vê que os senhores são novatos nessa terra".¹¹⁷ Fala bastante significativa que pode ser ampliada para outras situações vividas pelas tropas, onde o desconhecimento do local e das plantas dificultou as

¹¹¹ *Ibidem* p. 86

¹¹² Não é possível afirmar com exatidão a quais famílias as espécies estão ligadas, mas possivelmente o autor se refere em sua maior parte à espécies pertencentes à família Poaceae (gramíneas).

¹¹³ Definir se eram três espécies, três variedades de uma mesma espécie ou até mesmo uma variedade apresentando diferentes fenótipos não é pertinente e nem exequível a partir dos dados fornecidos na obra. Afirmar qualquer coisa seria somente uma suposição grosseira baseado em poucos dados sobre o corpo de cada planta. Porém, o autor diferencia as três plantas assim como faz com outras supostas gramíneas.

¹¹⁴ TAUNAY, 2006 *op cit* p. 124

¹¹⁵ *Ibidem* p. 126

¹¹⁶ *Ibidem* p. 126

¹¹⁷ *Ibidem* p. 126

ações. Além destas situações, os bambuzais também serviam de esconderijo para as tropas inimigas ou outros fatores do ambiente que poderiam repentinamente aparecer e pegar os soldados de surpresa. "A 6 rumamos para nordeste, segundo grande caminho a que numerosas moitas de taquaruçus dão o nome é aberto através da mata cerrada, que tanto se presta a surpresas".¹¹⁸

Uma planta especificamente merece especial atenção quando se analisa os vegetais de uso bélico descritos em *A Retirada da Laguna*: a macega. Antes da descrição de sua participação nas ações, é importante frisar um aspecto sobre a taxonomia desta ou destas plantas. Aqui, mais uma vez encontramos uma dúvida complexa de difícil solução: estava Taunay se referindo a uma espécie ou a um conjunto de espécies que apresentavam características similares e tinham a mesma participação? Alguns dados fornecidos pelo autor nos dão algumas pistas sobre essa questão. A macega é a planta mais citada em toda a obra. Em uma das primeiras citações, Taunay descreve a macega sendo: "perigosa gramínea, que atinge a altura de um homem e a que chamam macega, e cujas hastes duras e arestas cortantes tornam, em muitos lugares do Paraguai, a marcha tão penosa".¹¹⁹ Em outra passagem, é possível interpretar que Taunay considera a macega com uma entidade própria diferenciando-a de outras plantas. "Apoiava-se a nossa esquerda ao mato que orlava o rio e onde, felizmente, as árvores eram de natureza menos combustível que a macega. Na ala direita, que também estacara, foi o capim cortado e acamado com terra(..)".¹²⁰ Independente de se tratar ou não de uma espécie ou de várias, a macega foi relatada diversas vezes e em sua maioria prejudicou bastante as tropas brasileiras.

Quando não sofria qualquer tipo de manejo, a macega causava bastante desconforto pela própria organização anatômica de seu corpo. Mesmo sendo uma planta herbácea apresentava estruturas rígidas e alto comprimento quando plenamente desenvolvida, o que dificultava a passagem das tropas e que ainda eram mais danosas quando estavam secas. "No meio dessa macega alta que alguns passos impedem a visão; que é preciso cortar sem descanso e quando seca (como então estava) exige perigoso e pesado serviço".¹²¹ Este tipo de problema enfrentado simplesmente pela presença da planta no ambiente é diretamente citado pelo menos quatro vezes ao longo da narrativa.

Além de ser por si só um empecilho para as tropas, ela também era utilizada pelos militares paraguaios contra as tropas brasileiras. Os paraguaios utilizaram estratégias

¹¹⁸ *Ibidem* p. 179

¹¹⁹ *Ibidem* p. 79

¹²⁰ *Ibidem* p. 130

¹²¹ *Ibidem* p. 113

envolvendo incêndios diversas vezes ao longo da guerra. Em *A Retirada da Laguna* o incêndio é constantemente citado. Principalmente aqueles que era feito utilizando a macega como combustível. Os militares possuíam técnicas apuradas para incendiar áreas e utilizar o fogo a seu favor Taunay chamou tal estratégia de "odioso expediente". Tal habilidade era abertamente reconhecida pelos militares brasileiros que se esforçavam em manter a macega cortada, algumas vezes enterrada, e longe para não pegar fogo. "São habilíssimos, como tanto o sabíamos, neste gênero de manobras que entre eles chega a constituir uma arte, com regras baseadas nos conhecimentos dos ventos e lugares, arte, aliás, diabólica, quando empregada como arma de guerra".¹²² Relacionado a isso, é interessante citar que os militares brasileiros possivelmente buscavam estratégias ligadas ao próprio ambiente para lidar com o fogo ateadado pelos paraguaios. Em uma ocasião específica Taunay cita que, se não fosse um "mato de pindaíbas felizmente provido d'água, teria a coluna sido colhida pelo incêndio".¹²³

As citações sobre como lidar com a macega são diversas, mas em sua maioria envolvem a tentativa de impedir que a vegetação fosse incendiada. Uma citação, porém, foge desta tendência. Quando Taunay e seus companheiros vão ao encontro do Tenente coronel Juvêncio, o encontram atacado pelo cólera "deitado de costas na macega".¹²⁴

Algumas plantas foram citadas de forma genérica, mas também tiveram importante participação nas ações. No já citado episódio de transposição do Rio Miranda, a comunicação entre as margens e a passagem de material pelo rio foram possíveis graças aos "nós da amarração em torno dos troncos de árvores da margem e os consolidar, quer ainda para fixação das polias que deviam facilitar o transporte".¹²⁵ Uma outra vez um "tronco de Aroeira, encontrado pelas vizinhanças" foi utilizado para reforçar uma ponte.¹²⁶

Para cozinhar e se aquecer, os militares utilizavam lenha extraída do próprio ambiente. Em algumas vezes lidar com a lenha foi uma tarefa penosa. Devido às características específicas deste tipo de ação, as tropas necessitavam se deslocar e estabelecer acampamentos temporários. Por isso, coletavam a lenha e a utilizavam quase instantaneamente, o que causa algumas complicações. Quando a madeira é cortada e usada ainda "verde" a umidade presente nela não permite que o fogo se alastre de forma eficaz. Em um momento específico Taunay cita o uso de lenha para combater o frio. "Morriamos de frio; estávamos a jejuar e, só com muito trabalho,

¹²² *Ibidem* p. 130

¹²³ *Ibidem* p. 135

¹²⁴ *Ibidem* p. 151

¹²⁵ *Ibidem* p.164

¹²⁶ *Ibidem* pp 132 e 133

à meia noite pudemos ter fogo, a custa de empilhar muita lenha verde que ardia quase sem labaredas".¹²⁷ Em outros momentos, como no já citado jantar de palmitos, propriedades da própria árvore de onde era retirada a lenha ajudavam a acender a fogueira. Naquela situação a lenha estava encharcada, porém era resinosa.¹²⁸ Não só para fogo a madeira foi utilizada. Os paraguaios também utilizavam madeira para fazer plataformas de observação denominadas mangrulhos e que possivelmente também foram utilizadas por brasileiros no Mato Grosso. Estas estruturas também foram construídas nos acampamentos brasileiros na região sul do Império e no Paraguai.¹²⁹

Os soldados para não deitarem diretamente no solo, o faziam sobre o capim. Em outras vezes algumas plantas foram utilizadas para demarcar locais como os sepultamentos do Guia Lopes, Coronel Camisão e Tenente Coronel Juvêncio. Além disso vale destacar que Taunay cita que "tosca Cruz de madeira" foi colocada na sepultura do Guia Lopes. Provavelmente a madeira utilizada estava disponível e foi retirada do ambiente.¹³⁰

Em muitos casos como os já descritos sobre a macega e os bambuzais, a própria disposição das plantas no ambiente eram um empecilho para as ações. Transportar os contingentes, as peças de artilharia e o quase inexistente gado pelas matas fechadas (muitas vezes desconhecidas) devia ser uma tarefa altamente penosa. Os soldados capinavam os campos e derrubavam as plantas lenhosas para efetuar as passagens. Muitas vezes o faziam sem contar com ferramentas adequadas para a tarefa. Em uma ocasião após "rentear" a macega incendiada" os soldados necessitaram atravessar bosques onde encontravam "tocos e madeiras ainda de pé que a custo podiam os machados entalhar".¹³¹ Em outra passagem, Taunay deixa claro que considera a vegetação do ambiente algo que traz limitações significativas (benéficas e maléficas) para o andamento das ações. Descrevendo um terreno, diz que ele era "em parte coberto de matas e capões capazes de neutralizar as armas mais danosas em uma retirada".¹³²

2.6.4 Fármacos e outras relações

No caminho entre Santos e Mato Grosso Taunay descreve uma considerável quantidade de observações sobre plantas medicinais em alguns locais, mas não cita diretamente o uso delas

¹²⁷ *Ibidem* p. 132

¹²⁸ *Ibidem* p. 144

¹²⁹ *Ibidem* p. 71

¹³⁰ *Ibidem* p. 153

¹³¹ *Ibidem* p. 131

¹³² *Ibidem* p.113

pelas tropas. O próprio buriti, que é descrito como abrigo, indicador de água e fornecedor de alimentos, também tem seu uso medicinal citado. “O lichor ligeiramente sacharino que se obtém dos troncos é bebida emulsiva e recommendada contra certas molestias”.¹³³ Observando os manacás, Taunay destaca que o vegetal é “tão apreciado nos jardins pela fragrância” e cita que é conhecido como “mercurio vegetal” por ser “poderoso antídoto anti-syphilitico”. O autor também credita a esta planta “importantes propriedades resolutivas, procedendo em altas doses como veneno acre, pelo que empregam os indios do centro do Amazonas o seu extracto como meio de envenenar as setas”.¹³⁴ Em trecho bastante interessante e que acompanha aqui de forma harmoniosa as citações de Taunay acerca das plantas medicinais, o autor expõe sua opinião sobre o valor dos conhecimentos tradicionais e como este é “desperdiçado” pela farmacopeia e medicina brasileiras.

Os terrenos são seccos, aridos, sementeados de árvores communs. Entre ellas vêm-se plantas medicinaes, a curralleira (crotoa antisiphiliticum), a centaurea (callapisma), a tomba, a calunga (simaba ferruginosa), o barbatimão (stryphnodendron barbatimao), tão preconizada na arte veterinaria, a quina do campo (strychos pseudoquina), de entrecasca amarga e innocua com propriedades febrifugas importantes e muitas outras. O estudo dos curiosos efeitos na aplicação d’essas plantas tão úteis em molestias graves tem faltado, e bem que os aborígenes do Brasil conheçam específicos notáveis no reino vegetal, escasseam eruditos que se entreguem ao exame de suas qualidades medicamentosas. Existem thesouros medicinaes para formar-se uma imensa pharmacopeia vegetal brasileira (...) (TAUNAY, 1874:150)

Além das observações acerca das plantas com potencial medicinal na marcha de São Paulo a Mato Grosso, Taunay descreve outras relações estabelecidas com as plantas presentes no caminho percorrido ao longo da viagem entre os rios Taquary e Aquidauana. Assim como em outras produções sobre as ações no Mato Grosso, Taunay dá grande importância a diversidade de palmeiras da região. No caso de *Scenas de Viagem*, além de descrever a utilização como alimento e indicador ambiental, o autor cita que as palmeiras forneceram chapéus comprados em determinada aldeia, além de servir de guias diferenciando as províncias percorridas. Este fato não é uma exclusividade das palmeiras, outras plantas também foram descritas permitindo diferenciar cada ambiente por onde passavam. Porém, o buriti, o carandá, a macaúba, o ouassu, a carnaúba e outras palmeiras são diversas vezes citadas e descritas como parte da paisagem. Aparentemente Taunay tinha um grande apreço e admiração pelas espécies desta família de plantas presentes no teatro de operações. O buriti, por exemplo, recebe adjetivos muito pessoais e positivos como “magestoso”, “bello” e etc.

¹³³ TAUNAY, 1874 *op cit.* p.139

¹³⁴ *Ibidem* p.142

O autor cita de forma bem clara sua possível intenção em utilizar as plantas para diferenciar o ambiente e possivelmente se localizar. “Em todos os cerrados, todas aquellas famílias se achão representadas, porém o que procuramos fazer notar, é o predomínio de uma d’ellas ou pelo menos o de um genero”.¹³⁵ Em outro trecho o autor relaciona a quantidade de buritis e as diferentes localidades “No caminho para Uberaba apparecem, pela primeira vez, no pouso dos Boritys (a 84 legoas do litoral), nas proximidades do rio Grande, divisa entre as províncias de S.Paulo e Minas. D’esse ponto em diante, acompanhão a trilha, que seguirão as forças, atravessando Minas, Goyaz e Mato Grosso. Até o rio Negro, a abundancia de boritys é extrema; d’ahi por diante vão-se tornando menos frequentes e, para os lados de Nioac e sul do districto de Miranda, vêem-se raramente”.¹³⁶ O autor também relaciona a diversidade de espécies de palmeiras aos territórios percorridos.

O carandá que vimos pela primeira vez perto do Piranhinha, apparece, com abundancia, entre Nioac e a colonia de Miranda. Talvez, no districto de Miranda possão ser, por meio de linhas longitudinaes, assignaladas tres zonas de palmeiras predominantes, a dos boritys, do Coxim à villa de Miranda; dos carandas, da vila à colonia de Miranda, e das macaúbas; da colonia ao Apa. (TAUNAY, 1868:156)

2.7 O abastecimento das tropas e a situação agrária do Mato Grosso.

Após a análise das plantas citadas pelo autor, é importante ressaltar que o exército estabeleceu um protocolo para suprir as tropas de gêneros alimentícios mas em algumas situações isso acontecia de forma irregular e insatisfatória. Tal fato fica bastante evidente nos dados fornecidos pelo *Relatório da Comissão de Engenheiros*. O Ministério da Guerra fornecia os víveres necessários para a coluna através de contratos feitos com particulares. Nem sempre os fornecedores conseguiam chegar ao local onde se travavam as batalhas, o que tornava o abastecimento precário e criava um mercado paralelo. Tal fato era ainda mais evidente quando se tratava das ações no Mato Grosso. Para suprir a coluna expedicionária, a corte permitiu que as províncias de Minas Gerais e São Paulo acordassem com particulares os suprimentos necessários, pelo preço que fosse necessário, possivelmente mesmo que tais preços estivessem acima do estabelecido para as ações nas outras regiões do Império e dos países vizinhos.¹³⁷

¹³⁵ TAUNAY, 1868 *op cit.*151

¹³⁶ *Ibidem* p.153

¹³⁷ FIGUEIRA, Divalte. *Soldados e Negociantes na Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas FFLCH-USP :

A partir da análise das *Instruções da repartição fiscal junto às forças em marcha para a província do Mato Grosso* (documento arquivado no AHex) é possível estabelecer algumas relações entre o que o exército como instituição previa para o suprimento das tropas. Um dado interessante é que no texto do documento a compra de rações de vinho para oficiais recebe uma atenção especial com detalhes sobre preço e forma de pagamento. Portanto, fica claro supor que o exército previa a existência de diferenças substanciais entre os víveres consumidos pelos oficiais e o restante da tropa. Algumas passagens da narrativa de Taunay descrevem a diferença de consumo entre as patentes. No final do documento consta em anexo um modelo para os possíveis requerimentos discriminando quais seriam os alimentos e seus respectivos preços. A base da alimentação fornecida era arroz, carne (verde ou seca) e farinha de mandioca. Por isso, é possível inferir que as vezes em que Taunay cita o consumo de farinha e arroz durante as ações, o autor possivelmente se refere, com algumas exceções, aos víveres previamente fornecidos pelo exército.

A partir da análise dos dados descritos na obra de Taunay, é possível supor que a produção agrícola encontrada nas regiões percorridas no Mato Grosso era destinada à subsistência. Nenhum gênero ligado à exportação como o algodão e o café, são citados nas obras que abordam as ações naquela província. Além disso, em *Scenas de Viagem*, ao levantar as possibilidades de as propriedades locais fornecerem víveres para as tropas, a conclusão não é animadora. Ao descrever a disponibilidade de cereais, Taunay cita que: “as plantações dos refugiados de Miranda, além das limitadas proporções que foram effectuadas para proverem unicamente a subsistência particular, não derao colheita satisfactoria”. O autor também credita a pouca produção de vegetais aos fatores ambientais específicos daquele momento e localidade: “não há nenhum feijão recolhido: apenas algumas quartas plantadas, que comtudo pouco podem dar pela falta de chuva e má época em que forão lançadas em terra”.¹³⁸

2.8 Fome e distância: uma relação inversa

Analisar os dados extraídos das obras selecionadas de Taunay nos permite chegar a algumas conclusões sobre como as relações entre militares e recursos vegetais ocorreram em um momento de constante locomoção das tropas. Além de reconhecer que os recursos vegetais foram amplamente utilizados, suprimindo os militares ao longo da marcha e nos acampamentos provisórios, também é possível observar que alguns vegetais dificultaram as ações,

FAPESP, 2001. P. 147

¹³⁸ TAUNAY, 1868.*op cit* p. 174

impossibilitando a marcha e sendo utilizados belicamente pelas tropas paraguaias.

Não somente a presença de plantas e recursos vegetais influenciou o cotidiano dos militares brasileiros da coluna expedicionária; a ausência deles também teve uma ação significativa, possibilitando e influenciando a interação com outros vegetais. Observando diretamente os dados sobre a alimentação da coluna expedicionária, é possível perceber que quanto mais distante dos grandes núcleos urbanos das províncias do Sudeste, maior é a interação entre as tropas e os vegetais do ambiente. Não é correto afirmar que tal relação foi sempre linear e progressivamente inversa. Apesar de não ser a regra, existiram alguns pontos do trajeto em que o suprimento de recursos vegetais aumentou mesmo que a distância dos centros urbanos do sudeste não tenha se tornado menor. Um exemplo disso é o fornecimento de víveres feito pelo Guia Lopes, no desenrolar da invasão e retirada do território paraguaio a partir do Mato Grosso. Mesmo assim, a relação inversa entre falta de víveres, causando fome e estimulando outras relações com os vegetais retirados do ambiente, e distância dos centros mais populosos é inegável.

A distância e nem mesmo a fome foram os únicos fatores que influenciaram as dinâmicas estabelecidas entre as tropas e os recursos vegetais durante a Guerra do Paraguai. Enquanto em situações itinerantes, como a marcha da coluna expedicionária, a falta de determinados víveres pode ter levado as tropas a conviver mais estreitamente com os recursos vegetais retirados do ambiente. Em situações estacionárias as dinâmicas foram diferentes. Também houve fome e falta de recursos nos acampamentos mais estáveis e nos hospitais militares, porém as dinâmicas estabelecidas a partir da ausência dos recursos e as estratégias empregadas se desenvolveram de outra forma.

3. Saúde e alimentação em uma guerra estacionária

3.1 Substituição do comando e a estratégia militar pós- Curupaiti

Em um trecho do seu diário, o na época tenente do Corpo de Engenheiros André Rebouças demonstra sua indignação em relação ao andamento das ações militares na guerra. “Há uma irresolução, uma timidez, um excesso de precauções, que ora faz supor covardia e quase sempre é ridícula”. (REBOUÇAS, 1973:27:28) Dionísio Cerqueira, em seu livro de reminiscências, também descreve que tal sentimento não era restrito ao oficialato. Os jovens praças recém incorporados às tropas também se indignaram, por exemplo, com a imobilidade dos navios imperiais.¹³⁹

A partir desses dados, podemos supor que a morosidade das ações militares brasileiras já era uma realidade sentida pelas tropas antes da chegada de Caxias ao teatro de operações, na segunda metade de 1866. Não convém aqui debatermos as motivações específicas de cada comando aliado para a estagnação das ações, entretanto, é válido entender os fatores relacionados a tais decisões e principalmente ter a clareza de que, a partir da chegada de Caxias ao comando das tropas após a Batalha de Curupaiti, o estacionamento dos contingentes militares tornou-se uma estratégia. Com isso, é possível compreender como uma nova forma de estratégia militar foi incorporada às ações e como isso esteve relacionado diretamente ao cotidiano dos soldados e às suas relações com os recursos vegetais. É importante ressaltar a agência dos soldados e do ambiente neste contexto, e entender que ambos podem e devem ser encarados como elementos que estiveram na escolha das estratégias perpetradas por Caxias. Em Curupaiti, por exemplo, o início do ataque aliado foi adiado por conta da chuva que, de acordo com a alegação feita pelo Almirante Tamandaré, impediria as ações da esquadra imperial que tinha a responsabilidade de anular a ação da artilharia paraguaia possibilitando a ofensiva terrestre. Mesmo após o cessar da tempestade, que adiou em dias a ofensiva, o terreno que cercava as fortificações em Curupaiti, por conta da chuva e de suas especificidades edáficas e topográficas, tornou-se pantanoso, dificultando ainda mais as ações terrestres.

A Batalha de Curupaiti, considerada a única ou a mais significativa derrota dos aliados em toda a guerra, pode ser vista como um momento de inflexão na organização das ações de guerra e nos corpos militares.¹⁴⁰ Até este momento do conflito, os corpos do exército imperial

¹³⁹ DORATIOTO, 2002.*op cit* p 200

¹⁴⁰ *Ibidem*

não apresentavam unidade clara em aspectos bastante pertinentes como diferenças no soldo e uniformes. Em um discurso no senado em 1870, Caxias afirmou que a diferença entre os dois corpos que formavam o exército naquele momento era tamanha que “pareciam pertencer a nações diferentes”.¹⁴¹

Em 1866 existiam dois grandes conjuntos de batalhões denominados 1º e 2º corpos do Exército. O 1º corpo era comandado pelo marechal Osório e o 2º pelo tenente general Porto Alegre, que atuou em 1865 na província do Rio Grande do Sul. O Exército brasileiro ainda contaria com um 3º Corpo formado pelo arregimentamento feito por Osório no Rio Grande do Sul, quando este comandante se retirou temporariamente do front após a Batalha de Tuiuti. Quando Caxias chegou ao teatro de operações, as tropas aliadas estavam desmotivadas e desarticuladas. Além disso, a cavalaria estava muito desfalcada. Grande parte dos cavalos que participaram das ações comandadas pelo General Osório morreram por conta da forragem inadequada, composta por plantas oriundas de terreno pantanoso. Por isso, ao assumir o posto, o novo comandante começa a reposição da montaria perdida e, mesmo com um alto custo, passa a alimentá-las com alfafa e milho.¹⁴²

Além da reestruturação material das tropas, se fez necessário a incorporação de novos contingentes para os corpos, tarefa árdua diante da quantidade significativa de deserções e do retorno de oficiais para a Corte e suas localidades de origem. A partir de 1866 a libertação de escravizados para compor as fileiras do exército possivelmente foi uma prática mais corriqueira, além das convocações forçadas de voluntários/recrutados. Além disso, o território paraguaio entre Curupaiti e a Fortaleza de Humaitá ainda era desconhecido pelos comandantes e soldados, fato que levou, entre outras ações, à compra de novos equipamentos como balões de observação vindos dos EUA.

Analisando esta nova conjuntura, é possível admitir que a estratégia de reorganização das tropas foi estabelecida a partir da realidade das condições dos contingentes do exército imperial e do ambiente do teatro de operações.

¹⁴¹ BRASIL. Senado Federal. Matéria publicada pela Agência Senado, intitulada “*Guerra do Paraguai foi feita às apalpadelas*”, afirmou Caxias no Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/28/201econfli-to-foi-feito-as-apalpadelas201d-afirmou-caxias-no-senado>. Acesso em 18 de fevereiro de 2020

¹⁴² DORATIOTO, 2002. *op cit* p.281

3.2 Patentes e diplomas em um jogo estratificado

No dia 12 de março de 1866, o Doutor José Joaquim de Souza, além de descrever a falta de arroz na alimentação dos doentes que inspecionava/coordenava, relata uma situação impressionante no Hospital de Quinta de Avallos. Um grupo de doentes, provavelmente desesperados pela sede que os atacava, saiu dos seus leitos e se juntou ao redor de uma cisterna que possuía água “suja, lodosa e de mal gosto”, a fim de aplacar a sensação que afligia a todos. Foi necessária a intervenção do militar para que o grupo saísse daquele local e retornasse para os leitos a fim de evitar que continuassem a consumir aquela água. Ao final, o doutor José Joaquim cita que dormiu sob um parreiral, com o objetivo de “fugir aos encomodos que estavam cauzando” “a exalação de gazes despedido das enfermarias dos diarrhêcos e bexiguentos”¹⁴³.

O episódio relatado, ao mesmo tempo interessante e assustador, traz à tona diferentes possibilidades de análise sobre a realidade cotidiana vivida pelas tropas nos hospitais militares durante a guerra. Além da penúria vivida pelos doentes, causada pela falta ou má gestão dos recursos (neste caso a água), o que chama atenção neste documento é a agência dos doentes frente a uma situação dramática, demonstrando um jogo fluido entre as hierarquias militares e posições acadêmicas.

O efetivo que formava o corpo de saúde do exército era bastante diverso, apesar de possuir um contingente considerado insuficiente para o tratamento dos doentes nos hospitais e enfermarias. Após a Batalha de Tuiuti, o maior conflito terrestre da Guerra do Paraguai, os hospitais militares brasileiros em Corrientes receberam 1200 feridos até o dia 26 maio (a batalha do Tuiuti ocorreu no dia 24 de maio). Somando aos feridos oriundos do combate, o total de pacientes nestes hospitais era de 4500 homens sob a tutela de apenas 12 médicos¹⁴⁴. Não eram só médicos que participavam institucionalmente do tratamento dos doentes nos hospitais e acampamentos. Uma reunião ocorrida em 16 de outubro de 1867, envolvendo o facultativo do corpo de saúde do 2º Exército em Tuyuty, tinha a tarefa de entender o motivo da recrudescência do Cholera Morbus no acampamento. A reunião é presidida pelo delegado da repartição de saúde do 2º Exército em Tuyuty, doutor José Joaquim Santos Corrêa.,¹⁴⁵ Além

¹⁴³ AHEX - Caixas do Corpo de Saúde - Caixa 04; Folder 04; Pasta 113

¹⁴⁴ REBOUÇAS, 1973. *op cit* p 142

¹⁴⁵ O artigo 220 do decreto 1900 admite a presença de “Officiaes militares ou civis encarregados das enfermarias dos corpos”. Tal fato evidencia que o exército admitia civis no Corpo de Saúde.

dos outros doutores, participou da sessão o aluno do 6º ano de Medicina, Jachinto de Freitas Roiz Braga. A ata foi endereçada ao coronel Christovão José Vieira, Cirurgião Mor do Exército e Chefe do Corpo de Saúde.¹⁴⁶

Analisando somente alguns pontos da ata, já é possível notar que o facultativo do corpo de saúde era formado por militares e civis, inclusive em cargos de chefia, e por profissionais ainda não formados, como o citado aluno Jachinto de Freitas.

3.2.1 O Corpo de Saúde do Exército

O decreto nº 1.900 de 7 de Março de 1857 regulamenta a estrutura do Corpo de Saúde do Exército que atuaria em tempos de paz e guerra.¹⁴⁷ Em seu primeiro artigo, o decreto estabelece que: “o serviço de Saúde do Exército será feito por Doutores em Medicina, Pharmaceuticos aprovados, e Enfermeiros convenientemente habilitados.”¹⁴⁸ Ele estabelece também o quantitativo do facultativo do Corpo de Saúde e a atribuição de cada cargo. O decreto 2715 de 26 de dezembro de 1860 modifica este quantitativo e restabelece algumas patentes.¹⁴⁹ Analisando o decreto 1900, é possível perceber que a estratificação proposta para o Corpo de Saúde não se limita simplesmente à hierarquia militar da época. Para fazer parte desta unidade, além de ter a formação de Medicina ou Farmácia, por exemplo, era necessário ocupar uma posição específica dentro da sociedade imperial.¹⁵⁰ Isto se revela na descrição da Companhia de Enfermeiros (capítulo XV - Dos Enfermeiros). Tal companhia seria basicamente formada por soldados escolhidos seguindo (conforme os seguintes) os critérios: “suas praças serão escolhidas entre as dos Corpos do Exercito que souberem ler e escrever, e tiverem intelligencia

¹⁴⁶ AHEX Caixa 07, Folder 05, Pasta 01

¹⁴⁷ Para uma compreensão mais detalhada do Corpo de Saúde do Exercito na Guerra do Paraguai ver Bahiense, Carlos. *Doutores e Canhões: O corpo de Saude do Exercito na Guerra do Paraguai*. Tese (COC/ Fiocruz)

¹⁴⁸ BRASIL. Câmara dos deputados. Legislação Informatizada - Decreto nº 1.900, de 7 de Março de 1857 - Publicação Original <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1900-7-marco-1857-557890-publicacaooriginal-78632-pe.html>

¹⁴⁹ Artigo 1º do Decreto nº 2715 de 26 de dezembro de 1860: “O quadro do Corpo de Saude do Exercito se comporá de hum Cirurgião-Mór do exercito, com patente de Coronel, chefe do Corpo; quatro Cirurgiões-Móres de divisão, com patente de Tenente-Coronel; oito Cirurgiões-Móres de brigada, com patente de Major; quarenta e dous los Cirurgiões com patente de Capitão; noventa e quatro 2os Cirurgiões, com patente de Tenente; vinte Pharmaceuticos, com patente de Alferes; huma companhia de Enfermeiros composta de hum 1º Sargento, quatro 2os Sargentos, oito cabos de esquadra, e cento e cincoenta soldados, dos quaes cem serão enfermeiros móres e enfermeiros, e cincoenta ajudantes de enfermeiro.”

¹⁵⁰ O doutor Manoel Feliciano, por exemplo, se tornou Cirurgião Mór através de um concurso.

e aptidão para o serviço a que são destinadas.” Dentro desta Companhia, os soldados seriam divididos em: enfermeiros-móres, enfermeiros, e ajudantes de enfermeiro. Para ser enfermeiro mór ou enfermeiro, era necessária a indicação do Cirurgião Mór e aprovação do Ajudante Geral.¹⁵¹ Os dois cargos teriam patentes diferenciadas do restante da companhia. Para ser Enfermeiro Mór seria “necessario saber, além de ler e escrever, as quatro operações de arithmetica, os detalhes do serviço de Enfermeiro, a nomenclatura do material dos Hospitales ambulantes, e as manobras das caixas de ambulancia.”¹⁵² Um Enfermeiro ou Ajudante teria a possibilidade de promoção na hierarquia, “quando se constituírem merecedores disso pelo seu zelo, actividade e charidade no desempenho de seus deveres.”

A proposta de regulamentação feita pelo poder executivo imperial em 1857 (e revisto em 1860) para o corpo de saúde prevê uma estratificação clara entre as patentes, entre militares da mesma patente (como o caso da Companhia de Enfermeiros) e critérios de promoção diferenciados envolvendo, além do “zelo, actividade e charidade no desempenho de seus deveres”, a indicação e aprovação de oficiais superiores. Possivelmente em tempos de paz, tal estrutura conseguisse seguir a estabilidade desejada porém, em tempos conflituosos e principalmente na Guerra do Paraguai, situação que envolveu uma mobilização de recursos humanos e materiais para a guerra nunca antes vivenciado pelo Império, tal estrutura contou com uma maior quantidade de fatores que modificaram as hierarquias e criaram novas possibilidade de ações dos participantes nas enfermarias e hospitais militares do teatro de operações. Dito isto, é importante ressaltar a possibilidade da existência de um complexo de relações que extrapolavam as hierarquias e estratos pré estabelecidos institucionalmente pelo Ministério da Guerra. Nos documentos relativos ao corpo de saúde oriundos das estruturas militares do teatro de operações que citam de alguma forma os recursos vegetais, é possível perceber que algumas prerrogativas presentes nos decretos eram seguidas, como o monopólio dos médicos e cirurgiões nas decisões sobre a alimentação e os tratamentos dos doentes. Entretanto, aparece uma quantidade considerável de relações imprevistas pela legislação militar.

¹⁵¹ Decreto 1900 Art 167 Os Enfermeiros-móres e Enfermeiros serão propostos pelo Cirurgião-mór do Exercito e aprovados pelo Ajudante-General. Os Officiaes inferiores da administração da Companhia serão propostos pelo Cirurgião commandante e aprovados pelo Cirurgião-mór do Exercito.

¹⁵² Decreto 1900 Art 168

3.3 Movimento dinâmico entre estruturas fixas (construções do corpo de saúde)

Os ofícios, atas, relações, relatórios, correspondências e partes referentes ao Corpo de Saúde do Exército na Guerra do Paraguai, arquivados no AHEx, apresentam informações bastante interessantes para quem busca entender as relações entre as tropas e os recursos vegetais ligados à alimentação e aos medicamentos. Mesmo apresentando uma diversidade de classificações relativas ao tipo de informação que buscava-se inserir em um documento, é possível perceber que a maioria deles são escritos em primeira pessoa e possuem remetente e destinatário. Por isso, cabe ressaltar que trata-se de comunicações entre oficiais responsáveis pela gestão dos hospitais e cuidado dos doentes. Em grande parte das vezes trata-se de um oficial reportando-se a outro, superior hierarquicamente. Existem muitos documentos nos quais o cirurgião responsável pela inspeção de uma enfermaria ou hospital, por exemplo, remete-se diretamente ao Cirurgião Mor do Exército. Possivelmente estes documentos não eram lidos na íntegra pelo Cirurgião Mor, já que ele era o comandante de todo o Corpo de Saúde. Mesmo assim, ao escrever um parecer destinado a um superior, existia a possibilidade de que alguém pudesse ler o documento e analisar a conduta do oficial remetente. Por isso, é necessário entender que as informações contidas nos documentos estão inseridas em um complexo de relações que envolvem deveres, ordens, valores, leis, política e hierarquias que precisam ser consideradas ao analisá-las. Quando um oficial relata a fome ou a sede dos doentes nos hospitais ou a falta de medicamentos por exemplo, é importante considerar que tal relato faz parte de um discurso que contém toda a complexidade citada acima.

3.3.1 Complexo hospitalar de Corrientes

Para entender a interação entre os militares e os recursos vegetais nos hospitais a partir da análise dos documentos do Corpo de Saúde, devemos considerar a estrutura hospitalar presente na cidade argentina de Corrientes. Os documentos analisados foram selecionados a partir dos seus conteúdos e por isso todos apresentam dados sobre recursos vegetais principalmente ligados à alimentação e saúde. Organizando-os posteriormente a partir da data e localização, é possível perceber que a maioria foi produzido em 1866 e, aproximadamente, metade de todos os documentos analisados foi produzida em Corrientes.

Os documentos mostram que Corrientes abrigou um complexo hospitalar bastante dinâmico durante a Guerra do Paraguai, no qual além de passarem doentes oriundos dos campos

de batalhas, circularam alimentos e medicamentos com diferentes origens e destinos.

Os documentos citam algumas instalações hospitalares em Corrientes. A mais citada e, provavelmente, a mais frequentada pelos oficiais do corpo de saúde, é o Hospital Militar em Corrientes. Algumas outras designações aparecem nos documentos e que, possivelmente, fazem alusão ao mesmo hospital. Hospital da Cidade em Corrientes, Hospital de Corrientes e Hospital Militar Brasileiro em Corrientes são outras localizações junto à assinatura dos oficiais remetentes dos documentos e que possivelmente aludem ao mesmo lugar. Além disso, encontramos a citação das Enfermarias de Medicina e Cirurgia do Hospital Militar em Corrientes, da Farmácia Central dos Hospitais Brasileiros em Corrientes e da Farmácia Militar do Hospital Brasileiro da Cidade em Corrientes, que podem fazer parte da mesma estrutura hospitalar

Além deste hospital e das enfermarias e farmácia, outras instalações hospitalares de Corrientes são citadas nos documentos: o Hospital Militar Brasileiro do Saladeiro (também citado como Hospital Militar do/no Saladeiro), o Hospital da Quinta de Avallos (também citado como Hospital de Avallos), o Hospital Militar da Ilha do Cerrito, a Enfermaria Militar da Chacarita, o Hospital Militar Brasileiro de São João e o Hospital Brasileiro na Igreja do Rosário. Existem dois documentos que indicam que o Hospital de Avallos passou por algumas modificações estruturais significativas como a construção de novas enfermarias e botica. Em 8 de janeiro de 1866, o médico Augusto Alves de Sacramento Blake em correspondência destinada ao Cirurgião mor do Exército, Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, pede permissão para expor sua “opinião relativamente as obras que se tem feito em Avallos” e cita que “parece-me que será mais conveniente que as janellas na parede de taboas que rodeia o edificio já ahi existente se abram para os lados e não de baixo para cima”.¹⁵³ Tal descrição nos leva a entender que o edifício, além de já possuir paredes de tábuas, estava passando por reformas. Mais adiante na mesma correspondência, Blake cita a varanda e as alas e quartos do edifício.

Outro documento sobre o Hospital de Avallos também nos permite avaliar como era a estrutura deste estabelecimento. Na parte que o 1º Cirurgião em Chefe, Doutor Luiz Alvares dos Santos, remete ao Cirurgião Mor Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, em março de 1866 (dois meses após a correspondência do Dr Augusto Blake), existe a citação da possibilidade da construção de um jardim ou campo de passeio para o recreio dos doentes. Além disso, o

¹⁵³ AHEX Caixa 05 - Folder 01 Pasta 27

remetente descreve as obras de construção de uma botica.¹⁵⁴ Aparentemente tal botica já estava em funcionamento em março pois em outro documento, além de descrever a situação alarmante dos cadáveres (“completamente nus e aterrados como cães em uma carroça”) e da falta d’água no hospital, possivelmente o mesmo Dr Luiz cita que: “outro ponto foi a remessa do louco aqui existente para o Hospício de Pedro 2º. Esse louco a poucos dias despedaçou uma pedra fina da botica, e pode em um dia reduzir todos os vidros a pedaços com pedradas”.¹⁵⁵

Além dos Hospitais da Cidade, de Saladeiro, da Quinta de Avallos e de São João, existem documentos que citam a existência do Hospital Militar Brasileiro na Igreja do Rosário. Possivelmente este hospital foi alocado nas instalações de uma igreja, prática que provavelmente não era incomum na Guerra do Paraguai.



¹⁵⁴ AHEX Caixa 04 - Folder 04 Pasta 114

¹⁵⁵ AHEX Caixa 04 - Folder 04 Pasta 119



Duas imagens demonstrando igrejas servindo de Hospital de Sangue em Corrientes, Argentina.

3.3.1.2 Hospital Militar Brasileiro em Corrientes

A partir da análise dos documentos que citam o Hospital Militar Brasileiro em Corrientes, é possível supor duas coisas distintas. A primeira delas é que esta estrutura era dividida em pelo menos duas seções¹⁵⁶, contava com enfermarias de medicina e cirurgia e possuía uma farmácia. Além de abrigar locais para o tratamento de doentes, este Hospital contava com uma farmácia que recebia medicamentos e enviava materiais para outros locais. Nos documentos do AHEx de 1867, existe a citação da Farmácia Militar do Hospital Brasileiro da Cidade em Corrientes e da Farmácia Central dos Hospitais Brasileiros em Corrientes. Não é possível definir se estas duas localidades fazem parte do mesmo Hospital ou se cada uma possui

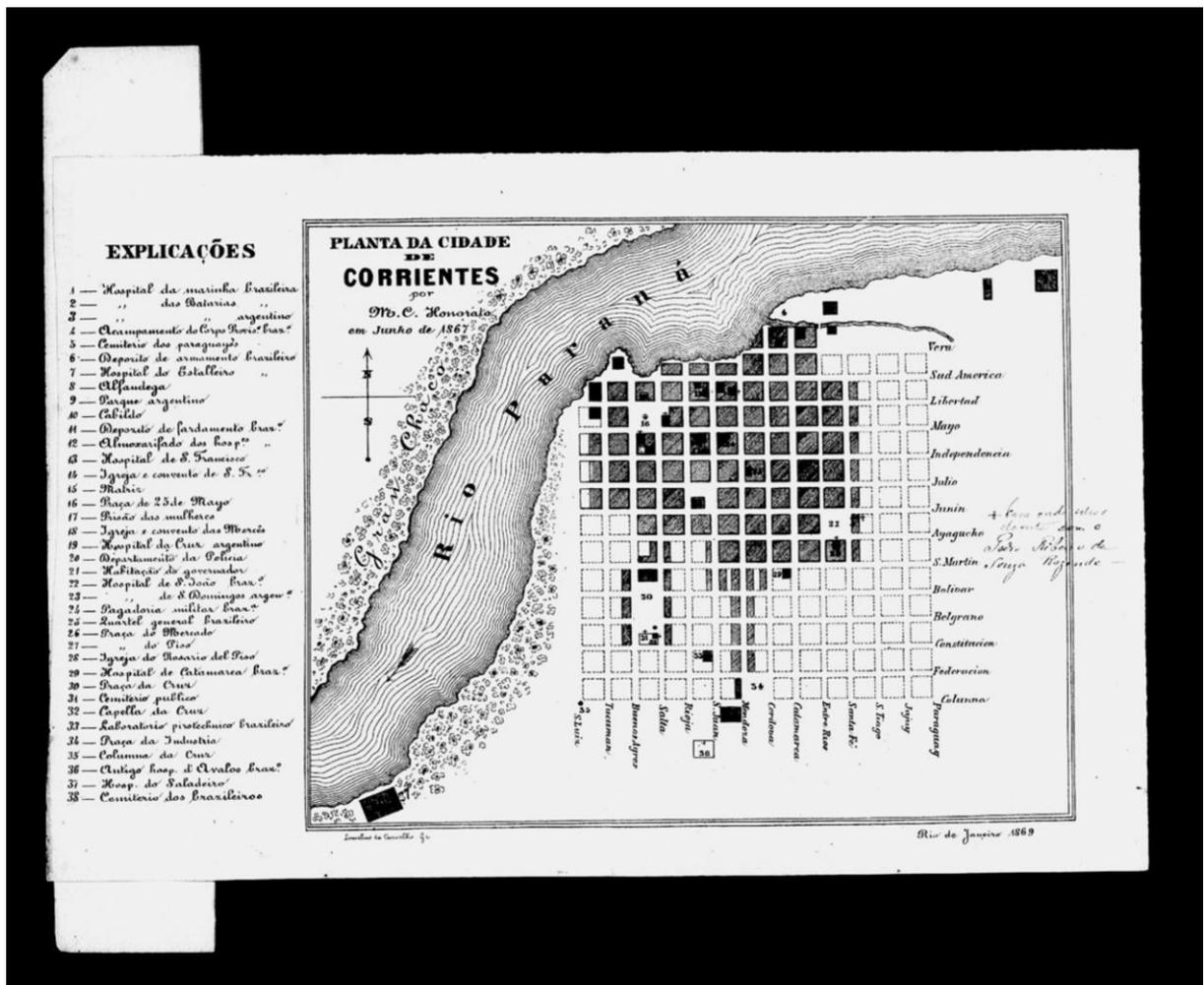
¹⁵⁶ Na parte que o 2º cirurgião de dia Geraldo Francisco da Cunha destina ao Cirurgião Mor Manoel Feliciano Pereira de Carvalho no dia 17 de fevereiro de 1866, o autor termina o texto escrevendo que “novidade alguma mais houve durante as vinte quatro horas em que estive de serviço na 2ª seção do hospital militar” AHEx Caixa 04 Folder 01 Pasta 08

uma localização específica.

A segunda suposição é, mesmo considerando somente o Hospital Militar de Corrientes, admitir que tal Hospital era mais de uma instituição que levava o mesmo nome ou os citados acima. A localização da própria Farmácia Militar do Hospital também é algo que gera dúvidas. Em uma relação enviada pelo farmacêutico Marcelino José do Bonfim ao coronel Christóvão José Vieira, o autor começa remetendo-se da “Pharmácia Militar do Hospital Brasileiro da Cidade - em Corrientes”. Além de relatar a impossibilidade do envio de alguns medicamentos solicitados pelo coronel, o que demonstra a centralidade deste estabelecimento, a “2ª via” de um outro documento tem como título “Relação dos medicamentos de urgente necessidade para a Pharmacia Militar do 2º corpo do Exército na Ilha do Cerrito”. O mesmo Marcolino Bonfim também escreve remetendo-se da “Pharmácia Central dos Hospitais Brasileiros da Cidade de Corrientes”. Tais informações indicam que os hospitais possuíam farmácia própria mas possivelmente existia uma “pharmácia central” em Corrientes em 1867. Se a farmácia central ficava no Hospital Militar Brasileiro ou não é uma questão para pensarmos. Entretanto, tal questão não influencia significativamente na análise das relações entre as tropas e os recursos vegetais nos hospitais, uma vez que é possível percebê-las na documentação sem definir se a farmácia faz parte do Hospital (ou até mesmo se era somente um Hospital). Partindo desta intrincada rede de nomes e designações, é possível concluir que a cidade de Corrientes foi uma base operacional para as tropas brasileiras durante a Guerra do Paraguai e contava com um aparato hospitalar bastante dinâmico. Destas unidades partiam medicamentos para os acampamentos e de lá chegavam os doentes e feridos dos combates. Sendo uma cidade portuária, recebia contingentes e materiais oriundos de diferentes locais dos países aliados, o que está claramente demonstrado na documentação arquivada no AHEx. Foi em Corrientes que o cólera aportou em 1867. A partir desta cidade, as tropas aliadas seguiram pelo rio Paraná e invadiram o território paraguaio em 1866. É possível perceber a cidade de Corrientes como uma espécie de “posto alfandegário” ou um grande “checkpoint”, por onde os contingentes e materiais passavam antes de seguir para o front. Em uma parte datada de 31 de dezembro de 1867, o delegado José Peris, remetendo-se a partir da “Delegacia do Cirurgião Mor do Exército em Corrientes” relata a inspeção em um hospital flutuante (vapor D Francisca).O delegado cita que encontrou as ambulâncias “ todas em mau estado e destituídas de medicamentos e ferros cirurgicos”. Em outra ocasião o 2º Cirurgião de dia, doutor Luis Tavares de Macedo, relatou em 30 de junho de 1866 que o Hospital do Saladeiro recebeu, oriundos de um vapor, “cento e noventa e dois doentes, inclusive um fallecido, vindos a mór parte deles em estado moribundo,

não só em consequência do máo estado em que os mandão, como por não terem elles recebido a bordo alimento de qualidade alguma”.

Os exemplos citados acima exemplificam situações relacionadas a dinâmica de recepção e encaminhamento de tropas e dos materiais oriundos do front e das províncias dos países aliados. Por isso, analisar o que acontecia em Corrientes pode nos indicar como as tropas se relacionavam com os recursos vegetais em situações dinâmicas mas um pouco mais previsíveis do que aquelas envolvendo deslocamento de contingentes. Além disso, também é possível analisar as relações entre as tropas e os recursos vegetais em estruturas um pouco mais duradouras (como os hospitais e acampamentos de Corrientes) se comparadas aos acampamentos já em território paraguaio, ou os que foram estabelecidos pela coluna que seguiu de Santos até o Mato Grosso.¹⁵⁷



Planta da Cidade de Corrientes retirada do Diário manuscrito de André Rebouças. Nessa imagem é possível reconhecer, além da posição da cidade em relação ao Rio Paraná, a existência dos hospitais de Avalos, do Saladeiro, de outros hospitais e de estruturas ligadas ao funcionamento do exercito brasileiro.

¹⁵⁷ ver capítulo 02

3.4 Alimentação e medicação nos Hospitais em Corrientes

No dia 20 de março de 1866, o médico do dia no Hospital da Quinta de Avalos relata “o que ocorreu” durante o dia anterior, quando supervisionou a instalação e a situação dos doentes.

(...)que os doentes da 2ª Enfermaria medica com 3ª dieta se queixarem por não terem recebido arroz e nem pão em substituição mas fazendo vir a minha presença o enfermeiro mor imediatamente soube ele providenciar se bem não com fartura mas ao menos de maneira a contentar desculpando-se então que esse inconveniente poderia ter se dado com a omissão no pedido; que o doce de goiaba era molle, úmido e de cor escura, podendo mui bem comparar-se com a massa- de-tomates-de má qualidade, e por cujo motivo eu não quis que os doentes o tivessem assim como a – manteiga – por estar derretida. Continuarão os doentes a queixar-se até as 4 ht de sede em razão da falta d’água e como a botica está hoje anexa a este Hospital e naturalmente o consumo d’agua tem de tomar maior proporção necessariamente também as faltas tem de crescer(...)¹⁵⁸

O relato do médico do dia é extremamente instigante, passível de uma análise detalhada e capaz de gerar uma quantidade significativa de interpretações. Antes de fazê-las, é preciso explicitar algumas questões acerca do que se propõe como investigação neste trabalho e por isso, quais aspectos dos relatos serão ressaltados e o porquê destas escolhas. Além destas questões, é necessário desenvolver um breve preâmbulo com algumas colocações metodológicas e outras específicas da Guerra do Paraguai, todas ligadas ao objeto de estudo. Assim, a análise desenvolvida e as consequentes conclusões se tornarão mais claras.

É necessário entender que, assim como foi explicitado no subitem 3.3, os documentos analisados podem ser vistos como correspondências entre dois oficiais, mesmo que o destinatário não necessariamente tomasse ciência de todos os conteúdos expressos pelos remetentes. Por isso, é possível supor e observar que as informações seguem, explicitamente, padrões estabelecidos dentro das forças armadas. No caso do médico relatando as queixas dos doentes e, posteriormente, sua conversa com o enfermeiro mór, é evidente que este oficial registra a supervisão das dietas, da saúde dos doentes e se remete a outro agente específico do corpo de saúde (no caso o enfermeiro mór), seguindo explicitamente o que o decreto 1.900 determina para o cirurgião do dia em situações similares¹⁵⁹. É importante atentarmos para a

¹⁵⁸ AHEx, Caixa 04 - Folder 04 Pasta 117

¹⁵⁹ Decreto 1900 de 7 de março de 1857. Artº Art. 78. *O Cirurgião de serviço, na visita que passar ao Corpo, revistarà tambem o quartel e suas dependencias para verificar o estado de limpeza, e examinar o modo por que se preparão os alimentos, e a qualidade e quantidade destes; e a respeito das faltas que encontrar procederá na fôrma do Art. 22, escrevendo em hum livro, que existirá na Secretaria do dito Corpo, as observações que houver feito, e as providencias que indicar.*

expressão “situações similares” aqui empregada. O decreto 1900 cita algumas situações de guerra mas não versa explicitamente sobre o fornecimento de víveres para os doentes em campanha ou nos hospitais militares do teatro de operações. Por isso, podemos considerar que o Ministério da Guerra delimita através do decreto os postos responsáveis por cada tarefa mas não prevê situações de falta de víveres e outras situações de guerra. Desse modo, tais documentos se tornam fontes bastante interessantes. Como se propõe analisar a relação entre as tropas e os recursos vegetais, tais situações imprevistas abrem a possibilidade de revelar algumas informações que tangenciam o discurso tido como oficial, dando pistas de como as relações se desenrolaram nos hospitais, enfermarias e farmácias. Assim como outras obras que propõe analisar a história dos comuns ou história “vista de baixo”, encaramos um problema com os documentos já que os soldados, praças de pret e oficiais de baixa patente, em grande parte analfabetos, não deixaram registros de seu próprio punho sobre a realidade vivida nos hospitais.¹⁶⁰

Uma peculiaridade da documentação aqui analisada, e que a torna ainda mais interessante, é a diversidade de agentes envolvidos nas situações. Em relação aos recursos vegetais ligados à alimentação, geralmente os documentos envolvem um remetente (cirurgião ou médico que executa a supervisão das instalações hospitalares), um destinatário (um oficial superior ao remetente), os doentes e algumas vezes os enfermeiros e ajudantes. Uma tarefa complexa e problemática é entender no ambiente hospitalar de Corrientes quem eram “os de baixo” e como construir uma análise a partir deste grupo diverso. Selecionar e analisar estes documentos é, de certa forma, agir de acordo com uma indicação proposta por Jim Sharpe para a tarefa. De acordo com esse autor: “ uma maneira de contornar esse problema é examinar a experiência de diferentes setores das classes inferiores, às vezes através do estudo de caso isolado.” (SHARPE, 2011:44)

O decreto 1900 e as assinaturas dos documentos nos dão algumas pistas de quem eram os oficiais médicos, cirurgiões, enfermeiros mores e demais agentes do corpo de saúde e quais eram as suas respectivas posições dentro da sociedade imperial brasileira da segunda metade do século XIX. Para ser médico, cirurgião ou farmacêutico era necessário ter formação específica, o que significa que estes agentes faziam parte de uma parcela diminuta da população

¹⁶⁰ Como observa Emmanuel Le Roy Ladurie, em *Montaliou* :“embora haja muitos estudos históricos relacionados às comunidades camponesas, há muito pouco material disponível que possa ser considerado o testemunho direto dos camponeses” apud Sharpe, Jim. “História vista de baixo” IN: Burke. Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp,2011.

imperial.¹⁶¹ Para os cargos de enfermeiro e enfermeiro-mór, era necessário minimamente saber ler e escrever, como já citado acima.

E os doentes? Quem eram os soldados e oficiais, que passaram fome e sede ao ocupar os leitos das enfermarias e hospitais?

3.4.1 Pacientes impacientes

Saber a quem o médico do dia estava se referindo ao citar que os doentes se queixaram da falta de comida e água é uma tarefa bastante complexa mas que se torna minimamente viável quando analisamos dados sobre a formação geral do exército imperial. Admitindo que o exemplo acima é de um documento de março de 1866, e que a maioria dos documentos utilizados para análise foram produzidos neste ano, é possível afirmar que os soldados e oficiais que estavam ali eram os oriundos de um primeiro esforço de recrutamento somados aos que estavam chegando naquela época da Corte ou das outras províncias. Isto em um momento onde o entusiasmo inicial com o esforço de guerra já tinha se arrefecido e o recrutamento passava a ser uma tarefa cada vez mais difícil.¹⁶²

Os soldados vinham de um estrato da sociedade imperial muito distante das camadas mais elitizadas da população. A apresentação de escravizados (que quando engajados saíam desta condição, se tornando homens livres) por seus senhores ou voluntariamente foi uma prática presente na formação do exército que atuou na Guerra do Paraguai. O debate sobre a quantidade de soldados ex-escravizados é bastante extensa e os números demonstram diferentes realidades não muito distantes quantitativamente. Os indivíduos desta condição alistados chegavam até o exército por diferentes formas: como escravizados doados por seus senhores, negros africanos sob custódia do governo, escravizados que se apresentavam voluntariamente ou apresentados como substitutos de outros indivíduos recrutados. Estas foram as vias predominantes em que o “elemento servil”, expressão utilizada por Caxias em carta ao Ministro da Guerra, chegou até as fileiras do exército.¹⁶³

¹⁶¹ Como exposto por José Murilo de Carvalho, na sua já conhecida frase sobre a intelectualidade durante o Império: “era uma ilha de letrados em um mar de analfabetos” IN: CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.65

¹⁶² Ricardo Salles, em *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*, se refere a esta época como segunda mobilização, na qual “o número de substitutos, libertos e recrutas, em relação aos voluntários efetivos, já devia ser largamente preponderante”

¹⁶³ De acordo com Salles : “O escravo soldado, voluntário de fato, oferta patriótica de seu senhor, substituto,

Uma pequena prova da presença de ex-escravizados no exército pode ser observada em dois artigos do Aviso de 9 de outubro de 1867 do Ministério da Guerra, que regulava o alistamento na Corte. O 4º artigo dizia que : “o indivíduo apresentado para servir no Exército será relacionado imediatamente, declarando-se se é recruta, voluntário, substituto ou liberto”. No 9º artigo le-se: “quando for liberto o indivíduo julgado incapaz para o serviço do Exército, além da nota de que trata o artigo 4º, deverá acompanhá-la a carta de sua liberdade, a qual ficará arquivada no quartel-general”.¹⁶⁴

Apesar dessas informações, atualmente não é correto afirmar que a maior parte dos soldados eram ex-escravizados ou que a campanha dos voluntários da pátria era simplesmente uma forma de encobrir os métodos coercitivos de recrutamento. Não nega-se que houve coerção e violência no recrutamento de soldados para o ingresso nas fileiras do exército ao longo da guerra mas, em um primeiro momento, houve um significativo alistamento de voluntários, que foi se tornando cada vez menor ao longo dos anos.

A parcela de homens livres do exército contava com a maior quantidade de soldados. Tais indivíduos eram oriundos das camadas pobres da população que se encontravam em uma posição específica dentro da sociedade imperial: homens que não eram escravizados e nem senhores de escravos. Tal população pode ser considerada marginal quando se analisa a economia do sistema escravocrata presente na sociedade da época. Eram excluídos da vida política do país, não tinham direito ao voto, sem acesso aos padrões culturais vistos pela elite como civilizados e em sua maioria eram analfabetos. Nas áreas rurais este grupo estava ligado e subordinado social e politicamente aos grandes proprietários. Nos ambientes urbanos eram pequenos prestadores de serviços, comerciantes, artesãos e desocupados que também estavam à margem do processo produtivo principal e dos setores administrativos.¹⁶⁵

Por isso, é possível afirmar que os soldados faziam parte de classes sociais marginais dentro da sociedade imperial da segunda metade do século XIX. Diante das elites, o ingresso de tal classe nas fileiras do exército era vista como uma ameaça para a estabilidade da sociedade imperial e a manutenção das estruturas de poder tanto públicas quanto privadas.¹⁶⁶ Uma vez

africano sob custódia do governo, foi uma realidade. Se sua presença não foi majoritária nos efetivos militares, foi marcante e significativa. Analisando a influência da guerra do Paraguai sobre a população escrava e a estrutura social e de poder características do escravismo no Brasil da segunda metade do século XIX, importa menos a proporção e mais os desdobramentos resultantes de sua existência.” (SALLES, 1990)

¹⁶⁴ SALLES, 1990. *op cit*

¹⁶⁵ *Ibidem*

¹⁶⁶ IZECKSON, Vitor. *O Cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do exército*

que estes indivíduos são colocados no exército, representando simbolicamente a nação e com o dever de defender sua honra frente ao inimigo, as contradições já existentes em tempos de paz se tornam gritantes. Ao analisar o cotidiano das tropas dentro dos hospitais militares do teatro de operações, é extremamente necessário considerar que a maioria dos soldados (enfermos ou não) fazia parte de uma parcela alijada da vida política do Império.¹⁶⁷ Possivelmente muitos soldados que ali estavam entravam pela primeira vez em contato com médicos, tratamento hospitalar e rotinas específicas, que não seguiam sua vida na província de origem ou no front. Os “doentes que reclamavam” por falta de comida, foram acompanhados para a guerra e, inevitavelmente, para os hospitais militares, por toda essa estrutura excludente presente na sociedade imperial.¹⁶⁸

3.4.2 Alimentação

Para construir um panorama sobre a relação entre as tropas e os recursos vegetais ligados à alimentação nos hospitais em Corrientes, é necessário considerar primeiramente duas palavras: falta e substituição. Além da presença assídua nos documentos, essas duas palavras resumem e simbolizam dois aspectos ligados à alimentação nos hospitais durante a Guerra do Paraguai. De um lado a substituição, representando o discurso oficial, no qual os médicos e cirurgiões tentavam demonstrar que os problemas estavam sendo superados e os doentes recebendo a devida alimentação. Do outro, a falta, demonstrando a ausência e ineficiência do exército/ Estado brasileiro em suprir a necessidade das tropas/população.

A fim de elucidar algumas informações que agregam outros significados para a análise e interpretação dos dados, é razoável, produtivo e interessante apresentar o texto de dois documentos na íntegra.

O primeiro deles é uma parte escrita pelo 2º médico do dia relatando seu serviço no Hospital da Cidade em Corrientes, datada de 27 de fevereiro de 1866.¹⁶⁹ O documento diz o

brasileiro. Rio de Janeiro; Biblioteca do Exército. 1997

¹⁶⁷ Como afirma Vitor Izeckson em *O Cerne da discórdia: a Guerra do Paraguai e o núcleo profissional do exército brasileiro*: “o Império levou para a Guerra do Paraguai, desse modo, as ambiguidades que marcavam toda a estruturação do seu sistema político. (IZECKSON 1997:95)

¹⁶⁸ De acordo com Salles: “A diferenciação de direitos no interior da instituição militar obedecia aos padrões sociais da sociedade escravista. Não interessava o fato de que, ao pertencerem ao exército e, em especial, aos corpos de Voluntários da Pátria, todos eram igualmente livres e cidadãos brasileiros. Uns eram mais livres e iguais que outros.” (SALLES, 1990)

¹⁶⁹ AHEX Caixa 04 - Folder 02 Pasta 40

seguinte:

Parte

Durante as 24 horas que decorrerão no meu serviço de dia n'este - Hospital da Cidade - nada observei que mereça particular menção.

As 5 horas da tarde compareci no Commissariado afim de examinar os generos, e desse trabº passo a declarar o seguinte:

Que recebi alguns generos por bono, como assucar e araruta para os officiais, e para o geral - letria, ovos, doce, arroz, bolachinha, chá e caffè; outros por soffríveis, visto que não podião aggravar a sorte dos infelizes doentes, como - assucar e araruta da qualidº destinada para os soldados, e para o commum - farinha, vinho do porto, e toucinho, e outros finalmº que deixei de fazel-o por - maus - como a - manteiga - por ser da francesa - qualidº inferior, e conter alem d'isso excessiva quantidº de sal - Não deixei com tudo, no acto de receber os generos de qualidº - soffrivel - de recommendar ao sr Fornecedor ou aos seus agentes, que tratassem de se supprir d'outros de melhor qualidº. Outrosim das 74 $\frac{3}{4}$ gallinhas que se pedirão, apenas se fornecerão 34, sendo o resto substituido por 8 $\frac{3}{4}$ carnºs. Hospital da Cidº em Corrº 27 fevº

1866

Assinatura ilegível

2º medico de dia honº

O outro documento é uma correspondência remetida pelo Doutor Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, 2º cirurgião “hontem de dia” do Hospital Militar em Corrientes, ao Cirurgião Mor Chefe do Corpo de Saúde Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.¹⁷⁰ Datada de 1 de fevereiro de 1866, o seu conteúdo é o seguinte:

Ilmº Exº Snrº Consº

Em cumprimento á ordem de V Exª, á mim transmittida por uma circular do Snrº 1º médico datada de hontem que exige do medico do dia uma parte de todas as occurrencias havidas durante as vinte e quatro horas, cumpre-me participar á V Exª o seguinte. Que examinei hoje (conforme o ordenou o Snrº o 1º Medico) todos os generos entrados para o Hospital, e como os achasse de bõa qualidade e não houvesse falta nas quantidades, os mandei distribuir.

¹⁷⁰ AHEX Caixa 05 - Folder 01 Pasta 01

Que assistindo hontem a distribuição de dietas vi que faltarão 32 onças de assucar na enfermaria dos Snrº Officiaes, e bem assim o dôce.

Nas enfermarias dos soldados não houve falta alguma, a não ser setenta dietas de gallinha, que forão substituidas por carne de carneiro.

Os Medicamentos vierão completos.

Entrarão para o Hospital 31 doentes, trez dos quais Officiaes.

Fallecerão nove doentes, sendo quatro na Quinta de Avalos.

Nenhuma novidade m^s. occorreu

D^s G^{de} á V Ex^a

Hospital Militar em Corrientes 1 de fevereiro de 1866

Ilmº Exº Snrº Consº Manoel Feliciano Pereira de Carvalho

M D Chefe do Corpo de Saúde do Exército

D^{or} Antº Carlos Pires de Carv.º e Albuq^e

2º cirurgião hontem de dia

Analisando atentamente os dois documentos e cruzando suas informações, é possível chegar a algumas conclusões acerca da diversidade de recursos vegetais e da interação com os doentes. Arroz, bolachinha, chá, café, açúcar, araruta, farinha e vinho do porto são os recursos vegetais citados diretamente e que, aparentemente, eram destinados à alimentação dos doentes e equipes do Hospital naquela época. Uma pequena ressalva se faz necessário. Mesmo servindo para alimentar as tropas, alguns dos recursos citados, como o vinho do porto, a araruta e o café, por exemplo, estão diretamente ligados ao tratamento de determinadas doenças. No segundo volume do *Dicionário de Medicina Popular e das ciencias acessorias para uso da família*, do Doutor Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, na parte que versa sobre a gangrena e seu respectivo tratamento, o autor indica que: “depois de cahidas as escaras curar a ferida com unguento de Arceus; sustentar as forças geraes com caldos de carne de vacca, mingãos de tapioca ou de **araruta**, com geleas animaes e vegetaes, vinho, com xarope de quina, ou vinho de quinium Labarraque” (CHERNOVIZ, 1890:20) No caso do vinho do porto, quando o Doutor Chernoviz descreve a “Tísica”, existe um subitem denominado *Alimentos que são medicamento*. Ali se lê:

Ha para as pessoas doente do peito, que ainda conservam o appetite, uma ordem de alimentos que são medicamentos. Em primeiro lugar são as ovas de

peixe, e os miolos de carneiro. Estas substancias contém phosphoro : são aphrodisiacas e corroborantes. As ostras, as ovas de lagosta, de arenques, os ovos de gallinha, acompanhados de **vinho do Porto** ou da Madeira são alimentos e medicamentos ao mesmo tempo na tísica.” (CHERNOVIZ, 1890:1096)

No final desta seção, existe outra informação interessante que é correlata à análise aqui proposta: “Uma chicara de **café** depois de jantar é muito salutifera.”¹⁷¹

Apesar de também poderem ser classificados como medicamentos, estes recursos vegetais são considerados, mesmo em um dicionário médico, alimentos. A ressalva aqui feita é válida porque é improvável encontrar em relações de materiais fornecidos pelo exército alimentos como a araruta fora do ambiente hospitalar. Explicitando a peculiaridade de tais recursos, o fato de sua exclusividade aos ambientes hospitalares torna-se razoável.

As informações contidas nos dois documentos chamam a atenção para a clara distinção relacionada com o acesso aos alimentos. Como descrito no documento do dia 1 de fevereiro, existiam enfermarias distintas para oficiais e soldados no Hospital de Corrientes e naquele dia a falta foi descrita na enfermaria dos oficiais e a substituição na dos soldados. Uma realidade diferente se percebe ao analisar o documento produzido 26 dias depois. Naquele dia, o médico responsável descreve a existência de três condições distintas em que os alimentos chegaram até o hospital: “por bono”, “soffríveis” e “maus”. Os alimentos de origem vegetal foram classificados nas duas primeiras condições e aceitos pelo oficial. O que chama atenção neste documento é a evidente distinção do acesso aos alimentos de boa qualidade de acordo com quem o irá receber. Os classificados como “por bono” são destinados aos oficiais e “para o geral”. No caso dos alimentos tidos como “soffríveis”, não há menção aos oficiais e sim aos soldados e ao “commum”.

No documento existem dois alimentos, açúcar e araruta, que são destinados exclusivamente a dois grupos: oficiais e soldados. Porém, mesmo sendo os mesmos alimentos, somente os oficiais recebem os classificados como “por bono” enquanto os soldados recebem os classificados como “soffríveis”. Antes de entrarmos no debate relativo às informações supracitadas, é interessante observar como estes dois recursos vegetais ligados à alimentação aparecem em outras situações descritas nos documentos do corpo de saúde. Assim, será possível corroborar determinadas hipóteses e evidenciar por que outras foram rejeitadas.

¹⁷¹ *Ibidem*

3.4.2.1 Açúcar

Aparentemente o açúcar era um recurso vegetal comum e importante na alimentação dos doentes em Corrientes. No dia 17 de fevereiro de 1866, em parte destinada ao Dr Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, o 2º Cirurgião de dia Geraldo Francisco da Cunha participa que o “almoço hontem foi dado as dez horas e trez quartos da manhã por cauza do assucar que foi devolvido, por ser de má qualidade”¹⁷² No dia 06 de fevereiro, o Dr Felix Moreno Brandão, 2º Cirurgião de dia no Hospital Militar Brasileiro em Corrientes, participa ao Doutor Manoel Feliciano Pereira de Carvalho que: “o almoço hontem foi destreuido em algumas enfermarias as nove horas e noutras as dez em razão ao pão ter chegado m¹⁰ tarde”. Cruzando as informações relativas ao horário das refeições, é possível supor que no dia 17 a qualidade do açúcar (assim como a chegada do pão no dia 06) foi um fator determinante para o atraso do almoço.

No dia 4 de março de 1866, o 2º Cirurgião de dia no Hospital da Cidade em Corrientes, relata que: “ As 5 horas da tarde compareci no comissariado de generos para examinar os que tinham sidos e destes rejeitei o - assucar - para os soldados em conseq^{cia} de estar umido e escuro.”¹⁷³ Além do açúcar, o 2º Cirurgião descreve outras propriedades do vinho do porto e do café para justificar a rejeição dos recursos. Afirma que rejeitou “o vinho do Porto porque sobresahão mais as suas propriedades - assucarada e alcoolica - do que as adstringente e aromatica - apesar de que en, n’esse exame, reconhecesse que no mercado não será mui facil achal-o melhor; assim como o - caffè por estar em tanto falta de - aroma - mas que trazendo para caza uma porção para experimentar em infusão convenci-me que essa falta não seria cooperado p eu rejeita-lo se por ventura com antecedencia eu houvesse empregado o m^{mo} ensaio. Por esse exame eu vi que o caffè tinha desenvolvido aroma bas^{te}, e que as suas propried^s - tonicas e acidas - existião”.

Duas informações deste documento são extremamente pertinentes para a análise da relação entre as tropas e o açúcar. A primeira delas é a qualidade das classificações que o 2º Médico relata na parte. Além de explicitar algumas características organolépticas específicas dos três recursos e outras ligadas a sua ação terapêutica (uma delas sendo reconhecida através de “ensaio” feito em casa pelo próprio médico), existe a menção ao “mercado”. Tal menção vem acompanhada de uma valoração do próprio mercado. Isto é claro quando o 2º Médico, ao reconhecer que o vinho não possuía as qualidades desejadas, assume que “no mercado não será

¹⁷² AHEX Caixa 04 - Folder 01 Pasta 08

¹⁷³ AHEX Caixa 04 - Folder 01 Pasta 21

mui facil achal-o”. Este fato demonstra que não se tratava simplesmente dos alimentos estragarem nos depósitos ou cozinhas dos hospitais. O próprio mercado local, origem dos alimentos, não apresentava recursos com as quantidade e qualidade desejadas para o expediente dos doentes.

Uma outra citação que demonstra a relação com o açúcar nos hospitais foi exposta pelo 2º médico de dia em 18 de fevereiro de 1866.¹⁷⁴ Na parte produzida, o médico cita ter notado : “ nas 1ª, 2ª, 3ª e 4ª enferm^{as} faltas em alg^s de seos generos como gall^{as} que se distribuirão apenas 16 de 33 que se pedirão e na dos officiais doce, notando mais ser o assucar mascavo a farinha mofada e essa n^{ma} em substituição p^r ter faltado o que devia ser mandado p^{lo} fornecedor”. Além de, mais uma vez, responsabilizar o fornecimento pela falta e má qualidade dos gêneros, o 2º Médico chama a atenção pelo fato do açúcar ser mascavo, o que provavelmente o classifica como um produto de qualidade (ou preço) inferior ao que deveria ser idealmente servido no hospital.

Finalizando os relatos sobre o açúcar, vale destacar a parte datada de 27 de junho de 1866, desta vez no Hospital Militar no Saladeiro. O 2º cirurgião de dia relata que apenas foi chamado a Enfermaria dos officiais a cargo do D José Maria Fernandes “onde faltou pão e assucar p^a o almoço de alguns officiaes e p^a o jantar faltarão 16 dietas e 12 extras de marmelada”.¹⁷⁵ Neste caso é possível perceber que, pelo menos no Hospital de Saladeiro, existiam vezes que o almoço era fornecido mesmo sem o necessário açúcar e que, no caso citado, alguns doentes receberam enquanto outros ficaram sem o recurso. Vale destacar também que esta citação da parte trata exclusivamente do que ocorreu na enfermaria dos officiais.

3.4.2.2 Araruta

A araruta é um recurso vegetal pouco citado nos documentos analisados. Entretanto, ele aparece em situações que chamam a atenção pelo contexto em que é descrito.

Além da parte de 27 de fevereiro de 1866, onde a araruta aparece marcando a diferença na alimentação de officiais e soldados, ela é citada na parte assinada pelo Doutor Theofilo Nunes Sarmento no dia 03 de março de 1866, destinada ao Cirurgião Mor do Exército, Doutor Manoel Feliciano Pereira de Carvalho. Remetida da cidade de Corrientes, o Doutor Sarmento participa os fatos ocorridos, “estando hontem de dia no Hospital Militar”, e os seguintes nos interessam

¹⁷⁴ AHEX Caixa 04 - Folder 01 Pasta 07

¹⁷⁵ AHEX Caixa 04 - Folder 03 Pasta 89

para análise e interpretação: “ Fui examinar os generos em casa do Fornecedor, e regeitei o café, a marmelada,o vinho,o toucinho por serem de péssima qualidade, regeitei também alguns frangos por querer o fornecedor que fossem aceitos como galinhas; por não haver arauta que preenchesse o pedido, admitto a substituição de uma parte por amido, fasendo sentir que o preço d’este é muito menor que d’aquella”.

A partir das informações apresentadas pelo Doutor Theofilo Sarmiento,é possível supor que a araruta era um alimento importante para os doentes em Corrientes já que, mesmo estando mais caro do que o amido, somente parte desta foi substituída. Claramente isso é uma suposição rasa e que necessitaria de maiores dados sobre o fluxo comercial deste recurso na cidade de Corrientes em 1866 e como ele era utilizado nos hospitais. Desta forma, seria possível realmente analisar por que a araruta não aparece recorrentemente nos documentos e por que ela não foi totalmente substituída por amido. Apesar disso, é inegável que o Doutor Sarmiento tinha ingerência na possibilidade de substituição de recursos, como em diversas vezes é relatado nos documentos por outros oficiais, e aparentemente opta por informar que não fez a substituição total da araruta, apesar do preço ser mais alto.

Além da relação entre preços, araruta e amido, outra informação chama atenção neste documento. Em outras situações descritas, os médicos ou cirurgiões responsáveis pela supervisão dos hospitais recebem informações dos doentes e da equipe, analisando a quantidade e qualidade dos recursos vegetais diretamente no momento da alimentação ou no comissariado, onde também poderiam se comunicar com os fornecedores e seus ajudantes. No caso relatado no dia 03 de março, uma nova possibilidade de contato entre o exército e seus fornecedores é apresentada quando o Doutor Sarmiento cita que foi examinar os generos “em casa do Fornecedor”.

3.4.2.3 Chá, pão e outros alimentos

O açúcar e a araruta faziam parte da alimentação dos soldados e oficiais nos hospitais em Corrientes. A citação do açúcar e a peculiaridade da araruta observadas nos documentos devem ser analisadas com cuidado. Apesar da análise destes recursos trazer a possibilidade de interpretação referente ao tratamento diferenciado que recebiam oficiais e soldados, da rotina de alimentação nos hospitais e da aquisição dos recursos pelas forças armadas, outros recursos são citados nos documentos e que merecem a devida análise.

No dia 03 de fevereiro de 1866, o cirurgião Felix Moreno Brandão comunica ao

Cirurgião Mór Manoel Feliciano Pereira de Carvalho que: “O almoço foi chá pão, que se deo de oito até nove horas; o jantar foi servido aos oficiais de uma e meia da tarde as duas, e aos mais das duas as tres e meia, isto p^r q^e quis eu vêr todas as dietas, e as enfermarias serem mui distantes umas das outras. A ceia foi servida das cinco e meia as sete da noite, constou tão bem de chá e pão e algumas canjas de arroz adoçado, como no almoço.”¹⁷⁶

Como já citado anteriormente, a falta do pão atrasou o almoço no dia 06 de fevereiro e agora vemos que fez parte do almoço e da ceia tres dias antes.

Em 5 de fevereiro de 1866, o Doutor Antonio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, que já havia estado de serviço quatro dias antes no mesmo hospital, participa ao Chefe do Corpo de Saúde Conselheiro Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, que: “Examinei hoje todos os generos entrados para o Hospital tendo a notar à V Ex^a que o pão veio m^{to} tarde, às 9 horas do dia, pelo que só depois dessa hora poderão os doentes almoçar O chá vem em envoltórios de chumbo. Cada um é dado como contendo duas libras e trez quartas, devendo eu porém notar que há som^{te} duas libras, sendo as trez quartas suppridas pelo chumbo”.¹⁷⁷ Mais uma vez, a demora do pão atrasa o almoço.

Não é somente a ausência do pão que é descrita como um fator importante para a alimentação dos doentes. No dia 16 de fevereiro de 1866, o Doutor Teophilo Nunes Sarmento participa ao Chefe do Corpo de Saúde Manoel Feliciano Pereira de Carvalho algumas informações sobre o suprimento de carne e que : “ Os pães foram de ótima qualidade,mas sendo pesado não têm mais de cinco onças cada um quando vierão por seis onças”.

No caso do chá, ele também é citado outras vezes. No dia 16 de janeiro de 1866, o 1º cirurgião do dia Doutor Alcebiades José de Azevedo Pedra¹⁷⁸ participa ao Doutor Manoel Feliciano Pereira de Carvalho algumas situações envolvendo alimentação dos doentes no Hospital Militar em Corrientes. Dentro dessas situações , o doutor Pedra cita que: “ o chá devendo ser verde foi fornecido o preto”.¹⁷⁹

A maioria das citações presentes até aqui são somente de um Hospital (possivelmente) em um período de, aproximadamente, três meses (janeiro a março de 1866). Por isso, é interessante citar algumas situações relatadas em junho de 1867, que ocorreram em Corrientes mas, desta vez, no Hospital do Saladeiro. Desta forma conseguiremos ver que a alimentação das tropas seguia um padrão nos hospitais em Corrientes, com algumas exceções.

¹⁷⁶ AHEX Caixa 05 - Folder 01 Pasta 13

¹⁷⁷ AHEX Caixa 05 - Folder 01 Pasta 11

¹⁷⁸ Nome ilegível. Consta na ficha de descrição do documento.

¹⁷⁹ AHEX - Caixa 04 - Folder 01 Pasta 11

3.4.2.4 - Alimentação no Hospital do Saladeiro em 1867

Arroz, farinha, pão, bolachinha, vinho, marmelada e café são alimentos citados nos dois hospitais e nas duas épocas analisadas. Falta e substituição ainda fazem parte do vocabulário dos cirurgiões e médicos em junho de 1867.¹⁸⁰ Tal fato evidencia que, mesmo após a entrada do exército imperial no Paraguai, a ocorrência de grandes batalhas (como Tuiuti e Curupaiti) e a mudança de comando, a situação vivida pelos doentes ainda era dramática.

Analisando alguns documentos datados de junho de 1867 e remetidos do Hospital do Saladeiro, podemos comparar a quantidade e qualidade dos recursos vegetais e analisar a realidade das tropas nos dois hospitais e em épocas diferentes.

No dia 24 de junho de 1867, o médico do dia no Hospital do Saladeiro participa que: “ Estando hontem de servico n`este estabelecim^{to} foi-me presente dos diversos generos vindo p^a as dietas, uncam^{te} o arroz, que por sua m'a qualidade, fiz voltar e como nao chegasse a tempo mandei que fosse substituido por farinha, visto nao ter outra cousa de que lançar mão e que os doentes cujo estado não permittisse tal alimentação se lhes desse paes, foi isto observado nao se estenderao porem a todas as enfermarias por falta de numero sufficiente de pães;;notei tambem que a comida destribuida na occasião do jantar, não tinha quantidade sufficiente de sal e que a carne me pareceu ser de gado pouco descansado.”¹⁸¹

Nesta parte, fica evidente que a falta e a substituição eram uma realidade em 1867. Uma novidade que aparece neste documento é a interrelação entre arroz, farinha e pão. Aparentemente, de alguma forma, o médico coloca os três recursos na mesma classificação no momento que descreve que um pode substituir o outro. Talvez o pão não fosse o recurso mais adequado para substituir o arroz, já que o médico alega que trocou “visto nao ter outra cousa de que lançar mão” Além disso, vê-se a relação entre cada alimento e o estado de saúde específico dos doentes, no qual alguns estavam impossibilitados de comer farinha. Alguns destes receberam pães para substituir o arroz enquanto outros provavelmente ficaram sem o recurso, já que não tinham pães suficientes para todas as enfermarias.

Em duas outras partes nota-se a presença de dois outros recursos que não aparecem no Hospital da Cidade no início de 1866: batatas e laranjas.

Sessenta e uma laranjas são rejeitadas pelo cirurgião José Theodozio de Souza Dantas

¹⁸⁰ Em parte datada de 12 de junho de 1867 o Doutor João J dos Santos comunica que: “Chamado p^a examinar os generos fornecidos p^a consumo do hospital achei os de boa qualidade, exceptuando o café que por ser de péssima qualidade foi rejeitado.” AHEX - Caixa 04 - Folder 03 Pasta 86

¹⁸¹ AHEX - Caixa 04 - Folder 03 Pasta 91

no dia 06 de junho de 1867: “por não servirem tanto por sua pequenhes como pela ma qualidade”. Anteriormente na mesma parte, o cirurgião relata que “As dietas forão de bõa qualid^e e distribuidas a horas convenientes”¹⁸²

No caso das batatas, aparentemente o recurso não foi rejeitado mas o médico do dia registra que eram poucas. O interessante deste documento é que desta vez o médico cita o nome dos envolvidos nas ocorrências do dia. No caso das batatas, por exemplo, ele diz que: “na distribuição das dietas a Enf^{as} dos officiaes o Capitão Lima queixou-se com razão que não tinha a quantidade de batatas marcada pela tabela”.¹⁸³

3.4.2.5 Agência e mediação no acesso aos recursos vegetais

Diante das informações citadas, a análise sobre a relação entre as tropas e os recursos vegetais é uma tarefa que permite ir além de somente concluir que soldados e oficiais tinham acesso diferenciado aos recursos vegetais. Tal fato é bastante evidente quando os documentos são lidos e suas informações sistematizadas, assim como também são outros aspectos da rotina de alimentação nos hospitais em Corrientes. Entre tais aspectos, o que também fica evidente quando analisamos a diversidade de informações é a mediação feita pelos cirurgiões e médicos de serviço entre os recursos e as tropas que estavam nos hospitais.¹⁸⁴ Seria bastante impreciso afirmar que as relações se davam em uma linha reta e nas duas pontas opostas estariam doentes e recursos e no meio os médicos e cirurgiões. Os dados demonstram uma complexidade de relações envolvendo uma significativa quantidade de agentes.¹⁸⁵ É importante destacar aqui que o termo agente (tratado como sinônimo de ator ou actante), é utilizado para ressaltar a agência dos recursos vegetais, dos oficiais, dos doentes e dos comerciantes no cotidiano dos hospitais militares. Partindo de uma visão não antropocêntrica na interpretação proposta, é muito importante ressaltar que os recursos vegetais são considerados agentes não humanos,

¹⁸² AHEX - Caixa 04 - Folder 03 Pasta 94

¹⁸³ AHEX - Caixa 04 - Folder 03 Pasta 87

¹⁸⁴ Aqui chamo de tropas todos os militares que conviviam e que não eram oficiais acadêmicos do Corpo de Saúde: soldados, oficiais do exército de linha e dos voluntários da pátria, enfermeiros móres, enfermeiros e ajudantes de enfermeiros.

¹⁸⁵ A escolha aqui para se referir aos recursos vegetais, doentes e oficiais do corpo de saúde como agentes se relaciona ao proposto por Bruno Latour como ator ou actante. De acordo com Leticia de Luna Freire: “para Latour, ator é tudo que age, deixa traço, produz efeito no mundo, podendo se referir a pessoas, instituições, coisas, animais, objetos, máquinas, etc. Ou seja, ator aqui não se refere apenas aos humanos, mas também aos não-humanos, sendo por esse motivo sugerido ainda por Latour (2001: 346) o termo actante.” In: FREIRE, Leticia de Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. *Comum*. Rio de Janeiro, v.11, n.26, p.46-65. jan-jun 2006

pois eles estavam associados de tal maneira que levavam os outros agentes, como os doentes e oficiais do corpo de saúde, a fazerem coisas.¹⁸⁶

Enquanto os recursos tinham agência sobre a decisão dos médicos e cirurgiões influenciando no andamento das atividades nos hospitais, por sua vez os cirurgiões faziam a mediação entre os recursos e os doentes. Os recursos também tinham agência sobre os doentes, que também agiam quando julgavam que aqueles não eram adequados.

Os médicos, cirurgiões e seus subordinados eram os responsáveis institucionalmente pela entrada dos recursos nos hospitais e como estes seriam distribuídos pelas enfermarias. Além de supervisionar e administrar as dietas e refeições gerais para os doentes, os médicos e cirurgiões deviam julgar a qualidade dos gêneros e, a partir disso, decidir se poderiam entrar ou não nos hospitais. Lidando e negociando diretamente com os fornecedores de Corrientes, estes oficiais analisavam os recursos, experimentando os seus sabores, medindo o peso, observando o estado geral e assim julgando se aqueles alimentos poderiam chegar até os doentes. Provavelmente assim que entravam nos hospitais, alguns alimentos eram transformados e chegavam até os leitos dos doentes. É possível concluir tal fato a partir das citações de atraso no almoço pela demora da chegada de determinado recurso no mesmo dia em que este fazia parte da refeição.

Partindo da noção de agência dos recursos vegetais, é possível afirmar que sua presença ou ausência levavam as equipes dos hospitais a atrasar o almoço ou mesmo agir para substituir o recurso por outro.

A qualidade e quantidade dos recursos vegetais estavam diretamente ligados a sua possibilidade de chegar ou não até os doentes. Estes fatores não eram os únicos responsáveis pela sua entrada nos hospitais. Além de características ligadas exclusivamente aos próprios recursos vegetais (como quantidade e qualidade) é necessário considerar que os fornecedores também eram agentes no processo, assim como a própria dinâmica do mercado local. Mais de uma vez os fornecedores, e as relações destes com os médicos e cirurgiões, são citados nos documentos.

A partir dos dados, é possível admitir que dificilmente será possível hierarquizar a agência dos diferentes atores presentes no processo de alimentação. Além disso, também é difícil conceber os atores de forma isolada, só fazendo sentido defini-los como tal quando admiti-se suas interconexões. Baseado em alguns conceitos da Teoria do Ator Rede e diante das evidências supracitadas, é possível afirmar que o processo de alimentação dos doentes nos

¹⁸⁶ LATOUR, 2012 *op cit* p.158

hospitais militares em Corrientes era uma rede, pois nesta teoria

A noção de rede refere-se a fluxos, circulações, alianças, movimentos, em vez de remeter a uma entidade fixa. Uma rede de atores não é redutível a um único ator nem a uma rede; ela é composta de séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados. (MORAES,2004:322)

3.4.2.6 Recursos e doentes

As situações de falta e substituição são descritas diversas vezes nos documentos analisados. As justificativas relatadas pelos oficiais são várias e seguem os padrões esperados pelo exército. Atraso na entrega, recursos estragados, pequenos, sem determinadas características e em quantidade inadequadas são algumas justificativas presentes nos documentos arquivados no AHEx. A consequência das faltas e substituições para os doentes são relatadas de forma bastante branda. Os médicos e cirurgiões citam que alguns doentes ficaram sem receber algum recurso, quando não justificavam alegando sua substituição. Caminhando entre o discurso oficial e as diferentes possibilidades de mobilização dos soldados e oficiais presentes nas enfermarias, é possível perceber que os doentes agiam frente às faltas, implicando os oficiais do corpo de saúde.

Duas situações já foram citadas¹⁸⁷ e que deixam bem claro que a passividade não fazia parte da conduta dos doentes quando encaravam as instabilidades dos hospitais. O episódio que ocorreu no Hospital da Quinta de Avallos, no qual os doentes deixam os seus leitos e se reúnem em volta de uma cisterna com água lodosa que ocorre em uma situação calamitosa por diferentes motivos, é um dos exemplos.

Neste episódio, o médico de dia já começa a “parte” relatando que o jantar do dia anterior “foi dado as 3 horas em consequência do fornecedor ter mandado as gallinhas dep^s do meio dia”. Continuando no mesmo parágrafo o médico diz que as dietas foram distribuídas regularmente em todas as enfermarias mas que “doentes das 1^{as} enfermarias de medicina e cirurgia se queixaram da falta d’arroz”.

Prosseguindo, o médico relata que até X horas da tarde o Hospital estava sem água e “os doentes por se verem privados dela e não poderem mais suportar a grande cede que os devorara tinham se agrupado em nº avultado ao redor da cisterna da caza para saciarem-se com uma água suja, lodosa e de mau gosto” Após a descrição da situação, o medico relata que foi

¹⁸⁷ A situação da falta de água na Quinta de Avallos e a descrita na parte do dia 20 de março de 1866, quando os doentes se queixam por não ter recebido o arroz e nem pão e ainda que o doce de goiaba era mole e escuro podendo mui bem ser comparado com a massa de tomates de má qualidade

junto ao enfermeiro mor providenciar água para os doentes. Além disso, indaga por que não se usa uma pipa que existe no hospital para o abastecimento. Ao relatar a estrutura do hospital, cita a existência de alguns galpões que estavam sem cobertura e a necessidade de se remediar a situação visto que “ se não teremos de ver grandes calamidades por que às doenças existentes se aggruparão outras com a chuva”.

O médico continua o documento relatando que às dez horas o hospital já estava ficando escuro devido aos lampiões se apagarem antes do esperado. Ao perguntar o motivo, soube que era uma prática do hospital para economizar combustível e, conseqüentemente, que os enfermeiros não precisassem tirar dinheiro do próprio bolso para comprar mais combustível. Em um “ps”, o médico relata que dormiu abaixo de um parreiral pois não suportava os gases exalados das enfermarias, como já citado acima.

Diante somente dos dados que o médico expõe na parte, é muito improvável que a sede tenha sido a única justificativa para os doentes saírem dos seus leitos e se agruparem ao redor da cisterna.

Um outro documento que demonstra que a sede, fome ou qualquer outra sensação física não é o que justifica a ação dos doentes frente à realidade vivida nos hospitais é a já citada parte do 2º Cirurgião de dia no Hospital da Cidade em Corrientes, datada de 4 de março de 1866. Nesta parte, antes de descrever que o pão era pequeno e de ter rejeitado o açúcar o vinho e o café, que pessoalmente experimentou em momento posterior, o cirurgião cita que “observou os doentes representarem sobre as dietas de - carne cozida - em vez de serem de carne - assada - segundo estavam marcadas nas papeletas dos srs facultativos das respectivas clínicas”. Ao investigar o motivo do fato, o cirurgião cita/menicono que “ procurando d’indagar a cauza soube que nascia da falta de toucinho”.

Diante dos dados expostos ao longo do capítulo, seria um tanto simplista considerar que é possível afirmar que as sensações de sede ou fome fossem o único motivo que levava os doentes a reivindicarem melhores condições. Durante o episódio da falta de água em Avallos, fica claro que as condições naquele momento do hospital eram dramáticas. A própria estrutura física do hospital apresentava problemas significativos, havia a falta de arroz, água e combustível para os lampiões além do atraso no almoço. Juntando a tudo isso, a presença no meio dos gases expelidos pelos “bexiguentos e diarrhecos” devia tornar a situação ainda mais complicada.

Os doentes não estavam simplesmente fazendo um motim, única e exclusivamente transtornados pela fome ou sede. Assumir isso, isto é, que os doentes estavam agindo

impulsivamente ao invés de conscientemente, seria ter uma visão espasmódica da história, assim como criticado por Edward Thompson, ao analisar os motins da fome na Inglaterra do século XVIII.¹⁸⁸ A partir dos dados apresentados nos documentos e seguindo a mesma linha de raciocínio de Thompson, é possível admitir/enxergar que os doentes estavam questionando as práticas dos efetivos dos hospitais, como o não cumprimento do que estava descrito nas papeletas, seguindo a crença de estar defendendo seus direitos com o apoio do consenso das tropas que estavam nos hospitais.¹⁸⁹ O não cumprimento desses direitos, como o acesso às dietas estabelecidas e preparadas de forma adequada, aos recursos vegetais adequados, à água e a um ambiente saudável era o que levava os doentes à reivindicação.¹⁹⁰

3.4.3 Fármacos

Além dos recursos vegetais utilizados na alimentação dos doentes nos Hospitais de Corrientes, é possível identificar um grande fluxo de medicamentos de origem vegetal entre os hospitais e os acampamentos e entre Corrientes e outras cidades dos países aliados. Os documentos referentes ao Corpo de Saúde apresentam listas de pedidos, relações de medicamentos presentes nos estoques dos hospitais e farmácias e partes referentes ao cumprimento ou não de solicitações específicas relacionadas às ambulâncias.

Como o objetivo deste capítulo é analisar as relações entre os recursos vegetais e as tropas nos Hospitais em Corrientes, uma tarefa importante é começar identificando quais medicamentos destas listas eram de origem vegetal e, posteriormente, como eles interagem com os doentes dentro dos hospitais.

3.4.3.1 Fornecedores

Os medicamentos de origem vegetal são amplamente citados nos documentos do Corpo de Saúde. A partir da análise de uma correspondência escrita em Buenos Aires, assinada por M A da Rocha Faria e enviada para o Doutor Manoel Feliciano Pereira, é possível identificar que os medicamentos eram comprados em Montevideú e Buenos Aires e posteriormente enviados para Corrientes.¹⁹¹ Um outro documento, produzido em São Borja e que pode indicar outro tipo de aquisição de medicamentos, é a correspondência destinada ao Coronel Christóvão José Vieira assinada pelo “O Pharmaceutico Candido Emilio dos Santos Falcão”. Nesta correspondência o remetente cita que é: “Pharmaceutico formado

¹⁸⁸ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p150

¹⁸⁹ *Ibidem* p 152

¹⁹⁰ *Ibidem*

¹⁹¹ AHEX Caixa 05 Folder 02 Pasta 45

pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro e com Botica nesta Villa esperando um grande sortimento de drogas que ha mais de um mês estão em viagem de Porto Alegre para cá- se propõe a fazer o fornecimento para o Hospital que aqui ficar”.¹⁹²

Candido Emilio se refere ao deslocamento das forças para Corrientes naquele momento e, talvez se antecipando a outros fornecedores, propõe ao chefe do corpo de saúde, em São Borja fornecer medicamentos para as tropas com um aumento no preço proposto pelo exército.¹⁹³

Além de apresentar Porto Alegre como um local de fornecimento de medicamentos, o farmacêutico cita o deslocamento de tropas partindo de São Borja para Corrientes, o que indica que provavelmente medicamentos também poderiam seguir este mesmo trajeto. Além disso, o documento demonstra que os próprios farmacêuticos da localidade forneciam medicamentos para os Hospitais. A partir destas informações, é possível supor que os hospitais de Corrientes, além de receber medicamentos oriundos de Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre, podem ter sido abastecidos pelas próprias boticas locais.

3.4.3.2 Quina, goma arabica e outras: a base vegetal dos medicamentos utilizados nos hospitais em Corrientes.

O decreto nº 828 de 29 de setembro de 1851 regulamentou a Junta de Higiene Pública. Em seu artigo 57, o decreto prevê que a partir da data de publicação do documento, todas as boticas abertas deverão conter obrigatoriamente utensílios e medicamentos estabelecidos pela Junta. A relação destes recursos seria exposta em uma tabela, publicada com a autorização do Governo. De acordo com o objetivo deste capítulo e da dissertação em geral, não seria proveitoso debater profundamente o que é a Junta de Higiene Pública, todas as implicações de sua criação e sua ação na sociedade imperial brasileira.¹⁹⁴ Porém, é importante ressaltar que a Junta de Higiene Pública ordenava/regulamentava/controlava a ação dos boticários e isso estava relacionado à quais medicamentos as boticas poderiam e deveriam comercializar e sob quais condições. Assim como o decreto 1900 regulamentava o Corpo de Saúde do Exército e, a partir da leitura de seus artigos, permite compreender qual era o discurso oficial acerca do que o exército esperava dos médicos, cirurgiões, farmacêuticos e enfermeiros, o decreto 828 nos permite entender quais eram as propostas institucionais do governo imperial para as relações entre boticários, fármacos e população.

¹⁹² AHEX Caixa 05 Folder 02 Pasta 44

¹⁹³ No documento consta que o farmacêutico propôs a venda de medicamentos com um aumento de 20% sobre os preços do “formulário do Il^{mo} Sen^{or} Coronel Christóvão José Vieira”.

¹⁹⁴ Para um debate mais detalhado sobre a Junta de Higiene Pública ver: DELAMARQUE, Elizabete Vianna. Junta Central de Higiene Pública: vigilância e polícia sanitária (antecedentes e principais debates). 2011. 187 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

Em 1852, a *Revista Pharmaceutica: periódico da Sociedade Pharmaceutica Brasileira* publicou a referida tabela. Nesta podemos encontrar dois tipos básicos de medicamentos: os marcados com asterisco e os sem marcação. A publicação dizia que as substâncias não marcadas com o sinal eram indispensáveis.¹⁹⁵ As substâncias e plantas descritas nesta lista provavelmente fazem parte do conjunto de plantas utilizadas naquela época pela população e outorgado pelas instituições científicas da época, fato evidenciado pela obrigatoriedade imposta pelo governo aos boticários que possuíam botica própria. Comparar os medicamentos descritos nos requerimentos e correspondências dos Hospitais em Corrientes e a tabela proposta pela Junta de Higiene Pública nos permite indicar quais eram os medicamentos administrados usualmente e possivelmente quais estavam exclusivamente relacionados diretamente ao ambiente de guerra.

Dos medicamentos de origem vegetal citados nos documentos, apenas alguns não constam da tabela publicada pela *Revista Pharmaceutica*. É possível identificar também algumas substâncias aparecendo nos documentos examinados e na tabela, mas com nomenclaturas distintas. Enquanto nos documentos do Corpo de Saúde observamos a citação de “caroços de marmella”, “essencia de alecrim”, extrato de dedaleira”, “granulos de digitaleira”, “quina em casca”, “quina em pó” e “quina inteira”, na tabela observamos “sementes de marmellos” “alecrim”, “digitalis”, “digitalina” e “quina peruvica”.

Os medicamentos que não constam da tabela publicada de acordo com o artigo 57 do decreto 828 são “balsamo de copahiba”, vinho branco, botões de rosa, “confeitos de copahiba”, “pommada de cacau”, flor de laranjeiras, “essencia de alfasema”, extrato de morungu”, codeina, passas, passas de madapolana, raiz da china, simaruba e pastilhas de ipecacuanha. Em relação ao balsamo de copahiba, existe a citação de cápsulas de óleo de copaiba mas a lista também contém a citação de outros balsamos que não o de copaiba. Mesmo existindo a citação da planta nas duas bases, as formas são muito distintas, o que pode estar relacionado ao tipo de terapêutica utilizada, influenciando diretamente na relação entre as tropas e os medicamentos.

3.4.3.3 Cacau e simaruba

Estas duas plantas não aparecem na tabela, mesmo considerando outras formas como extratos, água destilada, pós, etc. Em relação ao cacau, a sua forma também não é citada nas duas fontes, isto é, não existem pomadas de outras plantas na tabela e nos documentos.

Se considerarmos que pomada e manteiga são sinônimos válidos para o século XIX, podemos utilizar a mesma referência empregada nos parágrafos nos quais discutiu-se a alimentação nos hospitais. O já citado livro do Doutor Chernoviz descreve que a manteiga de cacau “tem a preciosa propriedade de resistir ao ranço, e por isso o seu emprego é dos mais vantajosos nas rachas dos lábios e bico dos peitos”.

¹⁹⁵ VELLOSO, Verônica Pimenta. *Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes*. 2007. 345 f. Tese (História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007

Além disso, o texto completa citando que “ emprega-se como emolliente e peitoral; também se fazem com ella suppositorios que se introduzem no recto no caso de hemorrhoidas inflammadas”.

A simaruba tem suas características organográficas amplamente descritas no livro do Doutor Chernoviz, além da descrição das partes comercializáveis, de onde e como extrair as substâncias medicamentosas e o preparo dos medicamentos. A parte que descreve sua ação no corpo é curta e o texto se limita a descrever que: “ é muita amarga, febrifuga e anti-dysenterica”.

3.4.3.4 Febres , dores e anestésicos

Ao analisar a base vegetal dos medicamentos apresentados nos documentos levantados neste capítulo, é possível relacioná-los a algumas condições físicas dos militares. Os dados indicam que a dor e as febres possivelmente eram sensações e condições comuns aos corpos dos doentes presentes nos hospitais.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil ainda não possuía uma farmacopeia oficial produzida no país (a primeira edição da farmacopeia brasileira foi publicada em 1929). Por isso , para relacionar os medicamentos e seus respectivos usos, é interessante acessar alguns documentos da época, como o já citado livro do Doutor Chernoviz e as farmacopeias francesas e portuguesas utilizadas pelos profissionais de saúde ao longo do século XIX. Até 1852, para produzir medicamentos, os boticários deveriam consultar a farmacopeia francesa. Porém, a partir do Aviso do Ministério do Império de 7 de Outubro daquele ano, foi permitida a utilização de outras farmacopeias estrangeiras, inclusive a portuguesa.¹⁹⁶

A relação de medicamentos construída a partir dos documentos selecionados permite perceber a diferença entre a ocorrência de citação dos recursos. A goma arábica possui o maior número de citações provavelmente por ser, naquela época, um importante excipiente das fórmulas produzidas. As instruções para a produção de pilulas presentes no Código Farmaceutico Lusitano, por exemplo, envolvem corriqueiramente a utilização desse recurso.

Quina e derivados do ópio (morfina e codeína) são substâncias e vegetais que também aparecem constantemente nos documentos, indicando a sua importância no cotidiano dos militares.

Morfina e codeína estão relacionadas ao tratamento da dor ou procedimentos cirúrgicos que necessitam de anestesia. Analisando a farmacopeia portuguesa na parte que versa sobre as propriedades terapêuticas da codeína, identifica-se, por exemplo, que essa substância era reconhecida pelo seu potencial em atacar “principalmente o systema da inervação, não fazendo impressão alguma na espinal medula”. (PINTO, 1846:473) Lendo e interpretando o texto da

¹⁹⁶ VELOSO, 2007. *op cit* p.94

farmacopeia, supõe-se que a codeína era tida como uma substância capaz de gerar os efeitos do ópio de forma mais branda e controlada, sem causar o entorpecimento excessivo.¹⁹⁷

Uma outra dedução passível de debate é a presença de febres diversas nos doentes, pois a quina também aparece nos documentos com considerável regularidade. Em um ofício assinado pelo doutor Horácio Cesar destinado ao Coronel Christovão José Vieira, é possível perceber a relação declarada entre o quinino e as febres presentes nos hospitais. No documento o médico cita que necessita “especialmente de sulfato de quinino” devido a ocorrência de “febre pauludosa” grave, além de descrever também a presença de “febres thisycas” em outras enfermarias.



Nuvem de palavras elaborada a partir da lista de medicamentos de origem vegetal. Tal lista foi construída com os dados dos documentos do Corpo de Saúde arquivados no AHEx¹⁹⁸. Nela é possível perceber que, Gomma Arábica, Quina e amendoas eram os recursos mais comuns presentes nos documentos.

Na época da Guerra do Paraguai, as plantas e substâncias extraídas de vegetais constavam na maior parte dos medicamentos das farmacopeias utilizadas. Nos hospitais militares, é possível perceber que os recursos vegetais estavam ligados à diferentes condições físicas comuns à vários momentos e locais do conflito. A dor, por exemplo, não era uma sensação exclusiva dos militares nos hospitais. As tropas conviviam com ela nos acampamentos, nas trincheiras, durante os deslocamentos, no front, etc. Nos hospitais, a diferença é que os soldados e oficiais feridos tinham um maior acesso aos recursos vegetais

¹⁹⁷ *Ibidem* p. 474

¹⁹⁸ Caixa 04 - Folder 01 Pasta 15; Caixa 06 - Folder 01 Pasta 05; Caixa 06 - Folder 01 Pasta 06; Caixa 06 - Folder 01 Pasta 07; Caixa 06 - Folder 01 Pasta 08; Caixa 08 - Folder 07 Pasta 03

para aplacar a dor. Além da codeína, substância já exposta acima, morfina e dedaleira também faziam parte de medicamentos receitados possivelmente pelo seu efeito anestésico. O *Código Pharmaceutico Lusitano* cita a morfina diversas vezes, descrevendo que a substância apresenta menos contraindicações do que o ópio e indicando-a para o tratamento de alguns tipos de nevralgias e dores crônicas do estômago. Um dos exemplos de medicamento composto citado na farmacopeia, que utiliza sais de morfina, se chama “Gotas calmantes”, evidenciando o uso analgésico deste extrato vegetal.

Um outro recurso vegetal possivelmente utilizado nos casos de dor é a dedaleira. Ela aparece no *Código* como sendo o nome vulgar de *Digitalis purpurea*. Tal fato indica que provavelmente os agentes do corpo de saúde, ao se referir à digitalis ou dedaleira, estavam se referindo à mesma planta. Diversos medicamentos produzidos com esta planta descritos no *Código* são indicados como “torpentes”, fato que demonstra o seu possível uso como analgésico.

Pelos motivos supracitados, é possível perceber o hospital como um local privilegiado de acesso à recursos vegetais específicos. A dor também existia fora das estruturas hospitalares, mas ali as tropas tinham acesso à plantas específicas necessárias para aplacar este tipo de sensação. É importante ressaltar também que o próprio hospital era um local que gerava dor, causada pelos procedimentos cirúrgicos. Analisando todos os dados, é inevitável destacar a centralidade das plantas nas farmacopeias e procedimentos ligados à saúde. Sem elas, o hospital perderia a maioria das suas possibilidades de tratamento de doentes, se tornando um local quase inútil.

Conclusão

Para concluir o trabalho apresentado nos capítulos acima, voltar ao seu título é uma opção bastante didática e elucidativa. Vamos supor que, ao invés de começar com “plantas em conflito”, o título da dissertação fosse somente “a utilização dos recursos vegetais pelas tropas imperiais na Guerra do Paraguai”. Ou até mesmo considerar uma outra substituição, começando com “plantas no conflito” ao invés de “plantas em conflito”.

A primeira vista, tais opções alternativas parecem envolver detalhes e mudanças pouco significativos. Porém, considerando o objetivo do trabalho e o resultado das análises desenvolvidas, o título original tem maior capacidade de sintetizar o que se propôs e o que espero ter sido feito, se comparado às outras opções apresentadas.

Começar o título com a palavra “plantas” indica o fato de abordar a centralidade destes agentes ser parte da proposta do trabalho e também que tal centralidade está presente no resultado da leitura e problematização dos dados.

Utilizar a preposição “em” ao invés da contração “no” também é bastante significativo, considerando o objetivo do trabalho e, principalmente, ao considerar o resultado alcançado. Utilizar “plantas no conflito”, seria admitir simplesmente que elas estavam no local de guerra e possivelmente foram utilizadas pelos militares. Ao invés disso, utilizar “plantas em conflito”, demonstra que as plantas não somente estavam no teatro de operações mas que elas também guerrearam, isto é, elas tiveram agência na Guerra do Paraguai. As plantas e os recursos vegetais influenciaram decisões e estratégias, assim como sua ausência desencadeou dinâmicas específicas no cotidiano dos militares. É possível admitir, seguindo a ideia de Richard Tucker sobre o ambiente em guerras, que as plantas e os recursos vegetais agiram como soldados das tropas beligerantes.



Essa imagem faz parte do livro *Uniformes do Exército Brasileiro 1730-1922*, publicado em 1922. O soldado representado na imagem aparece com um ramo de plantas frutíferas, possivelmente laranjas.

Os capítulos em que os dados foram analisados e discutidos envolvem duas situações de guerra distintas. A primeira trata da coluna expedicionária para o Mato Grosso, quando as tropas estiveram constantemente em movimento. A outra envolve dinâmicas presentes nos hospitais militares em Corrientes, onde os militares que se relacionaram com os recursos se encontravam em estruturas mais estáveis e fixas. Cruzando o resultado da análise das duas situações, é possível identificar semelhanças e especificidades.

No caso da coluna do Mato Grosso, os dados demonstram uma diversidade significativa de interações com os recursos vegetais influenciando as atividades cotidianas dos militares brasileiros, o que corrobora a hipótese levantada inicialmente.

Em relação a alimentação, os recursos vegetais influenciaram não somente o cotidiano pessoal de cada militar participante da coluna, mas as estratégias de locomoção do grupo, entre outras. Por exemplo: Taunay cita que a primeira vez que houve “falha”, isto é, que a coluna não pode prosseguir a marcha, foi devido à demora do fornecimento de víveres. Em outro momento, já na retirada da Laguna, os militares possivelmente acamparam em um local específico por este apresentar “palmitos em profusão” e ser seco .

As interações identificadas envolvendo a alimentação em situações itinerantes são muitas, como é possível perceber no texto do segundo capítulo. A título de conclusão, vale

retomar uma delas, e que possivelmente resume de forma exemplar a maneira como as relações alimentares se deram entre os militares e os recursos vegetais. É o caso das laranjas na retirada da Laguna.

A descrição de Taunay segue a ideia do enredo geral do livro, que envolve penúria, provação e atos de bravura dos militares brasileiros. Se esquivando um pouco das intenções típicas da narrativa feita pelo autor, e tentando focar ao máximo na agência das plantas naquele contexto, é possível traçar uma imagem bastante clara da interação entre recursos e tropa.

As tropas estavam quase no final de uma retirada de mais de 30 dias, fora os mais de dois anos de marcha desde a saída de Santos até chegar àquele local. Além da fome e do cansaço, o cólera estava atacando os militares há dias. Mais de cem soldados coléricos já haviam sido deixados para trás e neste momento, o próprio Coronel Carlos Camisão, comandante da coluna, se encontrava extremamente enfermo. Ao chegar à margem do rio Miranda, as tropas estacionaram a fim de preparar a ultrapassagem. Mesmo o rio estando cheio, impossibilitando a passagem segura das tropas, alguns soldados nadaram até a outra margem chegando ao pomar da casa do Guia Lopes. Lá encontraram laranjas, trazendo-as para a outra margem. A presença das laranjas, e possivelmente seus odor e sabor, devem ter causado um grande descontrole na tropa. Ao analisar o texto de Taunay, é possível imaginar que outros soldados se aventuraram a atravessar o rio em busca de mais laranjas e perceber que o próprio autor, sem atravessar o rio naquele momento e “a peso de ouro”, conseguiu algumas. O próprio coronel Camisão, que naquela circunstância já estava muito debilitado, foi impelido pelas laranjas a ordenar que os “Caçadores a pé”, um grupamento das tropas ainda organizado, atravessassem o rio para conter os soldados. Desta forma, o próprio coronel poderia gerenciar a distribuição daqueles pomos tão cobiçados.

Este episódio demonstra bastante claramente como as plantas na Guerra do Paraguai podem ser consideradas agentes não humanos segundo a concepção latouriana do termo. Elas levaram os outros atores do processo (soldados e oficiais) a tomar atitudes específicas, como se arriscar na travessia do rio a nado, além de influenciar diretamente na modificação dos seus corpos. Em seu texto, Taunay evidencia, talvez com uma certa dose de exagero, a melhoria que a ingestão das laranjas causou na saúde dos soldados coléricos. Essa situação demonstra a agência das plantas no processo de alimentação dos soldados e sua análise e interpretação pode ser estendida para as outras plantas comestíveis presentes no teatro de operações.

A coluna expedicionária não possuía um contingente significativo de soldados nativos dos biomas cerrado e pantanal. Assumindo este fato e diante dos dados apresentados por Taunay

nas três publicações analisadas, é possível supor que existiam outras pessoas, civis ou militares, capazes de fazer uma espécie de mediação entre as tropas e o ambiente. Com exceção do Guia Lopes, Taunay não cita especificamente as pessoas que mediavam o processo. Porém, analisando minuciosamente as fontes analisadas, é possível perceber algumas indicações ao longo dos textos. A mais clara delas se dá quando Taunay afirma que um araquá, conhecido como araquá do pântano, era perigoso e que “nenhum sertanejo deixa de afiançar que o araquá do pantano dá sempre maleitas”. Este fato é relatado por Taunay em *Scenas de viagem*, livro que o autor descreve a missão de reconhecimento empreendida por dois militares da comissão de engenheiros, Taunay e Lago, e uma patrulha formada por outros militares. Neste livro, o autor não cita especificamente quais eram os militares fora ele e o Capitão Lago. Entretanto, no seu livro de *Memórias*, Taunay atenta para a desconfiança que tinha dos soldados que os acompanhariam na empreitada. O autor, em determinado momento antes da missão, falou da “justa desconfiança que nos inspiravam os soldados do antigo corpo de cavalaria debandado por ocasião da invasão paraguaia, em fins de 1864, e que deviam, então, servir-nos de únicos guias e auxiliares”. (TAUNAY, 2004:233) Possivelmente Taunay se refere aos soldados que já serviam no Mato Grosso antes da Guerra e que, provavelmente eram nativos da província ou moravam lá antes do conflito. Possivelmente estes soldados, mesmo gerando desconfiança pelo seu comportamento durante a invasão paraguaia em 1864, mediarão a relação entre os militares alóctones, como Taunay e Lago, e as plantas extraídas diretamente do ambiente.

Além dos recursos ligados à alimentação, também é possível reconhecer a agência das plantas nas ações de confronto bélico direto. Talvez a mais exemplar delas, no caso das situações que envolvem deslocamento, foi a macega. A macega é descrita várias vezes por Taunay em *A Retirada da Laguna*. Ela aparece sendo utilizada diretamente pelos paraguaios em seu “odioso expediente de guerra”, o que causou enormes problemas para a coluna que estava voltando do Paraguai. Além de ter que escapar do fogo causado pela queima da macega, os soldados precisaram lidar com esta planta antes das ações paraguaias, cortando-as e algumas vezes soterrando os vegetais aparados para impedir que se incendiassem. Claramente cortar e cobrir com terra uma significativa quantidade de massa vegetal, deve ter mudado significativamente a dinâmica de locomoção da marcha. Mais uma vez, assim como diversas vezes descritas no capítulo 02, os dados demonstram a agência que as plantas têm no cotidiano dos militares, influenciando diretamente nas dinâmicas da guerra. A macega, mesmo sem ser manejada pelos paraguaios, também agia sobre os corpos dos soldados brasileiros. Taunay cita que, quando seca, a macega apresentava estruturas rígidas que possivelmente cortavam a pele

dos soldados, agindo sobre seus corpos e influenciando na marcha da coluna.

Ao analisar as situações envolvendo a locomoção de tropas, é possível afirmar que a fome causada pela falta de víveres, a má gestão dos recursos vegetais e a presença de diversos agentes, fora os militares e as plantas, são aspectos da Guerra relativamente corriqueiros. Comparando estas situações às dinâmicas próprias das estruturas fixas que não contavam com o deslocamento contínuo das tropas, como os Hospitais de Corrientes, é possível afirmar que, a fome, a falta e a má gestão eram comuns a ambas as situações. Entretanto, em relação aos processos de substituição dos recursos, a realidade das estruturas fixas e da coluna itinerante são distintas.

Nas situações itinerantes, percebe-se que o ambiente natural está mais próximo e visível para as tropas do que nas situações estacionárias, possibilitando aos militares o uso de seus recursos diretamente retirados do local por onde passavam, contornando a falta de víveres. Nos ambientes hospitalares de Corrientes, a dinâmica é diferente. Também observa-se uma grande quantidade de situações envolvendo substituição. Porém, nestes locais, as substituições são feitas por outros recursos vegetais que não são extraídos do ambiente natural e sim oriundos dos comerciantes da cidade argentina. No caso das dinâmicas referentes às estruturas fixas, o ambiente natural não está tão visível e próximo das tropas, mas as plantas comercializáveis sim. Os motivos para a falta de plantas alimentícias nos hospitais e na coluna são similares, mas é necessário fazer algumas ponderações. O Ministério da Guerra, o exército brasileiro e todas as instituições ligadas ao esforço de guerra não estavam preparados para entrar em um confronto armado da magnitude da Guerra do Paraguai, mesmo considerando somente os anos iniciais do conflito. Grande parte do fornecimento de plantas e recursos vegetais foi feito através de contratos com particulares tanto em Corrientes quanto nas províncias percorridas pela coluna expedicionária. Sem considerar as dinâmicas comerciais específicas deste tipo de transação, é possível constatar que a distância dos centros comerciais urbanos foi uma das variáveis que mais influenciaram na falta institucional de plantas e recursos vegetais relacionados à alimentação durante a marcha da coluna. A centralidade desta variável, justificando a falta de recursos vegetais, nas estruturas fixas não é observada.

O objetivo desta dissertação está intimamente relacionado à centralidade das plantas no cotidiano militar e na sua agência sobre as tropas. Por isso, a influência das relações comerciais não recebeu uma análise detalhada, o que não descarta a sua importância na análise sobre a falta de recursos vegetais tanto em Corrientes quanto no Mato Grosso. Os dados presentes nos documentos do AHEx, e que foram analisados e debatidos ao longo do terceiro capítulo,

demonstram claras evidências da participação dos agentes comerciais nos processos relacionados à alimentação nos Hospitais em Corrientes. Já no segundo capítulo, as fontes demonstraram menor quantidade de relações comerciais no Mato Grosso, o que não significa que estas não existissem.¹⁹⁹ Elas já foram relatadas em alguns trabalhos sobre a Guerra do Paraguai.

O que chama a atenção neste ponto, e também fornece um gancho para pesquisas futuras, é a existência de relações comerciais entre as cidades paraguaias e o Mato Grosso e a ruptura destas após a deflagração do conflito. Concepción, por exemplo, era uma cidade que possuía vínculos comerciais, tanto legais quanto ilegais, com as regiões brasileiras fronteiriças.²⁰⁰ O rompimento dessas relações pode ter sido um fator significativo que influenciou a falta de víveres sofrida pelas tropas da coluna expedicionária.

Ao tratar sobre os recursos vegetais presentes na alimentação das tropas em estruturas fixas, o terceiro capítulo demonstra uma análise feita frente a uma realidade peculiar apresentada pelos dados. Os militares que estavam convalescentes nos hospitais sofreram com a fome, mas esse não era o único e exclusivo motivo pelo qual se impunham diante das hierarquias, reivindicando melhorias. Os dados permitem concluir que estes militares reivindicavam o que era estabelecido pelas regras do exército, como o cumprimento do que estava escrito nas papeletas, e não agiam de forma irracional movido pela fome. Se aproximando da análise feita por Edward Thompson para os motins da fome na Inglaterra do século XVIII, é possível compreender que os militares eram movidos pela crença de que estavam reivindicando um direito de acesso adequado aos recursos vegetais, direito esse que fazia parte do senso comum das tropas que estavam presentes nos hospitais.

Analisar as fontes referentes ao Corpo de Saúde permitiu também perceber a centralidade das plantas e dos recursos vegetais não somente relacionadas à alimentação mas também ligadas aos aspectos farmacêuticos nos hospitais em Corrientes. Neste caso, a falta de medicamentos, assim como os alimentos, também era uma realidade.

Uma extensa diversidade de plantas inteiras, extratos e pós oriundos de plantas, e outras

¹⁹⁹ No já citado livro de Divalte Figueira, *Soldados e negociantes na Guerra do Paraguai*, é possível encontrar muitas informações que demonstram as relações comerciais entre o exército brasileiro e os fornecedores no sul do Brasil, no Paraguai e no Mato Grosso.

²⁰⁰ Areces, Nidia. "Terror y violencia durante la Guerra del Paraguay: 'La masacre de 1869' y las familias de Concepción. *European Review of Latin American and Caribbean Studies / Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, No. 81 (October 2006), pp. 43-63

substâncias que continham algum princípio vegetal foi observada na listas de pedidos e referentes aos depósitos das farmácias militares. Das análises debatidas ao longo do terceiro capítulo, conclui-se que os medicamentos eram agentes não humanos presentes nos hospitais militares e a falta deles também pode ser observada nos documentos. Os medicamentos eram comprados em outros locais, como em Montevideu, e possivelmente também eram adquiridos através de compras em boticas locais de Corrientes. Isto demonstra que os atores envolvidos nos processos de alimentação e nas dinâmicas relacionadas aos fármacos tinham funções muito próximas.

Fome, adoecimento e dor são condições físicas que ficam bastante evidentes quando se estabelece uma análise do uso de recursos vegetais pelas tropas tanto em estruturas fixas quanto em momentos de marcha. Porém, não foi só sofrimento que permeou as relações com as plantas durante os anos de conflito. Os militares viram cores, saborearam frutos e se abrigaram sob copas em diversas situações, momentos que contrastam, em muito, com os horrores de uma guerra. Como escreveu, Taunay, aludindo aos tempos que passou no Mato Grosso e à planta que ele tanto descreveu e admirou: “Constitui o buriti uma das minhas maiores saudades do sertão”.²⁰¹

²⁰¹ TAUNAY, 2004 *op cit.* p 372

Fontes manuscritas:

Todos os documentos manuscritos analisados estão no Arquivo Histórico do Exército. Se encontram arquivados em oito caixas numeradas e denominadas “Guerra do Paraguai. Corpo Saúde”

Caixa 04 - Folder 01 Pasta 07; Caixa 04 - Folder 01 Pasta 08; Caixa 04 - Folder 01 Pasta 11; Caixa 04 - Folder 01 Pasta 15; Caixa 04 - Folder 01 Pasta 21; Caixa 04 - Folder 02 Pasta 40; Caixa 04 - Folder 03 Pasta 87; Caixa 04 - Folder 03 Pasta 89; Caixa 04 - Folder 03 Pasta 91; Caixa 04 - Folder 03 Pasta 94; Caixa 04 - Folder 04 Pasta 114; Caixa 04 - Folder 04 Pasta 119; Caixa 04 Folder 04; Pasta 113; Caixa 05 - Folder 01 Pasta 01; Caixa 05 - Folder 01 Pasta 11; Caixa 05 - Folder 01 Pasta 13; Caixa 05 - Folder 01 Pasta 27; Caixa 05 Folder 02 Pasta 44; Caixa 05 Folder 02 Pasta 45; Caixa 06 - Folder 01 Pasta 05; Caixa 06 - Folder 01 Pasta 06; Caixa 06 - Folder 01 Pasta 07; Caixa 06 - Folder 01 Pasta 08; Caixa 07, Folder 05 Pasta 01; Caixa 08 - Folder 07 Pasta 03

Bibliografia

ARECES, Nidia. Terror y violencia durante la Guerra del Paraguay: 'La masacre de 1869' y las familias de Concepción. *European Review of Latin American and Caribbean Studies / Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe*, Amsterdam. n. 81.Out. 2006, pp 43-63

BARROSO, Gustavo. (org). *Uniformes do Exército Brasileiro 1730-1922*. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra,1922

BRASIL. Câmara dos deputados. Legislação Informatizada - Decreto nº 1.900, de 7 de Março de 1857 - Publicação Original. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1900-7-marco-1857-557890-publicacaooriginal-78632-pe.html> Acesso em 19 de fevereiro de 2020

BRASIL., Senado Federal. Matéria publicada pela Agência Senado, intitulada “*Guerra do Paraguai foi feita às apalpadelas*”, afirmou Caxias no Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/11/28/201cconflito-foi-feito-as-apalpadelas201d-afirmou-caxias-no-senado>. Acesso em 18 de fevereiro de 2020

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Jeanne Berrance de. “A guarda nacional” In: HOLANDA, Sergio Buarque de.(org) *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II. O Brasil Monárquico. Vol 2. Declínio e queda do Império. 6ª edição, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 2004

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguay, 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios*

para uso das famílias, contendo a descrição das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis. 2º volume. 6ª ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890

CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico. A expansão biológica da Europa, 900-1900.* Tradução: José Augusto Ribeiro, Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo. A história e a devastação da mata atlântica brasileira.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996

DOMANSKA, Ewa. Para Além do Antropocentrismo nos Estudos Históricos. *Expedições: Teoria da História e Historiografia*, Morrinhos. v. 4, n. 1, jan.-jul. 2013, pp. 9-26

DORATIOTO, F. História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* Consultado em 16 de outubro de 2019. URL:<http://journals.openedition.org/nuevomundo/49012> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.49012 p.09

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra. Nova História da Guerra do Paraguai.* São Paulo: Companhia das Letras, 2002

DUARTE, Regina Horta. História e biologia: diálogos possíveis, distâncias necessárias. *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.4, out.-dez. 2009, pp.927-940

FIEGE, Mark. "Gettysburg and the Organic Nature of the American Civil War" In: TUCKER, Richard e RUSSEL, Edmund (orgs) *Natural ally, natural enemy. Toward an Environmental History of War.* Corvallis: Oregon State University Press, 2004

FIGUEIRA, Divalte. *Soldados e Negociantes na Guerra do Paraguai.* São Paulo: Humanitas FFLCH-USP : FAPESP, 2001.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.* 5 volumes. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 2010

FREIRE, Leticia de Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. *Comum.* Rio de Janeiro, v.11, n.26., jan-jun 2006 p.46-65

GALETTI, Lylia da Silva Guedes, *Sertão, Fronteira, Brasil. Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização.* Cuiabá : EdUFMT.Entrelinhas., 2012

GARCIA, Domingos Savio da Cunha. Mato Grosso (1850-1889): uma província na fronteira do império. 146f. Dissertação (História Econômica). Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 2001

HARAWAY. Donna. *The Companion Species Manifesto: Dogs, People, and Significant Otherness.* Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

IZECKSOHN, Vitor. *O Cerne da Discórdia: a Guerra do Paraguai e o Núcleo Profissional do Exército Brasileiro.* Rio de Janeiro; Biblioteca do Exército. 1997

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem *História, Ciências, Saúde –Manguinhos*, Rio de Janeiro. vol.8, suppl.2001 , pp.863-880.

LATOURE, B. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A Natureza em Boiões. (medicinas e boticários no Brasil setecentista)*. São Paulo: Unicamp, 1999.

MORAES, M. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 11(2): 321-33, maio-ago. 2004

PÁDUA, José Augusto. *Um Sopro de Destruição. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2002.

REBOUÇAS, André. *Diário: a Guerra do Paraguai (1866)*, São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1973

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990

SHARPE, Jim. “História vista de baixo” In: Burke. Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOARES, Sebastião Ferreira. *Notas Estatísticas sobre a Produção Agrícola e Carestia dos Gêneros Alimentícios no Império do Brasil*. p. 12

TAUNAY, Visconde de. *Scenas de Viagem. Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda*. Rio de Janeiro: Tipographia Americana. 1868

_____. *A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai*. 16ª edição. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora, 2006.

_____. *Dias de Guerra e de Sertão*. 3ª edição. São Paulo. Editora Comp. Melhoramentos de São Paulo. 1927

_____. *Memórias*. São Paulo. Editora Iluminuras. 2004

_____. Relatório da Comissão de Engenheiros junto às forças em expedição para a província de Mato Grosso: 1865-1866. *Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Tomo 37, volume 49, parte. 2, 1874, pp. 79-177; 209-339.

_____. *Scenas de Viagem. Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda*. . Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1868

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Tradução Pedro Castelo Branco Silveira. *Ilha – Revista de Antropologia*, 17 (1), 2015, p. 177-201

TUCKER, Richard P. and RUSSEL, Edmund, eds. “Introdução”, In: *Natural Enemy, Natural Ally: Toward an Environmental History of War* (Corvallis: Oregon State University Press, 2004).

TUCKER, Richard. “The World War and Globalization of Timber Cutting”. In: *Natural Enemy, Natural Ally: Toward an Environmental History of War*. Corvallis: Oregon State University Press, 2004.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 4 vol. 3ª ed. integral. São Paulo, Cayeiras, Rio de Janeiro: Melhoramentos, s/d.

PINTO, Agostinho Albano da Silveira. *Código Pharmaceutico Lusitano, ou Tratado de Pharmaconomia*. Porto: Typographia da Revista, 1846.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELLOSO, Verônica Pimenta. *Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes*. 345 f. Tese (História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. Traduzido por José Augusto Drummond do original “Doing environmental history” extraído de Worster, Donald. *The ends of the Earth – perspectives on modern environmental history*. Cambridge; Cambridge University Press, 1988. pp - 289-3070. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. vol 4. n 8. 1991pp 198 215